Hermes

Nº 1 Ano - 1996

**CONSELHO EDITORIAL**

Leda Maria Perillo Seixas

Maria Elizabeth Fontes

Vera Lúcia Paes de Almeida

Os artigos publicados são de responsabilidade de seus autores não expressando necessariamente a opinião da revista.

**DIGITAÇÃO**

Eduardo Martins

Elizabeth de Cassia Sandin Ferreira

(Secretaria Unificada) - Sedes

**PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO**

Plínio de Sousa - C.P.D. - Sedes

**REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E CORRESPONDÊNCIA.**

Instituto Sedes Sapientiae R. Ministro Godoi, 1484 São Paulo - SP CEP 0515-900 Telefone (011) 262-8024

Ao Dr. Sándor,

Com respeito e carinho,

Reflexões sobre seus ensinamentos.

Saudades ...

***ÍNDICE***

*EDITORIAL ..........................................................................................................5*

*E COMO ELES RECEBEM O TRABALHO CORPORAL? RELATO DE UMA PACIENTE .................................................................................... 6*

*Ana Maria Galrão Rios e*

*Maria Isabel Marcondes Pontes*

*QUANDO O CORAÇÃO CHORA PELO QUE PERDEU, O ESPÍRITO RI PELO QUE ENCONTROU. (UM AFORISMO SUFI ANÓNIMO.) ...................... 13*

*Maria Luiza Andrade Simões*

*O MITO DO ANIMAL MÀGICO .........................................................................23*

*Hannelore Fuchs*

*NOSSO TRABALHO EM CURSO ......................................................................36*

*Lúcia S. Nazareth Pompéia*

*EDUCAÇÃO: UM EXERCÍO DO OLHAR .........................................................40*

*Marie- Celine Lorthiois*

*TECENDO A VIDA .............................................................................................. 44 Anna Vera Araújo Rossi*

*A REDENÇÃO DO FEMININO PARA A TRANSFORMAÇÃO DO HUMANO................................................................................................................47*

*Maria Elci Spaccaquerche Barbosa*

*ALGUMAS OBSERVAÇÕES E COMENTÁRIOS APÓS RELAXAMENTO ...... 59*

*Isis Meira*

*DIVINDADES FEMININAS DO BRASIL ............................................................. 66 Lucy Coelho Penna*

*O CORPO EM JUNG ........................................................................................... 94 Rosa Maria Farah*

*TRABALHO CORPORAL- Um breve relato de uma experiência na periferia de São Paulo ......................................................................................................... 116*

*Rita de Cássia Hetem Assaly*

*RUMI ................................................................................................................... 123 Arnaldo O. Bassoli Jr.*

*NORMAS PARA PUBLICAÇÃO DOS ARTIGOS .............................................. 127*

## EDITORIAL

A primeira idéia sobre a criação da revista nasceu do desejo de encontro e comunicação com os colegas. Gostaríamos de propiciar um espaço informal para a expressão de novas idéias, interesses e possíveis desenvolvimentos do processo de estudos e trabalho compartilhado no Instituto Sedes Sapientiae nos cursos de Cinesiologia, Psicologia Junguiana e Abordagem Corporal. Assim, Hermes, a revista, simbolizaria esse elo de contato entre as pessoas, suas idéias e criatividade. Estamos, portanto, abrindo um espaço de abrangência e inclusividade, onde a integração de todos os aspectos que compõem o trabalho com o ser humano possa ser expressada.

Hermes, o mensageiro, o comunicador. Aquele que faz a ligação entre os homens e os deuses, entre os mundos inferiores e superiores. Ágil, veloz, criativo, mas também trapaceiro, enganador e difícil de captar.

Quando queremos nos comunicar através da palavra escrita, estamos tentando fixar o espírito volátil dos pensamentos, representado por Hermes. Com isso, somos passíveis de encarnar tanto as virtudes como as invirtudes, os defeitos desse arquétipo. Portanto, estamos cientes que a criação dessa revista representa um desafio permanente à qualidade de realização do potencial criativo de cada um de nós. O que esperamos com essa iniciativa é abrir um espaço de expressão diversificado que possa enriquecer a alma de quem se propõe a ler e de quem se propõe a escrever. Para isso contamos com a colaboração de todos que se identifiquem com essa proposta.

**As Editoras**.

## E COMO ELES RECEBEM O TRABALHO CORPORAL?

## RELATO DE UMA PACIENTE

## Ana Maria Galrão Rios e

## Maria Isabel Marcondes Pontes

Quando eu estava tentando encontrar um tema sopre o qual escrever, e já a ponto de desistir, a nossa eterna aliada sincronicidade me ajudou e, numa sessão de terapia, uma paciente comentou que gostaria de ser escritora. É uma mulher adulta, profissional na área da saúde, inteligente, sensível e introvertida. Como ela tem por hábito me escrever cartas, eu pedi a ela que escrevesse sobre suas impressões a respeito do trabalho corporal na terapia, para que eventualmente, publicássemos nesta revista. Ela, muito corajosamente, resolveu correr o risco. Antes de qualquer coisa, gostaria de agradecer a ela pela generosidade em partilhar suas experiências, pela ousadia, honestidade e sensibilidade que demonstra neste artigo, nas sessões, e na sua vida. Seu relato foi o seguinte:

*Lá estava eu, deitada naquela cama turca, coberta com uma manta xadrez que deixava os pés de fora, descobertos. Naquela hora, sempre tinha uma preocupação besta: "Será que meus pés estão bem limpos”?*

*Olhava o teto e pensava que tudo aquilo era muito estranho: era de manhã, tantas coisas haviam para serem feitas em casa: montes de roupa para por na máquina de lavar, o almoço por fazer (acho que hoje será salsicha novamente), todas aquelas tarefas chatas, e ainda havia o trabalho fora de casa à tarde, e eu ali, feito uma idiota, olhando o teto branco, escutando os passarinhos cantando lá fora (sempre escutava um sabiá), e me sentindo terrivelmente mal.*

*O que me segurava ali, naquele consultório, era o sofrimento que, não sei como, havia tomado conta de mim e que agora já parecia um monstro faminto prestes a me devorar.*

*O meu mundo até então, feito de coisas simples, banais, comuns a qualquer mulher casada, com filhos, profissão, casa, cachorro, gato, papagaio, parecia que desmoronava, que se desfazia como uma massa sem consistência.*

*O que estava acontecendo? Não sabia responder. Não sabia ver onde estava o erro.*

*Será que "aquilo" faria algum bem para mim? Faria alguma coisa mudar na minha vida? Eu mudaria meu pensamento com relação ao mundo, às pessoas? Faria alguma diferença no final? Não sabia. Mas, enfim, estava ali deitada, tentando fazer alguma coisa por mim mesma. Acho.*

*"Ela" pegava nos meus pés, dedo por dedo, e eu sentia aquele toque suave de sua mão, e, ao invés de me sentir bem, relaxada, como eu achava que deveria sentir, mais irritada eu ficava. A vontade era chutar sua mão, seu rosto, gritar, jogar fora as cobertas e sair correndo porta a fora.*

*Às vezes, aquilo tudo me parecia uma espécie de charlatanismo, de "benzeção", de passe espiritual.*

*- "Relaxe", vinha uma voz suave de muito longe. E eu me sentia afundar naquela cama. Às vezes, as mãos cresciam, parecia que ficavam enormes, como mãos de gigante. Somente as mãos ficavam enormes, o corpo continuava pequenininho. Então eu me lembrava daquele livro que havia lido na adolescência, onde um homem acordava de manhã e percebia que havia se transformado em barata.*

*Talvez ocorra alguma transformação em mim também. Talvez eu me transforme também num bicho, num gigante, ou num ser disforme com corpo pequeno e cabeça bem grande, ou corpo pequeno com mãos grandes.*

*E então começava a ficar com vontade de rir. Rir mesmo, gargalhar. Achava aquilo tudo meio sem sentido, meio ridículo.*

*-"Sinta a cabeça ... o pescoço, os braços. Sinta seu corpo”. E eu escutava aquela voz suave, vinda de longe.*

*Mas aquele toque de sua mão continuava me irritando. Ainda havia os montes de roupa em casa, ainda havia o sofrimento, ainda havia a falta de sentido em tudo, ainda havia a indiferença, ainda havia a vontade de continuar tentando. Tentando o quê? Para quê?*

*Estar viva, sentir-se viver, buscar a felicidade, estar em paz, ficar em paz comigo mesma. Ser feliz!*

*Talvez fosse melhor procurar uma nova religião. Talvez não fosse encontrar ali, naquela espécie de massagem, ou de relaxamento (não consegui guardar a nome "daquilo") nenhuma resposta a todas as minhas questões. Quem sabe o Budismo? Não havia tentado esta, não conhecia esta religião ainda.*

*Mas felicidade, paz de espírito, são apenas conceitos, não são?*

*Aquela mão no meu rosto me dava vontade de segurar em sua mão, apertar bem forte, sentir seu toque mais forte, pedir para parar com aquilo. Não continue, por favor.*

*Pronto, lá vem a memória de novo, trazendo coisas velhas, esquecidas, sofridas. –“Mãe, me põe no colo". Peço de novo hoje. Não era um pedido de criança, mas um me põe no colo, agora. Sou criança agora. Sou criança ainda. Tenho quatro anos e choro.*

*-"Mãe, quero você agora, quero seu colo, quero chorar sem motivo, sem ninguém me pedindo para eu parar".*

*Pronto, acabou. Não havia mais nenhuma mão pegando no meu corpo. Que alívio! E eu lá, afundada na cama, as pernas pesadas, os braços pesados, as lágrimas escorrendo pelo canto dos olhos, tentando disfarçar, e sentindo um alívio tão grande, como quem passou por uma prova de coragem. A cadeira do dentista é melhor, pensei, lá eu durmo.*

*- "Sinta seus pés, seus braços, movimente devagar seu corpo ... " a voz suave dizia.*

*E eu começava a me mexer, a me mover e sair daquele mundo confuso e tenso. Agora vou sair correndo pela porta afora e não volto mais. Nunca mais. Não quero mais.*

*- "Tudo bem?" a voz perguntou.*

*-"Tudo”. (Lá vem aquela pergunta, quer ver?)*

*- "Alguma observação"?*

*-"Nada. (Não falei que viria?) Só um peso nas pernas".*

*Como poderia, em poucas palavras, descrever um universo confuso, sem sequência, sem lógica, cheio de sentimentos fortes, de vontades estranhas?*

*Como poderiam as palavras traduzir, filtrar o que a mente divagava, em poucos minutos?*

*Acho melhor ficar calada.*

*Mas sabia que na semana seguinte começaria tudo novamente: o medo, a ansiedade, a vontade de sair correndo, a vontade de chorar sem saber porque, a mão crescendo, a vontade de rir, a cabeça crescendo, sentindo-me flutuando no espaço sabendo que não estava, ou aquela sensação do mundo de cabeça para baixo, as paredes entortando, a cama virada, a cama rodando no sentido horário, no sentido anti-horário, em todos os sentidos ...*

*Sei lá quantas coisas diferentes seriam ainda sentidas, e a resposta seria sempre a mesma: tudo bem!*

*Como dizer tudo isso assim, com todas as letras, com todas as palavras? Soam como maluquices, invenção, me atordoam, me levam para não sei onde. Melhor ficar quieta. Já vi muitos fantasmas por aí. Não os quero mais comigo.*

*Quem sabe isto funcione como uma espécie de exorcismo, e eles vão embora e não voltam mais.*

*Os fantasmas foram embora, sim!*

*Mas não foram embora de uma hora para outra, não. Atormentaram nas noites de insônia, invadiram meus sonhos em tenebrosos pesadelos, conversaram longamente comigo nas horas a sós comigo mesma. Alguns foram embora para sempre, outros deixaram de ser fantasmas e se tornaram amigos, mas alguns ainda estão aqui, insistiram em ficar e voltam a me assombrar quando me ponho a vasculhar os cantos de minha mente em busca de explicações ou de sentido, ou de soluções para os enigmas que surgem, para os quais não encontro, na maioria das vezes, uma resposta, um caminho, e me perco com suas aparições.*

*Ao penetrar neste mundo meio mágico, meio místico, meio científico, meio irracional, meio emocional (desculpe, Ana, por alguns adjetivos), me encantei com tudo que passei a conhecer, e a ter uma visão diferente da que até então tinha de mim mesma, do mundo ao meu redor, das pessoas que conhecia, ou com quem convivo, de tudo, enfim.*

*Esta nova visão do mundo e este deslumbramento todo, fez com que eu passasse a falar, a falar, mais ou menos como a Emília do Sítio do Pica-Pau Amarelo, que, após tomar as pílulas que a tornaram uma boneca falante, falou por horas seguidas até cair desmaiada.*

*-"É fala recolhida", diagnosticou o Dr. Caramujo, na estória.*

*Acho que era meu caso também: tratava-se de um problema de fala recolhida, associado a outras coisas.*

*E, após essa falação toda, tive alguns efeitos colaterais da mesma: senti-me frágil e vulnerável perante uma pessoa que, de repente, conhecia tudo a meu respeito, e para a qual eu havia exposto minha alma e que, levada por mim, conheceu minhas dores, fracassos, temores, anseios e vitórias, e da qual eu sabia apenas o nome e o número do telefone, para recorrer nas horas de angústia e ansiedade. Esta dependência de outra pessoa, que se instala a partir das confidências feitas, acaba também nos sufocando de certa maneira, e sendo uma questão a mais a ser resolvida. Esta via de mão única me incomoda bastante. Tento ainda me esconder, para não mais ser pega na minha própria rede, como quando criança, entrava debaixo da cama para me esconder do farmacêutico e não tomar injeção. Sempre pensava que lá ninguém me acharia.*

*E ainda hoje, mesmo tendo passado todo esse tempo de terapia, e a minha confiança em você chegue perto do ilimitado, eu me pergunto se realmente você tem a exata noção do peso e da responsabilidade que é entrar na vida de uma pessoa, vasculhando cada canto escondido, e fazê-la acreditar que seu sonho é possível de se realizar, seja ele qual for? Que não há limites para sonhar? Que não há limites para se querer ou para quando se quer tentar?*

*Vamos trocar de cadeira e fazer uma nova brincadeira: agora eu escuto e você fala. Você vai me contar qual é a sua fantasia maior, qual seu sonho que não se realizou, sua frustração, medos, alegrias, tristezas, me dizer, afinal, quem é você.*

*Esta é a minha fantasia maior em relação a você como terapeuta.*

*Afinal, é isto o que sinto como paciente de uma terapia.*

*Ana, agora é diretamente com você! Por tudo isso, não vou entrar nesta fantasia que posso voltar a sonhar como uma adolescente, que ainda há tempo na minha vida para me tornar uma jornalista, ou uma profissional desta área, porque na minha ótica é preciso mais que a vontade e o sonho. É necessário o preparo técnico para isso. Esta fantasia de sonhar e realizar os sonhos, penso ser mais sua do que minha. Talvez seja essa a sua fantasia em relação a mim.*

*Só estou cansada do que faço, e, num momento de fraqueza, quando a minha inteligência dormia e a minha alma perambulava, um duende plantou essa idéia, não sei se em mim ou em você, ou se deixei escapar que, em dia já muito distante, sonhei em ser jornalista. Sonhei.*

O que eu posso fazer para dar um empurrão no seu sonho, Bel, é publicar seu relato aqui. Se meu sobrenome fosse Frias, Mesquita ou Marinho, você pode imaginar, (provavelmente apavorada), onde estaríamos agora. Como eu já disse, não quero ser sua única fã. É uma posição desnecessariamente solitária ... Quanto a mim, o que eu tenho a dizer é que, enquanto cada pessoa que eu encontrar me der a oportunidade de sonhar para ela um sonho, meu trabalho tem sentido. E tudo vale a pena.

## "QUANDO O CORAÇÃO CHORA PELO QUE PERDEU, O ESPÍRITO RI PELO QUE ENCONTROU. "(1) (UM AFORISMO SUFI ANÔNIMO)

## Maria Luiza Andrade Simões

Antes de tudo é preciso colocar claramente o tema desta exposição. Se não todos, a maioria dos presentes deve ter percebido a relação com a perda que realmente tivemos no início do ano passado. Digo tivemos e refiro-me a um grupo bastante amplo. Nosso coração de fato chorou. (2) Mas hoje trago para vocês o resultado de uma observação que logo se impôs a muitos de nós, já naqueles primeiros momentos. Foi uma vivência, uma experiência que, para nosso espanto, está literalmente expressa neste aforismo sufi anônimo. O encontro desta frase no meio de papéis guardados e esquecidos, naquele momento, já faz ressaltar o fenômeno a que Jung deu tanta importância: a sincronicidade. Duas ocorrências se evidenciam ao mesmo tempo, e, aparentemente, nada têm a ver uma com a outra. Em algum momento muito anterior a tudo aquilo, havíamos anotado aquela frase, e ela agora tinha um sentido total.

Em uma homenagem feita na PUC, em São Paulo, alguém mencionou o estranho fato de, junto com as lágrimas, ter percebido uma alegria. E idêntica tinha sido a minha vivência, não uma vez, mas muitas, quando o coração chorava a perda. Um aforismo, todos sabem, está nos dicionários, é uma sentença curta que carrega um conceito, uma idéia moral. Consta que este aforismo teve sua origem entre os sufis. Minha idéia, no inicio, era apenas, com uma ou duas frases, mencionar quem são os sufis para quem, eventualmente, não o soubesse. Mas estendi-me muito mais, porque a sua própria descrição já lança uma ponte para as nossas reflexões.

Os sufis tornaram-se conhecidos, com a expansão do islamismo, do século VII até o século XVI, e estão entre árabes, turcos, persas, indianos, malaios.

Mas foi dito: "Sua origem e fontes reais encontram-se no antiquíssimo anseio de Deus experimentado pela alma humana". Os sufis produziram grandes teólogos, poetas, cientistas. Têm sido saudados como santos e executados e perseguidos como heréticos. Ensinam que existe uma só verdade fundamental dentro de tudo o que se chama “religião". Certa vez, alguém mencionou (e não poderia agora localizar a fonte): "Você pertence a alguma religião”? E a resposta foi "Não." Nova pergunta "Por que”? "Por causa da Religião”. Não se apreende muito facilmente o sufismo. Eles dizem: "O segredo se protege. Encontra-se apenas no espírito e na prática da Obra". São muito interiorizados, sem deixar de atuar no mundo, e aí são muito concretos: "Põe em prática teu conhecimento, pois o conhecimento sem a prática é um corpo sem vida".

No dizer sufi, o sufismo "é uma aventura de vida, uma aventura necessária". (O grifo é meu.) Uma das denominações do sufista é "Tarikasufiyya", e "tarika" significa caminho e modo de fazer alguma coisa; "suf" quer dizer lã, pois eles se cobriam com roupas de lã de camelo. Já mencionamos sua interiorização e seu estar no mundo de forma bem concreta. O grande poeta Rumi diz: "Quem não prova não sabe". Fica então, para nós, dos sufis, a interiorização e ao mesmo tempo, a importância da vivência concreta. Não foi à toa que deles nos veio esse aforismo, que tão bem descrevia a nossa vivência:

"Quando o coração chora pelo que perdeu, o espírito ri pelo que encontrou".

Nossa reflexão continuou durante esse ano e meio. Por que fora assim? E como podíamos observar, quando havia um intenso sentimento que parecia invadir tudo? Então entendemos que havíamos sido preparados por um paulatino e constante caminhar na proposta de Jung: a observação cuidadosa do fato psíquico. Ao mesmo tempo a situação é complexa: o objeto da nossa observação é ao mesmo tempo o observador. É interessante que um mestre sufista descreve em versos, em um livro com nome nada científico, alguma coisa que se aplica à nossa ciência. Trata-se do mestre Pir-i-Do-Sara, que no seu livro "*Montanha da Iluminação*" diz: "Você pode imaginar uma mente observando-se em sua totalidade? Se ela estivesse toda empenhada na observação, o quê estaria observando? E se estivesse toda empenhada em ser mente, quem faria a observação? A observação do eu será necessária enquanto houver um eu distinto do não eu".

De certa forma esta é, ao mesmo tempo, uma situação cômoda, eu diria perigosamente cômoda, pois pode desviar-nos da rota que nos levaria aonde queremos todos chegar, isto é, bem próximos da verdade. Corremos o risco de só ver o que já conhecemos e não olhar para o que nos assusta, nos espanta, no mínimo nos desconcerta, literalmente desconcerta, cria desordem e confusão. Por aí chegamos a uma conclusão: nesse caso, Jung nos parece mais rigorosamente científico do que aqueles que o acusam de ser místico. Não podemos fechar os olhos para o que quer que se apresente como fato psíquico.

Jung, no inicio de seu livro "*Psicologia e Religião*" diz: "O ponto de vista da Psicologia que eu represento é exclusivamente fenomenológico, ou seja, trata apenas de ocorrências, acontecimentos, experiências, em resumo, de fatos. Sua verdade é um elemento fatual e não um juízo". Com isso, ele acentua que o objeto da Psicologia são as idéias que se apresentam nos indivíduos; e uma idéia é psicologicamente verdadeira na medida mesmo em que existe. E determinadas idéias existem pelo mundo inteiro e em quase todas as épocas.

A ciência da Psicologia exige então uma observação cuidadosa dos fatos psíquicos. O que nos estimulou a fazer esta comunicação foi uma vivência nítida, definida. Alguma coisa se imiscuía nos nossos sentimentos, e nos mostrava algo novo e surpreendente: a despeito de nós mesmos, nossos músculos desenhavam um sorriso com a nossa boca, havia no peito uma sensação de calor e dilatação que só conhecemos quando recebemos uma notícia muito boa.

A atitude de observação cuidadosa pode ser chamada de uma atitude religiosa, se adotamos a acepção da palavra “religião" como sendo "relegere", ler de novo, ler atentamente. Rudolf Oto ao definir esta palavra fala em observação cuidadosa de uma ação dinâmica que não é causada por um ato arbitrário. Esse treino constante do olhar, que não nos permite fechar os olhos para o que quer que se apresente como fato psíquico, que talvez espante, confunda, faz que na presença de uma circunstância enorme, abaladora, não nos fechemos e tudo possa ser registrado, não com a discriminação alerta e, até diria, "calculista", de uma mente que busca provas para aquilo que quer encontrar, mas através de uma instância todo-abrangente, que põe luz insistentemente sobre uma sucessão de estados interiores até então desconhecidos, e que se revelam, por isso mesmo, surpreendentes. Tratava-se de experimentar que eu não crio alguma coisa, mas alguma coisa se cria dentro de mim. Podemos dizer com Esther Harding que "as pulsões instintivas ou impulsos vitais sempre se apresentam à consciência sob uma forma bem pessoal, como ‘Eu quero’, ‘Eu necessito', quer se trate de fome de alimento ou de satisfação sexual, segurança ou dominância, que façam despertar essa demanda urgente ou compulsiva. Mas essa ‘pessoalidade’ da necessidade é ilusória: na realidade, esse 'Eu quero' nada mais é do que uma expressão pessoal do fato de que a própria vida 'quer' em mim".

Essa observação cuidadosa não só permite descobrir que muita coisa dentro de nós "se faz" sem que nosso eu consciente seja disso o autor, o criador, mas leva um cientista como William James a dizer no seu livro "*Pragmatismo*" que "nossa estima pelos fatos não anulou em nós a religiosidade. Ela mesma é quase religiosa. Nosso temperamento científico é devoto".

Temos então o ensinamento de Jung, desculpem, bastante óbvio, de que ... fatos são fatos ... E o ditado popular diz "Contra fatos não há argumentos". E além disso, aquela frase sufista vinda de longe, escrita não sei em que século e nem sei por quem, me explicava claramente aquele fato. Tudo isso pode servir para a nossa reflexão, amplamente. Basta que tenhamos vontade de explorar aquela nova trilha que se propõe, mal e mal percebida, a certa altura do caminho.

Temos também a sinalização direta do corpo, que se impõe, digamos, tanto para o bem, como para o "mal", o que deve ser entendido com certo senso de humor. Se alguém recebe "informações" internas de que algo "pede caminho" e não dá ouvidos, não quer saber, não se propõe à exploração daquela trilha nova, o corpo começa a lastimar-se, a choramingar, e sobre isso não vamos nos estender. Quando "observamos religiosamente", este mesmo corpo responde também: quando alguém conscientemente muito triste, registra uma sensação de alegria, que nada teria a ver com a situação.

Vínhamos, há anos, bebendo dessas duas fontes: Psicologia jungueana e trabalho corporal. Aprendemos que somente uma Psicologia que não feche suas portas a fatos não racionais, nem os queira explicar por categorias que não os podem abranger, merece realmente esse nome. O maior contém, não nega o menor, mas o menor deixa fora o maior. Esse ser vivente que tanto se orgulha de sua diferenciação no reino da natureza como animal "racional", não se explica só pela razão. Em "*Entrevistas com Jung*", ele diz "Ninguém sabe onde termina o homem”... Aquelas vivências maiores nos atravessam, impõem-se. Naquela situação, a mímica facial apontava: há um sorriso no teu rosto, e a sensação de expansão no peito e de calor, correspondia bem ao que se chama alegria. E nada racional, nada lógico explicava o fato que as sensações corpóreas expressavam ineludivelmente. A mente não explicava, não entendia, o corpo mostrava.

Pareceu-nos então lícito fazer um paralelo: as coisas se passavam no eixo das funções que Jung chama "irracionais" e que poderíamos considerar como o veículo para essa visão do homem "sem limites". Intuição e Percepção, as assim chamadas funções irracionais, por Jung, abrem-nos as portas para a perplexidade, para o incerto e o desconhecido. Lembrando o que diz Esther Harding, nos expressaríamos assim: “o ‘eu’ pessoal nada mais é do que instrumento ou canal para a expressão de algo maior”. Este algo maior aparece com toda a sua pujança na necessidade do homem de ter crenças, de crescer, se expandindo ou conquistando. Ele parte do que já conhece para a aventura do maior. Até o momento em que alguma coisa pequenina e nova lhe sussurra ao ouvido: este não é o Maior, começa tudo de novo ... Está ali o eixo irracional das funções “jungueanas”. Nessa atitude de nos abrirmos para o novo, de "deixar que aconteça", vamos percebendo que um princípio até então insuspeitado aos poucos "toma a batuta", não para nos escravizar, mas para fazer de nós uma orquestra cada vez mais harmoniosa; a esse maestro se deu o nome de "Espírito". Ele não é os músicos, não é os instrumentos, nem é a música, mas os três dão a ele condições de se manifestar, os três são a nossa consciência. Mas o que chega é o novo, não é aquilo que eu já sei ou conheço, ou quero que chegue a mim. A partir daí regem as leis do Espírito e não as leis do eu. Tais experiências apontam, se "temos olhos para ver", e todos nós os temos. Só não os temos treinados, dispostos, diria até honestos ... Então, essas experiências põem simplesmente diante de nós fatos, não nos obrigam, não se impõem. Podemos dar-lhes nomes segundo conceitos já bem estabelecidos e, seguindo caminhos conhecidos, mais ou menos, ou temporariamente, resolver essas situações. Ou, honesta e humildemente, olhar para elas e perguntar: o que quer dizer isso, esse fato estranho e nada costumeiro, nada convencional? E então podemos entender o que diz Jung nos seus seminários sobre "*Assim falou Zarathustra*":

... "*É como se fossemos o governante de uma terra parcialmente conhecida, rei de um país com um número desconhecido de habitantes. Não sabemos quem eles são e quais são suas condições; de tempos em tempos descobrimos que existem fatos em nosso país cuja existência desconhecemos. Consequentemente, não podemos assumir a responsabilidade, podemos somente dizer: 'Encontro-me como governante de uma terra com fronteiras desconhecidas e de estranhos habitantes, possuidores de qualidades das quais não tenho qualquer ciência ... Somos uma espécie engraçada de rei neste país, um rei que não é bem rei, ... que muito amiúde não consegue levar adiante suas próprias intenções. Portanto é melhor não falarmos em sermos de fato reis, mas somente um dos habitantes, que possui deste território somente um canto que governa. E quanto maior for nossa experiência mais veremos que este canto é infinitamente pequeno em comparação com a vasta extensão desconhecida que existe além de nós".*

Voltamos ao eixo das funções irracionais, intuição e percepção, onde podemos citar os poetas e os místicos. Fernando Pessoa diz que a intuição é o instinto do homem na direção de uma Inteligência Maior. Mas trazemos o próprio Jung que diz que o homem tem um apelo inexorável para vir a ser aquilo que já é, isto é, carrega dentro de si a meta da individuação. E por isso, ele diz nos seminários sobre as visões de uma mulher, que "Cristo foi alguém que cumpriu até as últimas consequências o seu destino". Esta pulsão necessita um livre caminho para realizar-se. E só a consciência pode abrir este caminho. E ela o faz quando diz "Eu aceito". Se olharmos à nossa volta, podemos logo ver um exemplo dessa aceitação, não da morte, mas da vida, dessa entrega de si mesmo: todos conhecem o Herbert de Souza, o Betinho, e todos sabem o que ele anda fazendo. Para nós, como reflexão, isto não é um acontecimento social, é Psicologia, Psicologia jungueana.

Um pouco mais longe, em Portugal, conhecemos um sábio de 86 anos, o professor Agostinho da Silva. Este não é um fenômeno de intelectualidade, mas outro caso de plena entrega à vida, ao maior dentro dele. Outra entrega a esse Espírito pode ser constatada no fenômeno que ocorre nas grandes universidades dos Estados Unidos, onde, como disse um professor "circulam pelos corredores os prêmios Nobel de diversas ciências". Como para que se comuniquem coisas, é necessário que elas recebam nomes, este fenômeno foi chamado por um filósofo francês “a gnose de Princeton”, uma neo-gnose, diz ele. Do livro de Raymond Ruyer "*La Gnose de Princeton*" extraímos as seguintes passagens: "O terceiro milênio que logo vai começar será a idade do espírito, da consciência e do divino." Outra colocação: "Nada neste universo aparece mais como estático. Tudo está em processo de vir- a - ser, ou até em processo de criação. A matéria não pode mais ser explicada sem que se recorra à hipótese do Espírito. Todo o movimento da vida sobre a Terra desenvolve-se segundo leis e mecanismos de uma figura e inteligência de tal forma prodigiosas que não poderiam ser fruto do acaso. Para explicá-los é preciso recorrer necessariamente à intervenção de uma inteligência superior e organizadora: Deus, 'o Velho', como familiarmente o chamava Einstein. A Nova Gnose tende a uma espécie de 'intimidade com o Universo'”. Ainda da mesma fonte: ... “A sabedoria consiste em desembaraçar-se das intoxicações, cerebrais; o jogo consiste em descobrir a regra do jogo."

É aqui que podemos inserir uma colocação de Jung, feita em 1938, portanto quase trinta anos antes da eclosão deste movimento dos assim chamados por Ruyer "neo-gnósticos". Vale a pena paralelar esses poucos parágrafos anteriores com o pronunciamento de Jung nos Seminários sobre "*Assim falou Zarathustra*", de Nietzsche:

*"É uma grande descoberta que, abaixo ou ao lado de nossa psique ou consciência, ou mente, existe outra inteligência da qual não somos os criadores e da qual dependemos. Vejam, o maior medo de Freud é que possa haver algo externo que não seja o ‘eu’; dizer que existe uma inteligência maior fora de nossa mente significa que devemos estar loucos. Como Nietzsche. Infelizmente para Freud, Nietzsche não foi o único que teve tais pensamentos; foi convicção de milhares de anos antes de Nietzsche, que a inteligência do homem não era a palavra final, que mesmo sua mente era o resultado de algo atrás da tela, que não somos criadores mas criados. Nossa mente não é o deus criativo que faz o mundo inteiro pular na existência a partir de nada. Existe uma preparação. Há, anterior à consciência, um inconsciente a partir do qual a consciência uma vez emergiu, e esta é uma inteligência, que seguramente excede a nossa, de uma maneira indefinida".*

Só quero ainda acrescentar que na nossa experiência do uso do trabalho corporal na atividade terapêutica, recebemos a cada hora testemunho dessa presença Maior, do Espírito, desse algo mais que ultrapassa a nossa inteligência, qualquer que seja o nome que lhe dermos, e certamente o nome é o que menos importa. Só para ilustrar conto a observação de uma moça que em uma de suas primeiras experiências com a técnica dos toques suaves nos dedos dos pés, a Calatonia, vivenciou o seguinte: primeiro houve uma repentina sensação de que "alguma coisa "aterrizava" no meu corpo inteiro, mas em todas as partes do meu corpo, nas mínimas partes dele, na menor reentrância embaixo de minhas unhas. Eu perguntei: 'De onde você veio' e ouvi uma resposta 'Eu sou a eterna claridade' ... Essa moça é muitíssimo lúcida, consciente, naquela época nada sabia do que quer que se pudesse catalogar como extra sensorial, irracional, esotérico, espiritualista, etc. Tivera uma educação católica tradicional mas se sentia "absolutamente inadequada" na vida. Por isso buscava terapia. Um jovem intelectual durante o trabalho corporal também ouviu uma voz que dizia "Você tem medo do que ... de ter que matar alguém”? Não entraremos em detalhes deste caso. Não eram inclinações assassinas as motivadoras deste "interrogatório" mas uma certa dificuldade em introduzir mudanças de rumo na vida. Muitos e muitos outros exemplos seriam adequados para ilustrar essa Presença que se propõe se não forçamos nada, mas se não forçamos também interpretações pré-construídas, e aceitamos observar tudo religiosamente.

Não posso resistir à tentação de terminar apresentando-lhes o velho sábio que mencionei antes, Agostinho da Silva, usando de uma liberdade que aprendi com ele a amar e respeitar acima de tudo:

*"Muito complicado para qualquer um de nós? Coisa nenhuma! É apenas: o mais possível sermos aquilo que somos, fazendo o favor de ser ao mesmo tempo o mais poderoso possível naquilo que nos tiver apaixonado .... ".*

E aproveitando a colocação de Jung, que mencionei na página anterior, de que "Há, anterior à consciência, um inconsciente a partir do qual a consciência uma vez emergiu, e esta é uma inteligência que seguramente excede a nossa, de uma maneira indefinida". Cito ainda Agostinho:

QUADRINHA DE PRESENTE E DE FUTURO

Indefinível é Deus,

Indefinidos vós sois.

Por amor e por serviço,

Um dia juntam-se os dois.

NOTAS:

(1) Palestra proferida nº 32 encontro do "Aion - Centro Junguiano de Integração e Desenvolvimento", em Campinas, SP, 1993.

(2) A autora refere-se ao falecimento do Dr. Sándor Pethö, em Pocinhos do Rio Verde, MG, em 28 janeiro de 1992.

## O MITO DO ANIMAL MÁGICO (1)

## Hannelore Fuchs

*'Parece-me merecer observação atenta a maneira como se processa o relacionamento do homem (doente ou não) com o animal. Este relacionamento reflete a problemática entre o homem que se esforça para firmar-se na condição humana e o animal existente nele próprio. Relacionamento difícil, de luta, sacrifício, confronto, amizade, desenvolvido ordinariamente numa trama complexa de projeções e identificações’. (2)*

Surge em pleno fim de século, o mito do animal como poção mágica. À semelhança das pílulas mágicas vendidas em farmácia sua posse é fácil, até fácil demais. Peixinhos, acondicionados em charmosos saquinhos de plástico, são doados como "lembrancinha" em festa de criança, pintinhos na páscoa aparecem na porta dos supermercados, nas feiras de animais o filhotinho já vem pronto com o lacinho. Poucos recusam o peixinho ou pintinho, ou são imunes ao encanto de um filhote que abana o rabinho e pede para ser levado.

Tudo isto porque "bicho é bom para gente", faz bem.

O animal como símbolo de poder de cura não é novo. Desde a antiguidade, conhecemos animais míticos como o unicórnio, a sábia serpente, o gato imortal, a tartaruga a carregar o peso do mundo. Estes animais curavam doenças, na sua maior parte, físicas.

Um número crescente de autores vem se dedicando ao estudo do relacionamento do homem com o animal, analisando o papel dos animais de estimação junto a grupos sociais específicos: como crianças, idosos, deficientes físicos e mentais e outros. Pesquisadores deste final de século (3) patentearam propriedades curativas como: sobrevivência a enfarte do miocárdio, baixa de pressão arterial, estados alterados de consciência, para quem olhasse um aquário.

Há unanimidade na valorização dos benefícios para o ser humano, quer físicos, quer psíquicos e, que ao serem propagados induzem a população, vítima de urbanização e alienação crescente, à compra indiscriminada de animais.

*Por quê*?

Vivemos uma época de grandes mudanças, qualidade de vida deteriorando, violência urbana aumentando. Habitamos "selvas de pedra", apartamentos minúsculos.

As crianças têm que se contentar com playgrounds estruturados como “monstros de aço", grama proibida de ser pisada. Computadores, televisão e videogames substituem os jogos de rua, substituem os amigos.

A alienação da natureza de todos nós, não só das crianças, é grande. Os urros de monstros de toda espécie não assustam, o silêncio da mata, sim.

As crianças típicas de nossa era vivem em meio a inseguranças e fatores de stress: doença, morte, ausência dos pais durante a maior parte do dia, chegada de irmão/irmã nova, mudança de escola, de cidade, crises familiares que afetam os pais e logicamente os filhos (divórcio, separação), desemprego, vestibulinhos, violência real e violência na TV.

Assistimos à redução da família nuclear, aumento do número de solteiros. A criança se defronta com crises, sem saber onde procurar ajuda. Ocorre falta de suporte, apoio e sustento por parte das figuras chaves, muitas vezes, por serem solicitadas demais em resolver seus próprios problemas.

À medida que cresce o isolamento das pessoas e aumenta o stress diário, presenciamos o aumento de distúrbios neurovegetativos e síndromes psicossomáticas. A procura de drogas milagrosas se intensifica, a medicina alternativa floresce, o animal é redescoberto como agente terapêutico.

*Qual seria a realidade*?

Por traz do mito, há uma realidade factual importante que é o potencial do animal enquanto ser capaz de afetar positivamente o bem-estar físico, mental, emocional e até econômico de toda humanidade.

Nos E.U.A., 53% de todos os lares têm pelo menos um cão e ou gato. Na Grande São Paulo calcula-se, em média, um cão para cada 10 habitantes, e nesta estatística não são incluídos gatos, mamíferos pequenos, aves, peixes etc..

A posse de um animal de estimação tomou-se recurso advogado por médicos, pediatras, psiquiatras, psicólogos, terapeutas ocupacionais, para minimizar a alienação, o isolamento e o sofrimento crescentes dos grupos sociais já mencionados. Tem-se a impressão que as receitas, em vez de rezarem: “tome uma aspirina”, rezam: “compre um animal, de preferência cão ou gato, se não for possível, qualquer outra coisa viva”.

A introdução de um animal em um sistema familiar é decisão que merece ser ponderada. Vale, pois, para o bem do animal e para o bem da família, ponderar o lado humano e o lado do animal desta relação terapêutica.

*Quais são as características de qualquer animal que o fazem tão desejável como agente terapêutica ou de mudança para o ser humano e a criança em particular?*

**O animal é constante**, está aí, *é ponto constante em tempo de crise,* é presença que pode ser tocada, que não julga ou amedronta como as figuras de autoridade (pai, mãe, professores, etc.) O animal, ao ficar adulto, não se afasta física e psicologicamente, então o relacionamento não muda. Traz segurança, conforto, acalento, companhia, possibilidade de diálogo, de compreensão. É um ombro para se poder chorar, é ouvido, é eco, é o porto-seguro nos momentos de crise, é alguém em quem confiar, e até alguém para o qual a criança poderá ser figura autoritária. É companheiro nas brincadeiras, inicia-as, distrai, faz rir.

O animal, do ponto de vista psicológico, fortalece o ego da criança, ajuda a trabalhar a percepção dela (criança) do seu valor, suas habilidades, sua força. Como a base do relacionamento entre o ser humano e o animal é apego e apegar-se requer amor, a criança, à medida que aprende amar o animal, perde muito de seu egocentrismo. Quando a criança começa a se separar da mãe, como foco central de sua vida, o animal é um "objeto transicional", que oferece segurança, um refúgio. É um companheiro sempre presente e pronto. O animal, neste momento, dá ajuda e fomenta o senso de segurança. Permite aumentar o leque de suas experiências com o mundo. O contato cinestésico com o animal permite à criança a vivência de ser um ente separado da mãe e ajuda no processo de autoestima. Crianças com animais de estimação têm autoestima mais elevada do que crianças sem animais de estimação e, mais ainda, crianças carentes no que toca à qualidade, cuidados e carinhos maternais, usam o animal de forma compensatória.

**O animal ensina**: *respeito à vida, a outros seres vivos*. Cuidar, ter cuidado, ver a fragilidade do outro, conscientizar-se da dependência do outro, ensina observar a natureza. Animais como a tartaruga demandam e ensinam paciência, o passarinho faz refletir sobre a restrição de liberdade. Não devemos desprezar o fato que o animal ensina habilidades sociais, por ser tão "diplomata", por saber agradar, guardar pouco ou nenhum rancor.

**O animal mostra** comportamentos naturais, atividades fundamentais: instintivas, rotinas, ritmo e periodicidade. O cão e o gato, se adequadamente socializados e educados, são modelo de comportamentos ajustados, adaptados e que podem ser imitados. Mostra a vida sexual, maternidade, doença, velhice e morte.

**O animal facilita** contatos sociais, é um verdadeiro "lubrificante social". Este termo foi empregado por dois pesquisadores ingleses, Mugford & M'Comisky (4) para descrever a melhora social observada em sujeitos de terceira idade aos quais era dado um periquito australiano. A ave tornou-se um ponto de congregação, assunto de conversa. O fenômeno se repete nas ruas e praças urbanas, onde o adulto ou a criança, acompanhado de um Mugford, granjeia simpatias, tem toda uma rede de amizades, há confraternizações e "troca de figurinhas".

A criança, dona de um animal de estimação, toma-se mais atraente, querida, é mais procurada, se enturma melhor com outras crianças.

Em sessões de psicoterapia, a criança se relaciona mais facilmente com o animal do que com o terapeuta.

**O animal espelha o sistema familiar**. Para a criança, o modo como os pais tratam o animal é um modelo. A maneira de lidar com um animal é bastante semelhante à maneira como o ser humano se vê, aos outros e ao mundo em geral.

***A AQUISIÇÃO***

*Responsabilidades e restrições. Dicas*

*"Os homens esqueceram esta verdade”, disse a raposa. "Mas você nunca deve esquecê-la. Você se torna responsável, para sempre, por aquilo que você tenha amansado. Você é responsável por sua rosa ... "(5)*

Considerações gerais

Assumir um animal em casa implica em trabalho, dedicação, tempo despendido, custos e restrições na liberdade da família de ir e vir, viagens, férias, fins de semana.

Adquirir um animal, qualquer animal, peixe, iguana, passarinho ou gato é coisa séria. Assessorar a compra de um animal é tarefa ingrata. Implica em ajudar a planejar um relacionamento de longo prazo "até que a morte nos separe", sendo que a escolha deverá ser racional e analítica, a fim de eliminar o fator afetivo, impulsivo. Este último é responsável pelo aparecimento de uma ninhada de coelhos na banheira para salvaguardá-la dos dentes de dois cães fila, pela doação de um sheepdog que se tomou grande demais para um apartamento, pela devolução dos periquitos, pelo abandono do filhote vira-lata que cresceu demais.

A aquisição deverá satisfazer não só o futuro proprietário, mas os demais integrantes da família. Tem-se observado que, ao longo do tempo, o laço afetivo maior nem sempre se estabelece com quem pediu o animal ou comprou o animal, mas com quem cuida.

Inerente ao planejamento de aquisição são os seguintes passos:

I. *A escolha da espécie*.

Escolher esta ou aquela espécie implica em responder a algumas perguntas, e ainda implica em reflexões sobre sua personalidade e estilo de vida. Atualmente, nada garante que o cão e o gato tenham o monopólio como "terapeuta" e só eles estejam firmemente enraizados no seio familiar. O cavalo se faz presente sempre, porém existem outras espécies em voga, com vantagens práticas para quem dispõe de pequenos espaços, poucos meios e pouco tempo.

\* pequenos mamíferos: coelho, hamster, gerbi, furão.

\* aves: da cacatua ao periquito australiano

\* répteis: da iguana, tartaruga aquática ou terrestre às "cobras mansas"

\* peixes: De água fria, água doce aos multicoloridos e caros espécimes de água salgada.

Esta lista está longe de ser abrangente. Inclui duas classes de animais: os que podem ser tocados e aqueles com os quais a interação se faz à distância.

Qualquer destes animais toma-se, à medida que ele é único, um animal de estimação, o "pet”. O termo "pet", usado e abusado no marketing de animais, vem do termo inglês "tocar carinhosamente", tem, pois conotação inicial estritamente corpórea. Parte do valor terapêutico dos animais de contato está ligada ao tocar e ser tocado.

Para facilitar sua escolha, você deve ser capaz de visualizar o adulto. Como ele ficará:

\* fisicamente

\* do ponto de vista comportamental

\* como ele vai se encaixar no espaço físico de sua moradia

\* como ele vai se encaixar no seu estilo de vida

O que faz um animal ser especial é o que o Pequeno Príncipe dizia para as rosas:

“...... *qualquer transeunte pensaria que minha rosa se parece com vocês - a rosa que me pertence. Mas ela, sozinha, é mais importante do que todas as centenas de vocês, outras rosas. Porque foi ela que eu reguei, porque é ela que coloquei embaixo da redoma, porque é ela que abriguei atrás do anteparo, porque é por ela que matei as faturarias, (exceto umas duas ou três que salvei para se tornarem borboletas) porque é a ela que tenho escutado quando se queixa ou conta vantagens, ou mesmo quando, às vezes ela não disse nada. Porque ela é minha rosa” .*

De ordem prática, as perguntas abaixo são úteis para a escolha da espécie. raça e tamanho do animal.

*a) Qual a finalidade do animal? Para convívio com a família ou para ter alguma função específica, tipo guarda, co-terapeuta, competição etc.. ?*

*b) As pessoas que estão com você estão de acordo?*

*c) Sua casa/apartamento* ***tem*** *espaço suficiente para a espécie/ raça escolhida?*

*d) Você está disposto a* ***cuidar do animal*** *durante toda a sua vida? Cães vivem de 10 a* ***15*** *anos* ***em média****, tartarugas, papagaios* ***ainda*** *bem mais.*

*e) Você pode custear a alimentação e cuidados veterinários? E os acessórios? roupa, shampoos, desinfetantes, remédios, alojamento, banho, tosa, etc.*

*f) Você já pensou quem vai cuidar do animal durante suas ausências (férias, viagens) ou* ***situações*** *de emergência?*

*g) Você cuidará dele, da higiene, da limpeza de gaiola, etc.?*

*h) Se for um cão: você cuidará dele dando banhos, escovando e levando-o para passear regularmente? Você está preparado para treiná-lo com noções básicas de obediência?*

*II. A escolha do indivíduo*

Esta escolha depende da espécie. Aconselho que sempre se verifiquem as condições de manutenção do "candidato". Gaiolas, aquários, canis deveriam estar impecáveis. Focalizando cão e gato, a escolha, segundo critérios comportamentais se impõe, relegando a um segundo plano as características morfológicas.

Em se tratando de cão, observe a interação com o criador, peça para ver a cadela.

Vários autores têm desenvolvidos testes de seleção de filhotes, com o propósito de ajudar o futuro proprietário a escolher o cão que melhor se adaptará a seu estilo de vida e a seu meio ambiente familiar. Nestes testes, que tenho aplicado ao longo dos últimos cinco anos, são pesquisadas dimensões do temperamento social do animal. Estes testes não fornecem indicações definitivas, mas facilitam bastante a seleção de um filhote que não seja desmancha-prazeres, nem associal.

Uma palavrinha sobre o sexo: estatisticamente está provado que os machos criam mais problemas comportamentais que as fêmeas, principalmente na esfera da dominância - agressão.

*O animal na família.*

Efetuada a aquisição, o animal integra e altera o sistema e dinâmica familiares. Questionários americanos atestam sua presença na cama, à mesa, como confidente, como filho, amigo ou amante, recebe cartões postais e telefonemas.

Ao introduzir um animal no sistema familiar não se trata mais de entender o indivíduo-animal, mas de entender o relacionamento entre os indivíduos animais e humanos, qual foi o motivo de estarem juntos, quais as necessidades, os benefícios, que mudanças ocorrem. O papel do animal na família depende da estrutura desta família, força psicológica e física, fraqueza de cada um de seus componentes. Depende também do que motivou a aquisição. Cain (8) arrola: prazer, companhia, finalidades educacionais, recolher animal abandonado, substituir perda animal ou humana e, nos dias de hoje, proteção.

O animal torna-se um foco, quer de amor ou de briga. No dizer de Nise da Silveira (9): "Nem sempre são de amor as relações do doente com os animais. Estes recebem projeções de certos conteúdos do inconsciente que os tornam alvo de ódio ou temor excessivo." O animal perde suas características específicas. É um ser imputado a partir de identificações projetivas e antropomorfisações.

Entre as áreas de discórdia iniciais temos: problemas de disciplina, educação, cuidados dispensados, o uso de espaço, ciúmes, desencantamento.

Por vezes o animal, trazido para dentro de casa como tentativa de resolução de problemas, agrava e cristaliza os problemas intrafamiliares.

Muitas vezes na clínica, o animal é trazido como tendo um distúrbio comportamental e, ao longo da entrevista fica claro que as dificuldades primárias jazem no ser humano.

Expectativas irracionais são comuns na família marinheira de primeira viagem, mas não só nesta. Não há perfeição animal sem imperfeições.

Tenho testemunhado dissabores de toda espécie: peixes morrem em aquários improvisados, passarinhos não cantam e fogem, hamsters mordem, gatos marcam a casa com urina, cães destroem objetos, cobras deixam de comer, tartarugas ficam de casco mole, coelhos se reproduzem em demasia, acontecem desastres, doença e morte.

Tenho presenciado alegrias, paixões, coragem, abnegação, busca de recursos internos e externos para melhorar a qualidade de vida de animais, às vezes nem comprados, nem pedidos; tenho compartilhado desespero, luto, pesar, e ainda a serena dignidade da morte do animal, retomando ao céu próprio de cada espécie (10) como nós algum dia retomaremos.

***O lado animal***

Exercer a profissão de veterinária é um privilégio. Como veterinária entrei em contato com espécies animais inimagináveis, atendi animais de companhia, animais silvestres e exóticos, filhotes de leão, macacos, antas, etc. Nenhum deles vem falar com a gente sozinhos, sempre vêm acompanhado da figura humana. Acabei me convencendo que o veterinário não enxerga apenas as andanças animais, mas de algum localzinho especial, as andanças humanas também. Tomei-me psicóloga. Vejo relacionamentos cimentados, rasgados, destruídos, emoções e vivências que só quem ama um bicho pode ter. Preciso socorrer o ser humano e o animal.

Vejo o bicho, as modificações, as doenças e me constituo em seu advogado.

O animal recebe, além das influências físicas externas, nossas tensões, medos inconscientes, angústias; é sujeito a somatizações muito semelhantes às do ser humano. Fazemos dele um terapeuta, um intermediário entre o ser humano e a natureza ou entre seres humanos. Tem temperamento, personalidade, vieses, necessidades nem sempre compreendidas.

Há ônus para o animal, quiçá o "estar deitado em berço esplêndido" não satisfaça sempre, ser sufocado por carinhos e mimos excessivos, ser governado tiranicamente. Governamos irrestritos. Os animais são propriedade, considerados filhos, serão sempre filhos adotivos, educados não para a vida, mas para o prazer do dono. A nossa relação com o animal em muito lembra â escravidão, no que diz respeito ao poder.

Esta tutela, tecnicamente chamada de domesticação teve consequências curiosas para os animais domesticados:

*- nossas tentativas de criação e engenharia genética distorcem suas características físicas*.

- *à medida que fornecemos alimento, e geralmente em abundância*, eles perdem a capacidade de busca, de luta.

- *impomos restrição de movimento*. Convivemos com animais mais lerdos: cães e gatos, coelhos, cobras, aves diminuíram sensivelmente sua velocidade em cativeiro. Existem alguns corredores especializados: galgos, cavalos de corrida.

- O ser humano está inserido na estrutura social de muitos animais. “Mamíferos e pássaros criados pelo homem desde os primeiros dias de sua vida, e que não tiveram a oportunidade de conhecer membros de sua própria espécie, aprendem (*imprinting*) a considerá-lo como membro de sua própria espécie e se comportam de acordo." Viramos parceiros, até parceiros sexuais. O comportamento do animal domesticado se altera a ponto de parecer neurótico e esquisito se comparado ao dos parentes da mata.

- *Supervisionamos sua vida sexual e nela interferimos*. Advoga-se a reprodução com finalidade econômica ou didática (é bom para as crianças verem). Não se reflete sobre as consequências. A nossa responsabilidade não acaba no momento em que suspiramos aliviados, por nos havermos livrado do último filhote desta ou daquela cria. Estamos contribuindo e agravando um problema num planeta já superpovoado. O Centro de Controle de Zoonose da Grande São Paulo apreende, diariamente, 300 cães indesejados das mais diversas raças. Gatos e gatas, de rua e de raça, do siamês ao persa, são abandonados em logradouros públicos, cavalos são recolhidos às dezenas, tartarugas, papagaios, saguis, macacos são albergados precariamente no Parque Ibirapuera.

Presenciamos um desperdício muito grande de animais: os pets são empurrados pela mídia e pelos petshops para serem devorados pelo consumidor. O animal de abate é literalmente devorado, irreconhecível, depois de acondicionado em travessas nos supermercados.

- *Não fazemos esforço suficiente para entender sua língua.* Antropomorfizamos sua linguagem não-verbal, interpretamos de acordo com nossos padrões de moral e ética. Nós amamos o animal e esquecemos que aí está um animal e não um pequeno humanoide, envergando um casaco de pele.

- *Não fazemos esforço suficiente para entender o comportamento da espécie*. Os distúrbios comportamentais, se vistos do ponto de vista animal, são expressões de comportamentos naturais, da espécie, que por omissão do ser humano não foram canalizados a ocorrer nos moldes aceitáveis para a sociedade humana.

O animal na sociedade moderna constela a figura de Chíron, "o médico divino e ferido, a mais contraditória figura de toda a mitologia grega (l2) o curador da ferida incurável, o centauro, criatura da natureza, um peregrino que nos acompanha em nosso percurso" pelo mundo da cura e pelo mundo de doença eterna (13). Um mestre paciente e bondoso a nos religar à natureza, que nos faz voltar às origens animais e nos devolve um sentido de harmonia.

Fica em mim um respeito muito grande pelo animal.

O animal é pílula mágica, a mais mágica de todas. Diferente de todas as outras porque é vivo.

NOTAS:

(1) Trechos deste texto foram adaptados de artigo publicado na revista *Nosso Cão*, I (5), 1996, com autorização da Editora.

(2) SILVEIRA, N., *Imagens do Inconsciente.* Rio: Editorial Alhambra, 1981, p.87

(3) FRIEDMANN, E.,A.KATCHER, J. LYNCH, E S. THOMAS. *Animal companions and one-year survival after discharge from a coronary care unit*. **Public Health Reports** 95: 307-312, 1980.

(4) MUGFORD RS. E M'COMISKY. E.G., *Some recent work on the psycho-therapeutic value of cage birds with old people.* ln Anderson, RS. (ed.): Pet Animals and Society. London: Bailliere, Tindall, 1975.

(5) SAINT EXUPÉRY, A. de, *The Little Prince*. N.York, Harcourt, Brace & World, 1971, p. 88

(6) SAINT EXUPÉRY, A. de, *The Little Prince*. New York: Harcourt, Brace & World, Inc. 1971, p.87.

(7) ALBERT A. E BULCROFI, K., *Pets in families*. Journal of Marriage and the Family, col 50, n. 2, May, 1988.

(8) CAIN, A. O., *A study of pets in the family system*, in New Perspectives on our lives with Companion Animals. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1983, p. 72.

(9) SILVEIRA, N., *Imagens do Inconsciente*. Rio: Editorial Alhambra, 1981, p.83

(10) JUNG, C.G., *Psychology and Alchemy*, C.W. XII, {§171} p. 142

(11) HEDIGER H., *Man as a social partner of animals and vice versa*. Symp. Zool. Soco London, 14,291-300, 1965.

(12) GROESBECK, C.J., *A imagem arquetípica do médico ferido*. Junguiana, I, 1983, p. 72

(13) Cf. nota anterior.

## "NOSSO TRABALHO EM CURSO\*"

## Lúcia S. Nazareth Pompéia

Os alunos que procuram o curso de Integração Psico-Física vêm, na maioria deles com a noção intuitiva de que é importante conhecer e integrar o corpo à Psicologia, como conceito e vivência. Eles querem aprender as técnicas usadas e se surpreendem ao perceber que o que querem não poderá ser feito de forma mecânica e passiva como receituário para os males das tensões. Eles têm informações anteriores sobre o curso, mas mesmo assim estão sujeitos aos automatismos de receber e reproduzir conhecimentos.

Nós corremos o risco, pelo fato de ensinarmos técnicas de terapias corporais de cair nesse ensino mecanicista e cheio de automatismos.

A palavra técnica causava um incômodo por todos os seus atuais vínculos e era preciso entendê-la melhor. Nos dicionários etimológicos encontra-se a referência para a origem grega da palavra, *techne*, que significa simplesmente arte, habilidade. Nos dicionários comuns há a seguinte definição: o conjunto de procedimentos ou processos de uma arte. Essas definições resgataram a finalidade criativa da técnica, que procurávamos. Não há arte sem processo criativo. Não há processo criativo sem liberdade de expressão. Não há liberdade de expressão onde a crítica normativa dita a moda do pensamento.

O nosso trabalho inspira-se no método calatônico criado por Pethö Sandor. O nosso embasamento teórico está na linha junguiana. Em linhas gerais, o processo calatônico busca a regulação necessária para cada organismo, considerado nos seus aspectos físicos e psíquicos, não tendo, portanto, um padrão definido de expectativas (só para reafirmar o conceito, a palavra calatonia deriva do grego, *khalaó*, que tem vários significados: relaxação, alimentação, afastar-se do estado de ira, abrir uma porta, desatar as amarras, perdoar os pais, deixar ir - imagens sugestivas...). A idéia aí contida alia-se naturalmente ao conceito de individuação que conceitua o trajeto de desenvolvimento de cada indivíduo na revelação de suas potencialidades próprias, confrontadas com o mundo.

Outra fonte de inspiração é um trecho do livro Mundo Ígneo: "A habilidade de observar é uma das principais qualidades ígneas, mas ela não se alcança facilmente e se acumula tão lentamente quanto a consciência. Vós observastes corretamente que a consciência se fortalece na vida, do mesmo modo que se fortalece a habilidade de observar. Não pode haver consciência abstrata, nem mesmo a observação teórica. Mas a distração humana é monstruosa; ela cria um certo mundo irreal.”...

Com essas premissas, nosso primeiro trabalho com o aluno é conhecê-lo: saber como ele pensa, como observa, como sente, como reage e que encorajamentos necessitará para expressar-se na sua própria forma.

A maior parte dos alunos pretende ser psicólogo clínico em consultórios ou instituições; alguns não têm ainda um campo de trabalho tão definido. O curso não pretende dirigi-lo para um campo de trabalho específico, embora o estágio aconteça na clínica. Nossa preocupação é treiná-lo na sua atitude como profissional, desenvolvendo sua habilidade de observar-se e aos outros, e agir de uma maneira integrada.

Os alunos de quinto ano ainda têm medo de dizer o que pensam no grupo, outros não sabem dizer o que observam e outros têm uma preguiça de dependência. Poucos chegam com uma curiosidade sadia e alguma segurança. Há certo vício ansioso de ter uma explicação imediata para os fenômenos que nem foram ainda suficientemente observados.

Embora o curso informe o aluno sobre as diferentes linhas e abordagens no trabalho com o corpo, é priorizado o ensino vivencial para nos dar a garantia do desenvolvimento dessa capacidade de observação atenta e crescente no aluno, porque ele, aluno, é o seu próprio instrumento de trabalho nesse complexo campo de trabalho que é a Psicologia. Pretendemos também evitar os automatismos cristalizantes.

No ensino vivencial, propomos uma participação compartilhada no aprendizado das técnicas e conceitos. O trabalho no grupo solicita a presença de cada indivíduo com uma atitude introspectiva para facilitar a auto-observação, e solicita também o relato de suas elaborações para o grupo.

Nosso primeiro obstáculo nesse trabalho é a crítica. A crítica do professor, do colega, ou a própria, seja ela explícita ou não, é um fator inibidor nos trabalhos de grupo em que todo mundo é solicitado a expor-se. Uma crítica preconcebida impede uma livre manifestação, porque já vem com um roteiro do que deve ser observado, dito ou pensado. No entanto, é também um desconforto para o aluno, no início, essa ausência de roteiro porque exige dele uma consciência presente o tempo todo.

A execução das atividades que visa o aprendizado das técnicas tem um padrão de certo ou errado, mas as reações decorrentes delas, não. A investigação e elaboração de alguns conceitos exigirão do aluno uma exploração, inicialmente interna, que também não tem roteiro. Durante o aprendizado das técnicas e da investigação dos conceitos é solicitado ao aluno, mesmo que queira ser expectador, que esteja atento ao que ocorre consigo, observando suas reações em silêncio, evitando comentários que dispersem sua atenção e a do colega. Durante o relato de suas observações e conclusões é pedido aos outros que observem as repercussões em si mesmos do que estão ouvindo. O aluno que relata não será interrompido nem pelo professor nem pelos colegas até o final de sua exposição; não será também questionado, mas encorajado e reorientado se for o caso.

Esta forma de trabalho foi inicialmente executada por Ione Galeotti em grupos terapêuticos. Infelizmente não temos um relato escrito do seu trabalho, mas felizmente temos várias pessoas trabalhando sob sua influência. Ela havia batizado seu trabalho de terapia individual de grupo. Quando o terapêutico e o pedagógico se fundem, como aponta Farah, R.(1) no seu livro, só haverá vantagem para o aluno. Não é também nossa intenção trabalhar terapeuticamente com o aluno, mas como já foi apontado, elaborar um trajeto com o aluno na sua própria referência, dando espaço para que ele se revele.

Temos experimentado essa nossa forma de trabalho conforme os grupos vão se configurando, nas aulas e nas supervisões do estágio na clínica. Nas aulas trabalhamos com grupos de 8 a 20 alunos. É claro que nos grupos menores (8 a 14), com o tempo limitado da aula, e com o espaço limitado da sala, ganha-se em profundidade e qualidade. Com o tempo e espaço adequados ao trabalho, grupos maiores abrem uma observação e vivência mais acurada da "psicodiversidade". Independente do tamanho do grupo, temos observado que o aluno consegue superar sua impaciência para ouvir o outro no tempo do outro, e saber do seu próprio tempo e espaço, desenvolvendo no grupo um clima cooperativo e de respeito mútuo. Consideramos que isso não seja um ganho apenas para que o trabalho possa se desenvolver num bom clima, mas um instrumento que o aluno aprende a manejar a partir de si mesmo que reflete em corretas relações pessoais e profissionais.

NOTAS:

\* Sobre o Núcleo Integração - Psico-Física (I.P.F.) na PUCSP.

1. Farah, Rosa M. - "Integração Psico-Física - O Trabalho Corporal e a Psicologia de C. G. Jung", São Paulo: Robe Editorial, 1995.

## EDUCAÇÃO: UM EXERCÍCIO DO OLHAR

## Marie-Celine Lorthiois

Pensamos saber algumas coisas sobre educação. Entre elas, se não somos educadores, pensamos que cabe ao educador educar, e aos outros exercer cada um a sua profissão.

Os pais e as mães consideram-se educadores, mas não tanto quanto os educadores profissionais. Acham-se amadores nesta área, quase incapazes de enfrentar situações que desafiam a rotina familiar.

Esquecemos, e alguns educadores profissionais também esquecem, que educar é tarefa para todos, de todos os instantes, e que cada um está equipado para cumpri-la.

Porque educar é uma questão, basicamente, de olhar. A arte de educar é uma arte do olhar.

É arte de dar luz. Temos perdido a mestria nesta arte, ao considerar o olho como um coletor de informações, um caçador de imagens, um órgão sugador de realidade. Apenas. Ficamos cegos ao fato de que temos a capacidade de construir mundos do tamanho e à imagem do nosso olhar, estreitos e maldosos ou vastos e belos.

O olho já foi comparado ao Sol, e como tal poderíamos reaprender a usá-lo; como um doador, um gerador de Vida, amadurecedor de mundos, enfim, um "acendedor": lembremos a postura hierática dos girassóis fascinados pelo Sol, soberbos ao refleti-lo.

Neste sentido, se o verdadeiro ato de olhar é generoso, ele exige cuidado - trata-se de recobrar a função solar do olho - para que raios não sejam interrompidos por julgamentos, e zelo, para não interpor nada no trajeto da luz despendida: às vezes, o trajeto é longo, o objeto distante da nossa compreensão, por exemplo.

E o educador, paradoxalmente, querendo ser solar, aprende a humildade e a paciência: aprende a não iluminar - e consequentemente alimentar - apenas o que sabe nomear e que aparece talvez como desvio, porque não subordina a distribuição da sua luz à sua capacidade de discernimento; ou é capaz de discernir e oferecer luz ao irreconhecível, isto é, tem a ousadia de lançá-la onde é mais necessária: na escuridão. Incansavelmente procura o lado positivo das coisas (às vezes minúscula faceta) para vivificá-lo. Ele optou pelo bem, e, talvez, pela dificuldade.

Educar, então, consiste em optar pelo exercício difícil de treinar e usar o nosso olho bom. Não se trata de ignorar o penoso, mas de incluí-lo numa perspectiva maior, porque a realidade é assim: infindável. Trata-se, sim, de perder o hábito de vislumbrar o 'mal' - reduzindo a Vida a caricaturas, já que o olhar maléfico a coagula no instante de uma de suas inumeráveis configurações, retirando-lhe o dom mágico da transformação onde se deveria ouvir gritos de socorro, sinais querendo ser compreendidos por um raio benevolente, capaz de pressentir o 'bom' através dos gemidos da Vida pisoteada, e, ao considerá-lo, fortalecê-lo.

Trata-se de não produzir uma sombra onde o "crescente" (eventualmente procurando direção, como o galho da árvore através de seus muitos meandros) almeja por luz.

Trata-se de corrigir o nosso olhar quando, travado na sua própria mesquinhez, devolve o enxergado (porque há sempre uma devolução, mesmo que o queiramos ignorar) maculado pela recusa em compreender o que, de vivaz e querendo irromper, se esconde atrás do aparentemente "mau", ou o que estiver a murchar por falta de luz e calor - humano, no caso.

Nossa tarefa de educar consiste em desbastar as trevas com o nosso olhar, não em fixar limites e normas ao crescimento e ao progresso com um olhar que julga, nomeia, e no fim das contas, prende.

Ninguém tem a obrigação ou a capacidade de entender tudo (o entendimento intelectual, aliás, é algo muitas vezes empobrecedor). Mas de compreensão que abraça, oferece luz e calor ao imaginável, todos nós somos capazes.

Todos nós somos capazes de ponderar sobre maus olhares que assentaram más interpretações tais como: mentira, egoísmo, inveja, maldade, crueldade. E condenaram almas a tão dolorosos meios de expressar a Vida, a distorções, resultando na privação de luz, e testemunhos do formidável poder de influência que temos uns sobre os outros. Testemunhos também da força incrível da Vida que habita em cada um de nós, e da sua capacidade em descobrir e trilhar caminhos os mais negros, curtos e insensatos quando a ela for barrado o acesso aos outros.

Todos nós somos capazes de não deter o nosso olhar sobre aquilo que não passa de ganga espessa encobrindo o metal precioso. Todos nós somos capazes de adubar o melhor, em vez de - movidos por sentimentos (reprovação, indignação...) que nos eximem de qualquer responsabilidade - cultivar o daninho com o nosso olhar adulterado, fisgador de aparências.

Podemos exercitar o nosso bom olhar (o equipamento do educador), refletindo sobre algumas dessas aparências. Assim, quando fisgamos, por exemplo, a inveja no outro (e nesse exercício de educar, o outro, o educando, o recipiendário virtual, são todos os que nos circundam, é o mundo inteiro ansiando por mais luz), por que não indagarmos: quão pouco enxergo e esclareço a beleza desta, por exemplo, criança, que só lhe resta invejar a dos outros (ou um sucedâneo desta)?

Quando fisgamos a maldade: quão pouco ofereço o modelo da minha bondade que só resta ao outro interpretá-la como o seu oposto, a maldade?

Quando se trata do egoísmo: quão pouco esquento o outro com o meu olhar, de tal maneira que só lhe resta proporcionar este calor desolado a si mesmo?

E se for a mentira: quão pouco tenho clareado a imensidão que nos cerca, de tal maneira que só resta ao outro mentir, para não sufocar no mundo acanhado que, mentindo-lhe, tenho construído em volta dele?

Ou ainda o furto e a venalidade: quão pouco aos corruptos foram proporcionados espetáculos de olhares benevolentes e doadores, de tal maneira que só lhes restou explorar as sendas corrompedoras da apropriação indevida de falsos valores, já que os verdadeiros não lhes foram aclarados e não puderam vingar?

Este exercício poderá ser modulado até o infinito, porque o desafio de educar não exige menos do que isso:

"O olho não teria nunca percebido o Sol se não tivesse primeiro tomado a forma do Sol, da mesma maneira, a alma não pode enxergar a beleza sem ela mesma ter se tornado bela, e cada um há de se tornar belo e divino afim de alcançar a visão da beleza e da divindade".

Eis a dimensão do empreendimento: educar, alcançando a discrição da divina beleza dos atuais atores da Vida, nossos conterrâneos.

## TECENDO A VIDA

## Anna Vera Araújo Rossi

Todos nós somos tecelões. O processo da vida é um eterno tecer. Quando nascemos, recebemos os fios da Vida que vêm do alto e que precisam fincar suas raízes aqui na terra para que o trabalho se realize.

Cada um de nós tece seu próprio tapete e, embora a base (os fios) seja a mesma, a padronagem será sempre exclusiva e individual. A forma e as cores seguirão de acordo com o som e o ritmo de cada um de nós.

NAZARÉ

Por volta de 1981, 82, tive minha primeira experiência com o tear. Foi em Nazaré, onde aconteciam encontros dirigidos por S. Trigueirinho Neto e outros membros do grupo; Sônia dirigiu o trabalho. A proposta era trabalhar em silêncio, fazer o melhor que cada um pudesse e estar ligado ao Eu Maior, isto é, estarmos ligados aos nossos centros superiores.

Todos sentados, formamos uma roda e cada um pode falar sobre suas expectativas e motivos que o levaram a escolher este tipo de trabalho. Fizemos um momento de silêncio para que o grupo se harmonizasse e o trabalho iniciou-se.

ORDENAR OS FIOS

Havia muitos fios de lã, algodão, retalhos de tecidos os quais tinham que ser ordenados. Isto é, desfazer nós, emendar fios, fazer novelos, todo um preparo para o que viria depois, o tecer. Mas esta seria uma etapa posterior.

Quando terminamos de ordenar os fios, nos reunimos novamente e cada um contou sua experiência. "Sobre mim desceu um sentimento de muita paz, um silêncio interno, eu diria um aquietamento interior. Era como se eu tivesse passado horas trabalhando sem, contudo me sentir fatigada. Não sei dizer o que se passou fora daquela sala enquanto trabalhava".

Estávamos todos muito dentro, muito mergulhados na proposta.

URDIDURA

Nesta outra etapa, os fios são montados no tear que servirão de base para o tecer. Estes fios são presos na parte superior do tear e depois, passando pelo "pente", devem ser fixados na parte inferior. A tensão destes fios deve ser exata para que o tecido não fique frouxo ou repuxado. É como se tivéssemos que afinar um instrumento de cordas. Estes fios parecem conter em si mesmos sua própria música e com o movimento da "navete" que passa por entre os fios e o movimento do "pente" que ora está em cima, ora está embaixo, fazendo com que os fios da urdidura subam e desçam, é como se estivéssemos executando uma sinfonia. Um ritmo toma conta do trabalho e possibilita que entremos em cantata com a nossa própria Natureza (em sintonia com o ritmo do Universo).

SURGEM OS GRUPOS

O trabalho com o tear me marcou bastante. Voltei à Nazaré, ainda algumas vezes, antes de iniciar o trabalho com grupos de tear em casa. Queria que outras pessoas pudessem se beneficiar com está experiência.

A formação dos grupos não tinha como objetivo o de ser terapêutico embora, eu seja terapeuta. O que pude observar e perceber é que as pessoas poderiam, nestes momentos, estar com elas mesmas, terem uma percepção de si durante o trabalho que em outros momentos isto se torna difícil. E observei também o quanto a criatividade de cada um pode emergir, trazendo consigo um sentimento de liberdade e responsabilidade.

Um trabalho interno acontece.

Os momentos de silêncio, o estar mergulhado em uma proposta como esta, muitas vezes resulta em uma experiência semelhante a que se vivencia quando submetidos à técnica da "Calatonia" usada como auxiliar no nosso trabalho terapêutico.

Esta observação veio reforçar ainda mais minha vontade de formar grupos.

## *A REDENÇÃO DO FEMININO PARA A TRANSFORMAÇÃO DO HUMANO*

## *Maria Elci Spaccaquerche Barbosa*

"Cogito ergo sum" ('Penso logo sou') (Descartes)

"O coração tem razões que a própria razão desconhece" (Pascal)

**1. Introdução**

O século XX, e predominantemente na sua segunda metade, caracteriza-se por um surpreendente desenvolvimento tecnológico.

O desenvolvimento científico atual levou o homem à lua, ao reconhecimento dos planetas do sistema solar, às viagens interplanetárias e a grandes descobertas do macro e microcosmos, possibilitando-lhe atuar nas partículas infinitesimais do átomo. O homem passou a se sentir cada vez mais o senhor do mundo, ou até mesmo dos mundos. Constatamos o enorme desenvolvimento das ciências, das possibilidades práticas do homem modificar a natureza, a sociedade e as mentes humanas.

No entanto, ao olharmos tudo isso e confrontarmo-nos com a fome e miséria em que vivem a maioria dos seres humanos, com a devastação da natureza motivada basicamente pela ganância econômica, com as guerras político-religiosas que mal disfarçam o desejo de poder, e com a mesquinharia encravada no sistema econômico, que permeia a maioria das relações humanas atuais, colocamo-nos uma pergunta óbvia e contundente: Afinal, houve desenvolvimento significativo da raça humana, ou estamos na mesma luta de 5 ou 10.000 anos atrás, porém com outra roupagem? Ou ainda: Devemos nos tornar céticos e nihilistas, considerando que o homem nunca vai mudar e sendo sempre esse ser mesquinho e contraditório? Que tipo de evolução houve no ser humano, se é que houve?

Parece-me que a maioria das pessoas se considera dona do mundo, orgulhosa com o progresso alcançado. Assim evita-se perceber o quanto se tropeça nos obstáculos da vida, nas pequenas mazelas e frustrações, nos problemas afetivos do dia-a-dia, como tão bem disse Fernando Pessoa no seu "Poema em linha reta":

*"Eu, que tenho sofrido a angústia das pequenas coisas ridículas,*

*Eu verifico que não tenho par nisto tudo neste mundo.*

*Toda a gente que conheço e que fala comigo*

*Nunca teve um ato ridículo, nunca sofreu um enxovalho,*

*Nunca foi senão príncipe - todos eles príncipes - na vida ...*

*Quem me dera ouvir de alguém a voz humana ...*

*Arre, estou farto de semideuses!*

*Onde é que há gente no mundo? ...”*

O grito do poeta, creio, é o nosso grito, o grito de nossas almas: o que escondemos. O que se esconde por trás da máscara de cada um e de todos nós, que não mais nos permite vivermos como gente, como seres humanos no seu mais pleno e profundo sentido?

Parece, como mostra o poeta, que os nossos sentimentos verdadeiros são escondidos. É vergonhoso admiti-los, falar deles.

**2. O mundo patriarcal**

O desenvolvimento mental do raciocínio lógico foi tão brilhante, tão solar, que parece ter ofuscado - e até hoje ainda ofusca - aquele lado menos claro, mais difuso, menos controlável, mais lunar, que são os sentimentos.

O mundo patriarcal, desde há muito, coloca sua luz naquilo que é claramente explicado, naquilo que é visto. E quanto mais luz colocamos num lado da vida, mais o outro fica sombrio, além de desprezado. Como São Tomé, aprendemos a acreditar só naquilo que vemos. A crítica desenvolveu-se para que com ela possamos afastar tudo o que não cabe dentro da lógica, do raciocínio científico.

Na história da humanidade, o patriarcado substituiu o matriarcado. A era das deusas foi sucedida pela era do deus masculino, senhor do Olimpo e dos céus.

A cultura matriarcal se caracteriza pela importância dada aos laços de sangue, vínculos estreitos com o solo, com a Terra-Mãe, e por uma aceitação passiva de todos os fenômenos naturais. O patriarcado, ao invés, se distingue pelo respeito à lei e à ordem, pela hipertrofia do racional e pelo esforço para modificar a natureza.

Dentro de tais princípios, na sociedade matriarcal todos os homens são iguais, por isso são todos irmãos; na patriarcal, o que se postula é a obediência à autoridade e uma ordem hierárquica na sociedade. Com o patriarcado rompe-se a era do EROS, o amor, e instala-se o LOGOS, a razão.

A unilateralidade do desenvolvimento psicológico do homem ocidental tem demarcado a rigidez do racional-mental e a intolerância com relação aos sentimentos.

O ego consciente assumiu os direitos sobre toda a psique, frequentemente desprezando a existência das outras necessidades e valores que são tão reais quanto o ego. E assim, ele oprime os outros aspectos da psique forçando-os a níveis cada vez mais profundos do inconsciente, onde ficam confinados às forças arcaicas e obscuras.

Na verdade, podemos observar tudo isso tanto no nível individual como social e governamental. Assim, a atitude totalitária do ego ou de um grupo social nega as liberdades básicas do sistema como um todo, arroga para si todo o poder e todas as vantagens, enquanto visualmente escraviza ou penaliza as outras partes que não estão de acordo com a parte dominante. Devemos nos lembrar de que os milhões de pessoas envolvidas nas crises político-econômicas mundiais são indivíduos, e são suas emoções e impulsos dinâmicos que as motivam a confrontos pessoais e de exércitos. São forças psíquicas que habitam nos homens que os levam a viver tais situações. São forças psíquicas de emoção e sentimentos reprimidos mais do que o raciocínio formal, ou um processo de reflexão. E somos todos nós que sofremos essa patologia psicossocial, pois não estamos livres do contágio, pela simples razão de que habitamos o mesmo mundo. E as forças psíquicas não conhecem os limites geográficos ou hierárquicos.

Em nível pessoal o indivíduo pode ter desenvolvido todo o seu potencial intelectual e mental, mas se esse desenvolvimento for unilateral, ele muito provavelmente se sentirá só, desolado, com um profundo sentimento de criança abandonada. Na verdade, ao se confrontar com o não racional, o ser humano é infantil e incapaz de se relacionar. O relacionamento com o outro se tornou consequentemente, muito complicado, pois, diante do crivo racional a que é constantemente submetido, sua existência é muito difícil, senão quase impossível. Torna-se impossível sentir. Os sentimentos e o amor ficaram relegados aos artistas, mulheres frágeis e loucos. E a maioria das pessoas cogita sobre o sentir, julga sobre o sentir. Costumamos ouvir com bastante frequência frases como: “Será bom sentir-se assim? Mas eu não deveria me sentir dessa maneira! Mas tal sentimento é bom ou mau?" etc. São bastante comuns tais formas coloquiais, são frases do dia-a-dia que revelam o nosso pensar sobre o sentir. São fórmulas de estancar o sentir, não o respeitando, mas querendo controlá-lo sob rédea curta.

O resultado desse processo de desenvolvimento unilateral é observado no relacionamento humano, que passou a existir como troca de formalidades e interesses, e não como um encontro de almas, de um deixar fluir o gostar entre duas ou mais pessoas.

Se de um lado o princípio da psicologia masculina é o LOGOS, que se define pelo "interesse objetivo por coisas", a psicologia feminina está intimamente ligada à noção de EROS, que, segundo o próprio Jung, pode-se definir como a "relação entre almas".

EROS e LOGOS são dois princípios complementares, a unilateralidade de um ou outro leva sempre a uma perda no indivíduo do seu caminho de integração psíquica.

**3. O princípio feminino - EROS**

A psicologia feminina tem como princípio EROS, o que ata e desata, e também está ligada à natureza e à compreensão dos ritmos e ciclos da vida.

O que ocorre na sociedade ocidental é que tanto os homens como as mulheres aprenderam e aprendem a valorizar basicamente as dominantes masculinas, a saber: o pensamento, a verbalização correta e fluente, a iniciativa, os ideais heroicos, enfim a eficiência no mundo externo. Por outro lado, rejeitam e reprimem as dominantes femininas que são: a sensibilidade, a receptividade, a intuição, a habilidade para elaborar o mundo subjetivo.

Quando EROS e não LOGOS influencia uma relação, a conexão de alma, a amizade profunda e a compreensão empática estão presentes. O efeito de EROS não está limitado ao nível romântico e sexual. Na verdade, onde quer que um crescimento ocorra, ou um potencial seja desenvolvido, ou ainda um ponto de vista difundido, ou mesmo uma nesga de criatividade encorajada é que EROS está presente. Isso pode acontecer não só no relacionamento entre duas pessoas, mas no ensino, no aconselhamento, ou em qualquer campo de trabalho humano. É o princípio de EROS que conduz o ser humano ao relacionamento com o outro, e para além desse com o divino, e para sua interioridade consigo mesmo. Se estivermos envolvidos num trabalho de construção e transformação, um campo emocional é gerado em nós e à nossa volta. E ele é poderoso o bastante para tocar a todos. EROS está presente em todo trabalho criativo, mesmo aquele que é feito na "solidão". O diálogo da relação fica entre a pessoa e seu trabalho. Pode-se observar isso num trabalho de um artista como um pintor, escultor, escritor, que têm uma profunda relação com o seu trabalho. Tanto no relacionamento como no processo criativo há uma interação - que ocorre entre os dois elementos - e que forma uma conexão profunda com a própria alma.

Ocorre que tal princípio feminino, tão necessário ao ser humano, quase que desapareceu no Ocidente, e foi principalmente com a Reforma Protestante que isso se deu. A Reforma o aboliu de maneira bastante concreta destruindo imagens das deusas, ou de Nossa Senhora, a deusa mãe do catolicismo, e espiritualmente o destruiu abolindo o conceito de mãe de Deus - *Mater Dei.*

A repressão do princípio feminino e a fundamentação exclusiva no "verbo", no "logos", tiveram como consequência a intensificação da ciência, da tecnologia. A concepção de que o conhecimento advém do raciocínio lógico tornou implícita a idéia de que o ser consciente é aquele que conhece por tais vias. O saber formal tomou-se sinônimo de ter consciência, e a busca do conhecimento ficou sendo para muitos a razão de ser. O círculo fechou-se em si mesmo, no nível do LOGOS, do racional, intelectual, sem conexão com nada mais além do tangível.

A partir de então, homens e mulheres aprenderam a se interessar somente por coisas e questões objetivas, chegando mesmo as ciências a descartarem a existência de tudo aquilo que não podiam explicar. Chegando a extremos, em momentos de sua história, a ciência só aceitou como conhecimento aquilo que era objetivo e/ou podia ser objetivado. Tudo o que se referia ao sujeito, ao ser humano, e aos sentimentos que tais conhecimentos evocavam deveria ser rejeitado. Ou seja, a conexão do saber com o indivíduo, com seu eu mais profundo, o significado do saber para si mesmo, e a decorrente relação disso com outros aspectos significativos da vida passou a inexistir. Melhor dizendo, tais interações foram colocadas à margem, à sombra, como diria Jung; foram relegadas a um quarto escuro da alma humana, esperando que um dia pudessem emergir novamente, redimidas.

O conhecimento sem alma, ou a "des-animação" da consciência, como coloca Toni Wolff, leva necessariamente à coletivização e à exteriorização. Ou seja, as pessoas se afastam do seu eixo interno, e ficam voltadas somente para a valorização do que é externo. Esse é o fenômeno que constatamos tão claramente na nossa sociedade capitalista consumista. O consumo é um dos mais patentes resultados da falta de conexão do indivíduo consigo mesmo, e da ausência do princípio feminino, já que o fator psíquico é a vida interna, e o fundamento da individualidade. Sem esse o indivíduo nada mais é do que um número na sociedade, um elemento da massa.

Se os homens muito perderam de sua capacidade criativa e de relacionamento com a repressão do feminino, as mulheres perderam até mesmo a sua identidade consciente. Na verdade, as mulheres passaram a viver apenas na periferia da cultura, em funções claramente circunscritas e frequentemente subordinadas aos homens, à posição social, filhos etc.

Em geral feridas na sua relação com o feminino, as mulheres têm um profundo sentimento de auto rejeição, de feiura e de fracasso, por mais que tenham uma excelente imagem pública. "Pela repressão, a alegria do feminino foi rebaixada como mera frivolidade, sua sensualidade alegre foi diminuída como coisa de prostituta, ou então sentimentalizada e maternalizada, sua vitalidade foi curvada sob o peso das obrigações e da obediência" (Sylvia B. Perera).

Por mais que nós, mulheres, nos esforcemos por atingir o ideal de eficiência e de perfeição do mundo patriarcal, nós nunca o conseguiremos realizar e nos satisfazer; haverá sempre um sentimento de erro, de falha, de tristeza. Isso ocorre porque não podemos atingir o ideal patriarcal sem aniquilar ou mesmo matar o nosso lado feminino, a psique feminina, que é própria da mulher, mas rejeitada pelo ideal patriarcal. Na verdade, nunca poderá existir perfeição na unilateralidade. Poderemos nos defrontar com perfeições nas técnicas (talvez!), mas as perfeições que buscam as ciências mecanicistas estão longe de entender a busca da integração da alma. E aqui, talvez, o termo mais correto a ser empregado é o da integração e não perfeição.

**4. O caminho da redenção do feminino (O retorno do matriarcado A integração do feminino redimido)**

A natureza feminina está ligada em primeiro lugar ao mundo da mãe-mater, palavra geradora de matriz e matéria. Assim, a natureza feminina está profundamente ligada à terra, ao corpo, ao ciclo da natureza corpórea. Tão logo a criança nasce sua primeira conexão é com a mãe, ou aquela que a alimenta e aninha, que cuida, e que, portanto passa a ter uma enorme influencia no seu desenvolvimento geral, tanto físico como emocional e mental. Na verdade, o relacionamento do homem com a mãe, e depois com outras mulheres, forma e estrutura sua função de EROS. Na mulher, sua relação e identidade com a mãe formam sua psicologia feminina e ativam sua função de EROS. Contudo, se EROS, que representa o princípio da relação, do afeto, do amor, permanecer no nível da relação mãe-filho, ele não se desenvolverá. Nesse estágio infantil de desenvolvimento, o filho é sempre receptáculo do afeto e não aquele que o inicia. Dessa maneira, ele não explora nem desenvolve as potencialidades de sua natureza. Para ele o amor significa sempre "eu sou amado", e rarissimamente "eu amo". A habilidade para amar, o desenvolvimento de EROS de forma adulta só pode acontecer depois que o indivíduo - homem e mulher - conseguir se desatar dos laços infantis que caracterizam suas relações. Em muitas lendas de países nórdicos onde para salvar a donzela o herói tem que enfrentar o dragão, aparece também como parte da estória um carneiro que deve ou que vai ser sacrificado. Isso significa que a inocência infantil dentro do homem, no seu caminho de individuação, integração, precisa ser sacrificada, ou seja, voluntariamente eliminada. Se o caminho do ser humano é tornar-se cada vez mais consciente de sua totalidade, não se pode permanecer inocente como os animais. A noiva, a donzela, representa nas lendas o sentimento inconsciente, a anima a ser redimida, o feminino a ser salvo através do sacrifício do infantilismo. Como Jung salientou, Cristo não disse: "Se vocês permanecerem crianças, vocês encontrarão o Reino dos Céus", mas “A não ser que vocês se tornem como crianças". Tornarem-se de novo crianças não significa permanecer no estágio do jardim-de-infância da vida, mas superá-lo, tornarem-se adultos, readquirir sua própria integridade para, então, encontrar um caminho de volta a esse núcleo, ou seja, à integridade mais profunda. Esther Harding, em continuidade a esse pensamento de Jung, aponta que o homem, a fim de alcançar uma relação direta com suas emoções mais profundas, precisa sacrificar seu desejo de ser carneirinho no colo de sua mãe, e de todas as mulheres.

No Ocidente, EROS, o princípio feminino, ficou, parece-nos, ao nível primeiro de seu desenvolvimento, na medida em que o feminino foi reprimido, o princípio da relação permaneceu infantil. Como aponta Neumann: “Por ter sido humilhado e abusado como objeto de desprazer, o feminino vinga-se regredindo à hostilidade matriarcal contra o masculino".

Se o indivíduo se nega em sacrificar aquilo que é preciso, por exemplo, sua cobiça, sua vaidade, ou mesmo seus desejos caprichosos, então a libido, a energia que precisava ser transformada para se tornar criativa, volta ao inconsciente e torna-se uma energia destrutiva para o próprio indivíduo. As formas dessa energia eclodem, podendo ser tanto em nível psicossomático (como gastrite, dermatites ou outras doenças físicas) como em nível mais psíquico, aparecendo então depressões, melancolia ou pânicos em relação à vida. Para Jung, das forças destrutivas mais cruéis, psicologicamente falando, a pior é a que advém do poder criativo não usado. EROS, ou amor, é contaminado de forma destrutiva pela energia não usada.

Foram poucos os homens e mulheres que nos últimos séculos ousaram contar com seus sentimentos mais profundos, e estabelecer relacionamentos mais totalizantes, nos quais os dois princípios (LOGOS e EROS) não são negados, mas integrados.

A própria valorização da psique, da psicologia, corresponde sem dúvida à valorização do feminino. A valorização do feminino aparece também nos movimentos ecológicos, na volta à natureza, nos diversos romances e livros que falam de forma mais literária, poética ou científica da mulher nos seus aspectos mais variados. Muitas mulheres se identificam em primeiro lugar como mães, e muitos homens acharão que esse é o caráter evidente de sua própria anima. Mas existem muitas outras que se identificam com outros aspectos do feminino: a companheira (ou hetera), a intermediária (ou aquela que canaliza a vida) ou a "amazonas" (ou aquela que permanece "virgem"). Essas categorias são aspectos que foram muito bem observados e descritos por Toni Wolff (1956). Outras maneiras de enfocar o feminino também podem ser consideradas, e Jean Shinoda Bolen faz isso no seu livro *As deusas e a mulher*. (Edições Paulinas).

A multiplicidade de enfoques demonstra que a busca do feminino já se dá. As mulheres não precisam mais se enquadrar numa só forma de vida, de papéis pressupostos, nem o homem precisa algemar sua anima nos rincões escondidos de sua alma.

É importante que a mulher se reconheça e se encontre na sua psique feminina, pois, já que essa está em ligação com a vida, é sua tarefa introduzir o homem na vida, envolvê-lo nesta, e tornar viventes suas idéias.

Um reconhecimento das múltiplas formas de conhecimento e da experiência feminina poderia ter como consequência um repensar os papéis das mulheres na comunidade e no mundo em geral. Como diz G. R. Heyer (1963):

... “A compreensão da índole feminina pode ensinar muito para nós homens, já que a época do mero patriarcalismo inevitavelmente chegou ao seu fim. Com isso, são muitas vezes as mulheres que ressuscitam para nós os conhecimentos novos, na realidade há tanto tempo esquecidos. Na medida em que nós as acompanharmos na busca de um melhor autoconhecimento, chegaremos de novo à proximidade da Origem e experimentaremos os acessos ao irracional, perdidos sob os ditames do iluminismo e do pensar logocêntrico".

Os cientistas mais modernos ou mais ousados já têm uma consciência maior da redenção do feminino e do papel do intelecto, do LOGOS. Esse deverá ser purificado de seus falsos motivos, de sua inflação, sem perder a sua qualidade instrumental, pois só assim ele deixa de ser um complexo autônomo da psique, possibilitando a reflexão verdadeira e a integração do ser humano.

A união de LOGOS e EROS, a *conjunctio,* parece ser o caminho do ser humano. Redimindo o feminino e transformando o LOGOS, o homem partilha das forças criativas do nosso mundo e pode se tomar seu canal. Essa nova consciência foi muito bem definida por Edward F. Edinger:

... "Contudo, a definição de consciência como conhecer com”... “envolve não apenas o conhecimento, mas também o 'estar com'. O 'estar com' é o dinamismo da vinculação, o princípio da relação. Se conhecer é uma função do LOGOS, o 'estar com' é uma função do EROS. Assim chegamos à descoberta inesperada de que a palavra que usamos para designar o valor mais alto - consciência – é, em seu sentido básico, uma *conjunctio*, uma união de LOGOS e EROS".

Assim, podemos perceber que a redenção do feminino depende de cada um e de todos nós, em nosso caminhar pela vida. Não são as mudanças estruturais externas que transformarão o ser humano, mas a transformação interna e a busca da consciência maior no sentido de Edinger. E sem dúvida os raios luminosos dessa nova era já podem ser percebidos. Aqueles que têm olhos que vejam. E podemos certamente apreciar todos aqueles, homens e mulheres, que na sua busca de integração partilham do dom de intermediar o sentido da vida, de canalizar as forças criativas da natureza e de Deus, enfim, de desvendar a presença do divino no coração da matéria.

**BIBLIOGRAFIA**

1. BOLEN, Jean S., *As deusas e a mulher*, Ed. Paulinas.

2. EDINGER, Edward F., *A criação da consciência*, São Paulo: Ed. Cultrix, 1987.

3. FRANZ, M. L. von, *A sombra e o mal nos contos de fada*, São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.

4. HARDING, M. Esther, *Psychic Energy*, Princeton University Press, 1963.

5. HEYER, G. R., A mulher, Ed. Hans Huber Stei Hgant, 1963 (adaptação para estudos críticos - CID).

6. NEUMANN, Erich, *Love and Psyche*, Bollingen Series/ Princeton University Press, 1956.

7. PERERA, Sylvia B., *Caminho para a iniciação feminina,* São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.

8. WOLFF, Toni, Sobre o processo de individuação na mulher, Ed. Daimon, 1959 (adaptação para estudos críticos - CID).

## ALGUMAS OBSERVAÇÕES E COMENTÁRIOS APÓS RELAXAMENTO

## Isis Meira

O verbo relaxar é popularmente entendido como significando soltar, distensionar. No Aurélio encontra-se: "*Relaxar* V.t. Tornar frouxo ou lasso, debilitar, enfraquecer, afrouxar, perder a força ou o vigor. *Relaxação* sf. Diminuição do vigor muscular."

Mesmo entre profissionais da área da saúde muitas vezes é assim que se compreende relaxamento: é uma técnica usada para soltar as tensões.

Uma vez um médico me disse que era contraindicado aplicar relaxamento em hipotônicos, porque eles ficariam mais hipotônicos ainda. Desde então me preocupo em enfatizar para alunos e clientes que os objetivos do relaxamento são: o *equilíbrio físio/psíquico* e o *desenvolvimento da consciência*, e que, portanto, tanto pessoas hipertônicas ou que tendem à hipertonia, como pessoas hipotônicas, ou que tendem à hipotonia, se beneficiam com o relaxamento e o trabalho corporal de modo geral.

Outra crença é a de que durante um relaxamento a sensação deve ser de bem-estar, satisfação. Deve-se pensar apenas em coisas boas, e para isso, dirige-se o pensamento, afastando-se o que não é considerado agradável e provocando-se o que é considerado agradável. Por isso também enfatizo a importância do deixar acontecer e do lidar com o que surge, aceitando e acolhendo todas as manifestações, mesmo as consideradas desagradáveis, reconhecendo que muitas vezes, estas liberações do inconsciente podem surgir como desconforto, angustia e dor.

Algumas observações colhidas em minha vivência clínica ilustram os comentários acima feitos:

Quando M. fez pela primeira vez um relaxamento em minha clínica, suas observações foram de que nada tinha percebido e nada tinha mudado. Sentia-se como antes, o que, provavelmente significava que de nada tinha adiantado fazer relaxamento.

Foi-lhe explicado que não necessariamente, ela deveria sentir coisas diferentes e que ela continuasse a observar, para ver o que surgia.

No dia seguinte M. telefonou para a clínica contando que não tinha dormido durante toda a noite devido a um enorme cansaço que estava sentindo, e acrescentou: - eu me sentia tão cansada, que era como se eu tivesse carregado um grande saco pesado por muito tempo e agora eu o tivesse posto no chão.

Essas observações são cheias de significado e nos informam da eficiência do relaxamento para a liberação das tensões e dos conteúdos contidos no inconsciente.

M. entendeu a mensagem e percebeu o quão importante fora aquele trabalho corporal para o alívio de suas tensões e a consciência de como estava seu corpo.

S. fazia relaxamento em uma de suas sessões de terapia quando apresentou um forte tremor que percorreu a sua coluna, chacoalhando todo o corpo. Após este tremor S. relatou que percebeu todo o corpo alinhado. Como terapeuta, pude também observar o tremor relatado e seus efeitos no corpo de S. Pensei comigo mesma: se eu quisesse instruí-lo a alinhar o corpo conscientemente, ou se ele tivesse querido fazer isso sozinho, não teríamos conseguido efeitos tão surpreendentes, mas o corpo "sabe" como fazê-lo.

V. tinha sofrido um acidente vascular cerebral e apresentou uma afasia severa. A única verbalização inteligível de V. era uma oração dita em idish compulsivamente, durante todo o tempo. Tornava-se difícil trabalhar com V. já que não podíamos contar com sequer um minuto de silêncio ou de atenção por parte de V. A oração era dita em voz alta e seguidamente, sem que V. atendesse aos apelos para parar de rezar e se voltar para o trabalho com a fonoaudióloga. Decidi, então, aplicar-lhe a Calatonia, e com o auxílio de gestos, a conduzi para a cama, tirei seus sapatos e meias, ajudei-a a deitar-se, cobri seu corpo e comecei o relaxamento. V. continuava a rezar em ritmo acelerado e voz alta. Algum tempo depois notei que V. desacelerava a fala e abaixava sua intensidade, tornando sua compulsiva oração mais e mais inaudível e lenta, até que fez silêncio e permaneceu quieta.

Terminado o relaxamento V. mostrava-se tranquila e pode ser conduzida à mesa onde os trabalhos com a fonoaudióloga foram realizados com atenção e interesse.

Posteriormente, a família me informou que após algum tempo de terminada a sessão, V. tinha voltado a usar sua fala compulsiva. Na sessão seguinte, repetimos o procedimento e voltamos a aplicar a Calatonia. Foi observado efeito semelhante ao da sessão anterior e decidimos usar o procedimento em todas as sessões.

Pudemos, assim, realizar um trabalho de recuperação de sua linguagem, que foi desenvolvendo e substituindo gradativamente seu comportamento de fala compulsiva e seu jargão.

J. também tinha sofrido um acidente vascular cerebral e tornara-se afásico. Sua compreensão da linguagem verbal estava prejudicada, bem como sua expressão verbal. J. conseguia dizer apenas palavras isoladas esporadicamente.

Após a primeira sessão de Calatonia J. sentou-se na cama pensativo, depois olhou para a terapeuta, colocou a mão sobre o coração, e com olhos cheios d'água e uma expressão, facial e entonação de voz emocionadas disse: Bommm!, Bommm! Prolongando o som final, cheio de sentimento, que parecia gratidão, satisfação e compreensão do valor daquele trabalho para a sua recuperação.

N. era adolescente, não "gostava" de ficar parado e muito menos, parado, deitado e de olhos fechados. Recusava-se a fazer relaxamento, embora tivesse grande necessidade. Durante certo tempo da terapia as propostas de trabalho corporal continham sempre movimentos, onde N. era ativo. Assim ele aceitava. Quando solicitado a verbalizar suas observações a respeito do trabalho corporal realizado, N. dizia sempre que nada observava e que não gostava "disso de observar". Seus comentários eram, no máximo: " - Ah! Isis, foi bom, eu não sei dizer o que senti!"

Um dia, durante uma sessão, arrisquei a sugestão de fazer Calatonia. Surpreendentemente N. aceitou a sugestão. Ficou deitado em decúbito dorsal, olhos fechados, durante todo o trabalho. Não quis comentar suas observações e disse apenas:- Foi bom.

Na sessão seguinte N. falou: - "faz aquele do pé". A sugestão foi aceita e N. agora faz esta solicitação com frequência e começa a se abrir para verbalizar suas percepções.

Durante um curso sobre trabalho corporal que ministrei em Viena, Áustria, para grupos de fonoaudiólogas, fizemos com todo o grupo diferentes trabalhos corporais e entre eles a Calatonia.

Após um período de trabalho, sentamos para os comentários e discussões e uma das alunas falou: - "Estou me sentindo diferente. Antes eu me sentia como uma pessoa assim" e acrescentou um gesto no qual os dedos das mãos se juntaram sobre a cabeça e as palmas se separaram formando uma pirâmide com a base sobre a cabeça e a ponta fechada para o alto. E continuou: - "Agora estou me sentindo assim". E inverteu a pirâmide, deixando a ponta virada para a cabeça e a base aberta para o alto. Todo o grupo entendeu o significado da simbologia usada e acrescentou suas observações que falavam de crescimento, de ligação com ""algo" espiritual, de abertura, de equilíbrio, de contato com o subjetivo e da nova experiência em lidar com estímulos sutis. Uma delas trouxe uma preocupação dizendo: "-Eu posso entender este processo e o valor disso tudo para a nossa terapia, mas como posso explicar a meu cliente estas reações? Você não acha que ele pode ficar pensando que isso é coisa de magia"? A discussão foi aberta para o grupo, que trouxe opiniões, temores de não serem consideradas tão científicas e também impressões positivas, de compreensão das reações apresentadas.

Comentei que também aqui no Brasil havia esta preocupação por parte de alguns terapeutas, mas que estas manifestações poderiam ser lidadas de forma científica, coerente com nossa formação profissional e humana. Eram formas humanistas, sutis, de trabalhar, que lidavam com conteúdos subjetivos e seguiam os princípios do paradigma das Ciências Humanas, emergente neste final de século. Comentei ainda, a importância de sabermos acolher as reações, os sentimentos do paciente deixando-o livre para expressar qualquer conteúdo que surja e ajudando-o a ampliar seu nível de consciência.

P. verbalizou uma vez, após a aplicação de Calatonia: -"eu não sabia quando eu terminava nem quando você começava. Nossas energias se misturavam como se uma fosse o prolongamento da outra".

Uma vez, nos Estados Unidos, propus-me a aplicar a Calatonia num professor da Universidade, psicólogo junguiano, mas que não conhecia a técnica de relaxamento apresentada. Após o relaxamento ele sentou na cama, me olhou e disse: “Are you a witch?" – “Você é uma bruxa"? e começou a me falar de suas ricas percepções. T. era gago, pedreiro de profissão. Pedia que eu lhe fizesse relaxamento e em suas observações, dizia, por exemplo: “Eu agora estou me sentindo ·no prumo'. "

Em minha última visita a Viena fui convidada a visitar uma médica ortopedista que tinha no computador do hospital em que trabalhava, um programa de feedback, dito excelente para relaxamento. Senti curiosidade em experimentar. Fui muito bem atendida pela médica, que fez em mim um de seus primeiros atendimentos com o programa. Ela me perguntou se eu tinha no corpo algum músculo que eu considerasse tenso. Falei sobre um grupo muscular na área cervical, (músculo trapézio, elevador da escápula entre outros), especialmente doloridos e inflamados, devido a meu esforço em carregar mala pesada durante a viagem. Ela colocou uns eletrodos sobre os músculos referidos e ligou o programa, que mostrava um círculo laranja claro grande e outro círculo laranja escuro no centro deste. Ela me pediu para tentar relaxar a musculatura cervical atingida e explicou que na medida em que eu conseguisse relaxar, o círculo laranja escuro que estava no centro, se ampliaria, tomando gradativamente o lugar do círculo laranja claro. Se eu voltasse a tensionar, o círculo laranja escuro diminuiria novamente de tamanho. Eu deveria tentar ampliar ao máximo o círculo laranja escuro e ver até onde eu conseguiria, sendo que o tônus ideal seria atingido quando o círculo escuro tomasse totalmente o lugar do círculo claro. Comecei concentradamente minha tentativa de relaxar e o círculo laranja escuro começou a crescer, indicando que o músculo estava se distendendo e relaxando. Num determinado ponto senti dor e, nesse momento, o círculo se reduziu rapidamente. Comecei novamente a tentar relaxar, mas toda vez que eu distendia o músculo, chegava no ponto da dor e o círculo se reduzia. A médica, então, propôs que eu tomasse, diretamente nos músculos atingidos, uma injeção analgésica, explicando que com a dor eu não conseguiria relaxar. Pedi, no entanto, para antes, fazer uma experiência diferente. Expliquei que minha amiga que me acompanhava tinha aprendido, no curso que ministrei uns toques sutis, de autoria do Dr. Pethõ Sandor e também, o que ele chamou de "toques sem toque", tendo todos o objetivo de trabalhar o equilíbrio físio-psíquico. Eu pediria para, enquanto eu estava diante do computador, com os eletrodos colocados sobre a musculatura cervical referida, minha amiga executasse alguns toques e toques sem toque nesta musculatura e em outros pontos específicos do corpo. Eu gostaria de observar como o círculo laranja escuro se comportaria sem que eu interferisse mentalmente provocando o relaxamento. Fiquei passiva, tentando deixar acontecer, mas observava o círculo. Após algum tempo de toque (alguns segundos), o círculo começou gradativamente a crescer, superando o ponto de dor anteriormente atingido. Ele não chegou a cobrir totalmente o círculo laranja claro e reconhecemos que precisaríamos de mais outras sessões para que aqueles músculos machucados e cansados atingissem um suposto equilíbrio. Comentei com a médica que aquela máquina era muito interessante para comprovar o nosso trabalho, mas que ela não poderia nos substituir satisfatoriamente. Creio que ambas

nos enriquecemos com a experiência e eu lhe fiquei muito grata.

B. após uma sessão de relaxamento foi solicitada a executar movimentos com os pés, mãos, cabeça e respiração e, em seguida, a abrir os olhos e levantar. Quando tentou abrir os olhos B. percebeu que não conseguiria porque os tinha soltado muito. Seus músculos não obedeciam comando. O terapeuta estava do seu lado e lhe solicitou, tranquilamente, que continuasse a fazer os movimentos e depois fechasse e abrisse os olhos vigorosamente e em seguida levantasse. B. podia mexer todo o corpo, menos os olhos e por isso não os abria. Só depois de muitas tentativas e de movimentos mais vigorosos com o resto do corpo foi possível para B. abrir os olhos. Ela estava tranquila, confiava no terapeuta, na técnica de relaxamento recebida e entendeu a mensagem dada pelo corpo naquela ocasião.

R. experimentava durante uma certa época, que ao fazer relaxamento, todo o seu corpo se endurecia. Os músculos gradativamente iam ficando rígidos e se endureciam até se tornar insuportável aquele enrijecimento e a ausência de respiração. A musculatura então se soltava por algum tempo, e R. voltava a respirar em ritmo normal. Assim R. ficava durante toda a aplicação da técnica e terminava cansada. Após algum tempo, no entanto, observava alívio, soltura e bem-estar. Este processo durou algum tempo durante a terapia de R. e depois as manifestações se modificaram. Apenas através da experiência vivida é possível entender o que é relaxamento, sua extensão e profundidade e os benefícios que ele traz ao corpo e ao espírito. Com a vivência continuada de relaxamento o corpo toma-se sensível, aberto às percepções mais sutis, ampliando assim seu nível de consciência e atingindo gradativamente o equilíbrio físio-psíquico.

## DIVINDADES FEMININAS DO BRASIL

## Lucy Coelho Penna

As divindades femininas da nação brasileira merecem respeito e pesquisa porque estão na base da identidade nacional. São manifestações do princípio feminino sempre mencionadas no folclore e nas lendas, embora ainda pouco compreendidas sob a perspectiva psicológica.

Escolhi comentar quatro poderosas manifestações dentre as imagens divinas presentes na cultura do Brasil. O motivo da escolha é simples. Elas estão associadas pela simbologia de um elemento natural de grande importância na vida prática: a água.

A falta de água afeta 230 milhões de pessoas hoje no mundo. São 26 países sofrendo o descontrole dos recursos hídricos do planeta, segundo documento da organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação (FAO). Qual a condição psicológica coletiva que permite tamanho desequilíbrio? O Brasil tem uma das maiores reservas hídricas da Terra: rios quilométricos, lagos e infinitos córregos umedecem o nosso território. Nem todos permanecem limpos porque a contaminação cresce rapidamente. As autoridades e a população geralmente pensam que os rios são escoadouros do lixo que as cidades produzem. Para eles mandam suas fezes, latas, detritos alimentares e industriais. Entretanto, as águas dos oceanos e rios são o berço da vida no planeta!

As divindades associadas aos mananciais hídricos são forças de cura e de regeneração, inclusive por sua ação transformadora através das chuvas e das enchentes. Muitos cultos religiosos antigos foram dispensados às entidades mantenedoras das fontes de água. A Igreja Católica a tomou como símbolo de purificação da alma no Batismo.



Senhora das Águas do Marajá

Jesus Cristo se apresentou como “a água viva" que elimina a sede dos homens.

A sede tanto quanto as terras áridas e secas simbolizam a alma que não responde ao chamado divino. O terreno onde não brota nenhuma semente e a palavra divina é desperdiçada. Como está a receptividade da alma brasileira ao apelo dos espíritos da natureza? Certamente, nada consciente. Mas houve uma espécie de estampagem coletiva observável em várias regiões do Brasil produzindo aceitação, respeito e culto a poderosas entidades femininas oriundas das águas.

Sem entrar na questão dos credos religiosos, a deusa do Marajó, Nossa Senhora de Nazaré, Nossa Senhora Aparecida e Yemanjá são manifestações de um único processo psicológico na alma do povo brasileiro. Tantas variações de região para região, tantas influencias dos imigrantes e temos uma presença indelével de norte a sul do país. É a poderosa Senhora que sob nomes locais, com origens e características particulares configuram o culto ao princípio feminino associado à água. Proponho que as vejamos em conjunto, como uma autêntica **Senhora das Águas** brasileira.

A seguir, abordarei sucintamente o padrão arquetípico que acompanha cada divindade. Poderes, cultos, mitos de origem e costumes associados a essas deusas vão ser comentados. Outro ponto importante a ser analisado está na formação de atitudes para com o ambiente e na influência sobre a adoção de papéis femininos.

**A Senhora das Águas no Marajó**

Na grande ilha do Marajó, à foz do rio Amazonas, havia um povo que cultivou a terra, respeitou os elementos naturais e esculpiu com força e beleza a deusa que vemos à página 67 {anterior}.

Foram chamados Marajoara, por causa do nome da ilha onde provavelmente estavam há mais de mil anos, quando chegaram os europeus. O apogeu dessa cultura, cerca do ano 700 da nossa era, deixou o testemunho de um espírito coletivo criador e conhecedor de símbolos arquetípicos. O que hoje sabemos sobre os Marajoaras está na grande variedade de peças de cerâmica que enterraram, nos aterros artificiais que construíram. Essa rica produção oleira ficou guardada até recentemente. Sua descoberta aumenta a perspectiva da presença do culto aos elementos naturais no passado, em terras brasileiras.

Tendo de enfrentar as demoradas enchentes dos lagos e dos rios, além das marés oceânicas, os Marajoara criaram uma tecnologia de elevações, movendo toneladas de terra e mato. A ilha toda, na verdade, é uma barreira natural que impede o Oceano Atlântico de invadir as terras baixas que margeiam a boca do rio Amazonas. *Marajó* em língua tupi indica exatamente isto: *barreira do mar*. Ainda hoje, moradores e seu gado fogem para as terras altas raras na ilha, algumas das quais podem ser aterros artificiais dos Marajoaras. Segundo a arqueóloga americana Anna Roosevelt (l), os aterros atuais, apesar da erosão do tempo, permanecem cerca de 3 a 20 metros acima das enchentes. O que retrata bem o esforço admirável do povo que os construiu. Além das enchentes, o lado norte da ilha está sujeito ao fenômeno das pororocas, imensas ondas que devastam as margens, engolindo tudo à sua frente.

As pororocas, as chuvas e as enchentes são fenômenos periódicos que os Marajoaras procuraram compreender através de uma visão cosmogônica cujo ponto fundamental parece ter sido a presença da Senhora das Águas. A figura mencionada é uma das imagens criadas para expressar a sua crença na presença de uma deusa rainha dos lagos, dos rios e da fertilidade. Certamente é uma divindade forte, projetada pela psicologia de um povo combativo e empreendedor que não sucumbiu às opressões naturais do ambiente. As mulheres podiam se espelhar na sua força instintiva, tanto para amar e procriar, quanto para matar as feras dos arredores e pegar no pesado, fazendo cerâmica, plantando e cozinhando.

Essa deusa foi encontrada dentro de uma das câmaras subterrâneas que compunham os cemitérios Marajoaras. Outras figuras humanas, quase sempre femininas, também foram encontradas esculpidas e pintadas em quatro ou cinco cores, vivas ao tempo de sua descoberta, apesar da umidade intensa. São imagens que irradiam uma certa força mágica.

O corpo pintado da deusa sugere a energia matricial das águas da vida e também o poder sombrio das águas destruidoras. As espirais nos dão a impressão de que ela própria foi criada pelo redemoinho das águas. Os simbolismos do berço da vida e do abismo da morte se juntam nessa imagem.

A deusa do Marajó não está grávida, como era comum nas representações análogas, do período Neolítico. Ela parece mais com as deusas dos mistérios da vida-morte-vida (2), como Inanna, em que a função maternal não predomina sobre os outros papéis femininos.

Vênus nativa, essa deusa tem as características do seu ambiente. Seu formato lembra uma cobra, talvez um peixe. Provavelmente os peixes, as cobras, os jacarés, assim como os sapos e insetos, as aves que fazem ninhais na beira dos lagos da ilha fossem todos seus animais sagrados. Quando a inteligência humana percebeu que o ciclo vital se iniciava dentro do ambiente líquido, criou imagens divinas para representar esses conceitos. (3) E os animais aquáticos tomaram-se uma hierofania para a Mãe das Águas.

A pequena Senhora das Águas do Marajó está sentada com as pernas abertas. Entre elas, dois pórticos em vermelho circundam a vulva sutilmente em relevo. Cor do sangue e da vitalidade, o vermelho está sugerindo o portal da vida. Por ele tanto se chega à luz do dia quanto se pode ir para o escuro da morte. Reinando sobre os cemitérios do Marajó, essa concepção da Grande-Mãe é testemunha quase certa da crença na vida pós-morte. Protegidos por ela, os guerreiros estavam preparados para entrar sem medo nos territórios da outra dimensão.

**Corpo consagrado**

Os símbolos presentes na Senhora do Marajó são compensatórios a certos valores tradicionais da cultura cristã porque mostram outra percepção da vida além da morte, do alcance sagrado do corpo feminino e do respeito às forças naturais, especialmente a terra e a água. As concepções dos nativos da ilha lembram ensinamentos muito antigos, provenientes de culturas remotas, como a egípcia, a suméria e a dravídica. O poder curador e espiritual da serpente, por exemplo, está sugerido de vários modos na forma da deusa e nas espirais pintadas sobre o seu corpo. Ela tem um corpo nu, natural e consagrado. Uma aceitação desses valores psicológicos hoje implicaria em desenvolver novas atitudes para com o próprio corpo e para com a vida instintiva. Geraria benefícios para todos os que sentem o peso com que a visão asséptica do cristianismo trata as coisas relativas ao corpo humano. Seu aproveitamento poderia minimizar o efeito da negatividade unilateral que marca a figura da cobra na iconografia cristã.

Temos ainda muito que aprender com nossos antepassados nativos. Para os Marajoaras, certamente, essa Senhora das Águas foi uma deusa reinando sobre suas visões espirituais. Dominou as chamas da fogueira funerária, os alimentos sagrados, as ervas alucinógenas nos rituais. Presidiu as danças em que mulheres e guerreiros escolhidos, usando tangás e falos de cerâmica, interpretaram o poder e a energia da criação, repetindo os gestos sagrados dos deuses na criação do mundo.

Séculos depois, outra fortíssima devoção à Senhora das Águas reapareceu na cidade de Belém, defronte à ilha do Marajó.

**Nossa Senhora de Nazaré**

Quem encontrou essa imagem, vamos dizer assim, mais moderna da Senhora das Águas foi um caboclo. Sabemos até o nome dele: Plácido José de Souza. E a data quase completa: outubro de 1700. Filho de português com índia, Plácido era um caçador. Morava num casebre perto da saída da cidadezinha que era Belém do Grão-Pará, naqueles tempos. (4)

Vamos imaginar como isso pode ter acontecido. Plácido quis refrescar-se e desceu até o igarapé. Muitos viajantes andavam pelas bandas do igarapé Murutucu, na estradinha que ia para o Maranhão, a uns bons mil e tantos quilómetros dali, é bom que se diga. Passava da hora quente. O calor estava já amaciando e Plácido molhava os pés na água fresquinha. De repente, deparou com uma imagem pequena enroscada nas pedras lodosas.

"Será que algum romeiro esqueceu ela aqui?", pode ter pensado o assustado viajante.

Pegou a santinha de madeira, toda sujinha e lavou-a bem antes de carregá-la para casa. Mostrou para todos e fizeram um altar. Puseram vela e puxaram reza de terço. Dia seguinte, ô mistério! A santinha não estava mais lá.

Começava a série de fugidas dessa imagem romeira. Foram tantas e tão inexplicáveis que só quando o governador e o bispo deixaram os caboclos fazerem uma choupana ali mesmo nas pedras e na lama, a santinha sossegou. Era onde **ela** tinha escolhido ficar. Entronizou-se por si mesma, pronto.

Com apenas 28 centímetros de altura, essa santa sujinha ficou moreninha mesmo. Não conseguiram branqueá-la para ficar parecida com a sua correspondente portuguesa. Porque logo os jesuítas da localidade de Vigia, a uns 130 quilómetros de Belém, onde havia uma antiga tradição da santa, a identificaram como sendo a mesma Nossa Senhora de Nazaré, santa portuguesa que tantíssimos milagres já havia promovido em terras lusas e espanholas. Conhecida de reis e bispos que até na África já a tinham levado. E por sua força, ganharam-se batalhas...

A humilde e misteriosa santinha do igarapé ganhou foro histórico, vestiu-se com manto de linho bordado em fios de ouro. Mas o povo não a abandonou. Ou ela o escolhera primeiro, ao deixar-se apanhar num igarapé de beira de estrada pelas mãos grossas de Plácido, um mateiro caçador?

Passando a ficar cada vez mais conhecida pelos milagres que operava no povo, nos padres, curando governantes e comovendo os bispos, a Nossa Senhora de Nazaré de Belém ganhou até uma bonita basílica inaugurada em 30 de outubro de 1941. Uma imagem réplica é retirada da basílica anualmente, no segundo domingo de outubro, percorrendo as ruas das partes velha e nova de Belém sob os fogos e as rezas de uma multidão. É o Círio de Nazaré.

A cada ano que passa os jornais falam em mais de um milhão e meio de pessoas na procissão da Virgem de Nazaré. Este foi o cálculo estimado em 1995 e o número de fiéis só aumenta, há 203 anos.

Como se explica um fenômeno assim? Esta manifestação da Senhora das Águas tem uma força extraordinária na alma dos caboclos da Amazônia. Não só na alma deles, mas na de todas as pessoas que moram lá ou que chegam para ver a procissão do Círio. Não há quem não se arrepie ao ver a inacreditável multidão que enche as ruas todas da cidade. Pesada, langorosa, a procissão se arrasta sob o calor tropical feito imensa cobra colorida.

No meio daquela turba, passa carregada numa berlinda de flores uma Nossa Senhora linda em seu manto branco e dourado. Uma coisinha de menos de 30 cm com o poder tremendo de atrair tanta gente.

Há poucos anos introduziu-se uma procissão fluvial nos festejos da Santa. É outra glória. Ela vem adiante de um cortejo infindável de barcos de todos os tamanhos. Mostra-se então, clara e vivamente, a sua natureza de Senhora das Águas. Nenhuma força arbitrária conseguiria produzir o efeito psicológico dessa mãe viajando na maré. Mas Ela pode. Atrai todos para si, essa doce e tão pequenina Senhora dos verdes lençóis amazônicos.

**Experiência profunda**

A manifestação da deusa como Nossa Senhora de Nazaré produz uma experiência moderna do *numinoso* (5). Poucas ocasiões ainda temos nos dias conturbados que atravessamos, de viver um contato psicológico com o transcendente. Mas isso pode acontecer frequentemente na Amazônia, quando a Senhora mostra sua face protetora aos que a procuram. Nas margens daquele mar doce, às portas do Oceano Atlântico, todos sabem. Bichos e gente, todos sabem que o planeta é das águas. Elas trazem a vida à terra, mas também matam e destroem. Ainda bem que a Virgem de Nazaré está aí para nos proteger.

Seria bom que a força da Virgem de Nazaré fosse usada para aumentar a consciência das pessoas sobre os recursos da região, mas não é. Não tenho conhecimento de processo algum relacionando à santa com os deveres do caboclo proteger os rios, impedir as queimadas ou algo do gênero. Não, essa divina presença não foi associada com os ciclos da natureza, nem está ajudando a protegê-la. Pelo menos de forma direta e consciente.

A Senhora das Águas, em sua manifestação como Virgem de Nazaré, tem força como protetora dos barqueiros e dos viajantes. Dos mateiros e peões, do pessoal simples que lida com os búfalos no Marajó, os cavalos, o gado nas fazendas da região. É invocada como Mãe de Todos. Aquele que não tem moradia pede a ela que ajude. Carregará uma casinha de madeira no Círio, em pagamento à promessa feita. Quem já possui casa coloca um quadro com a imagem da Virgem atrás da porta de entrada. É um aviso de que a família está sob a proteção da Nossa Senhora de Nazaré. Ela também salva os barcos e as pessoas de se afogarem. Salva dos perigos das matas e dos trovões, das tempestades e das enchentes.

Por suas características, a Senhora de Nazaré simboliza a Grande Mãe em seu aspecto clássico de abrigo seguro. Ela é a casa, o ventre materno, o abraço e o colo da mãe. Não está em seus domínios a regência da vida afetivo-erótica de homens e mulheres. A sensualidade natural da cabocla, por exemplo, precisa buscar outro modelo de identificação.

Outra qualidade importante na mulher da região permanece fora do âmbito da Nossa Senhora: a agressividade. A cabocla precisa ser forte e valente no seu dia-a-dia para sobreviver em condições muito difíceis. Precisa ser resistente, não ter medo de cobras, bichos e enchentes. Atrair o seu caboclo, parir, manter a roça e a casa. Essas e outras atividades normais na vida das mulheres amazônicas estão fora do âmbito de proteção da Virgem católica. Ainda que batizada, a mulher da Amazônia completa seu processo de identificação através dos modelos indígenas. Os modelos cristãos tradicionais são insuficientes para proporcionar a integração psicológica das tendências agressiva e amorosa que dependem dos modelos arquetípicos de origem indígena para serem equilibradas na personalidade.

Os mitos indígenas cultuam a força e a coragem diária. As pessoas simples escapam dos papéis tradicionais da sociedade e vivem experiências intensas através dos recursos simbólicos nativos. Elas enfrentam os elementos naturais e os animais, como também as energias instintivas interiores. A vida afetiva-sexual das caboclas, por exemplo, nunca pôde ser totalmente administrada segundo os preceitos da moral cristã. Um bom exemplo disso está no mito do encontro amoroso com o peixe-homem, o boto. Sem compromisso, sem definição, a cabocla entrega-se ao boto transformado em belo rapaz, vivendo uma experiência emocional que tem profundo sentido para ela. Seu ato significa comungar com as força da vida e sua entrega à natureza, fora e dentro de si mesma. Uma rendição psicológica necessária para quem vive em um ambiente onde os elementos naturais, como as águas, decidem a sobrevida de todos. (6) A manifestação da Senhora das Águas em Belém, deixa lacunas, embora trazendo vários aspectos positivos do arquétipo feminino. Ela simboliza o lado doce e materno, mas nada sensual. Seu manto triangular, entretanto, pode ser imaginado como involuntária alusão à forma de corpo das deusas pré-históricas. Quando a cabeça nem parecia humana, esculturas com largos quadris, sem braços e com pernas atrofiadas, lembravam às pessoas que a fecundidade estava na Terra, assim como nas mulheres. Por isso a arte pré-histórica criou figurinos que tiveram a forma de triângulos com a base para baixo. Bem semelhantes à imagem da Senhora das Águas dos índios Marajoara.

Além disso, a cor morena da Virgem de Nazaré também é um atributo das antigas deusas que receberam a força telúrica dos vales úmidos, das escuras cavernas, das noites estreladas. Para fazer recordar que a fecundidade do útero, assim como a da terra molhada, é obscura, misteriosa. E que a geração da vida se passa longe dos olhos humanos. A semente dentro da terra. O ser humano, no útero. O morto, de novo, regenerando-se na obscura proteção da Grande-Mãe. Não foi a hebreia Maria, uma morena em vez de clarinha como a pintam os europeus?

O sinal da pele escura nas divindades femininas do Brasil fica ainda mais evidente em Nossa Senhora Aparecida, a Santa Padroeira do Brasil.

**Nossa Senhora Aparecida**

Como foi aparecer esta Senhora toda pretinha em meio aos alvos fidalgos portugueses? E tão milagrosa!

Nasceu das águas. Nasceu sem cabeça, a pobre. Pescada por partes, a santa impressionou desde o primeiro momento.

Conta o seu mito que três pescadores batalhavam no rio Paraíba, sem obter nenhum sucesso. Seu problema era que o governador de São Paulo e Minas Gerais ia visitar Guaratinguetá e eles estavam incumbidos de providenciar a comida da comitiva toda.

Mas, peixe que é bom, nada. Então João Alves pescou em sua rede uma santinha de madeira mutilada. Mais adiante, a tarrafa trouxe a cabeça que faltava. Foi encostar a cabeça no corpo da santa, os peixes começaram a aparecer dentro das redes dos três. Milagre.

Quem guardou a imagem e mandou seu filho fazer ermida foi Filipe Pedroso. Chegava gente de todas as cidades para ver a santa pretinha de 38 centímetros. Ficou famosa e fez tantos devotos que em 16 de julho de 1930, a pedido do clero brasileiro, o Papa Pio XI declara Nossa Senhora Aparecida Padroeira Principal do Brasil.

Não foi associada com outra santa, não precisou. Era aparecida mesmo e com este nome ela ficou. Mas quanto poder! Corria o ano de 1717. Hoje, a imagem está na portentosa basílica na cidade que se formou no local, chamada Aparecida do Norte. Deve ter uma Aparecida do sul ou do leste, não sei.

Como é costume católico, ganhou manto triangular e coroa de ouro. Nossa Senhora Aparecida e Nossa Senhora de Nazaré de semelhantes ficaram idênticas. A primeira, porem, decididamente preta.

**A santa negra**

Como explicar uma santa de provável origem portuguesa, feita em madeira tão escura? Fácil, os padres juram que foi o longo tempo de contato com a água do rio Paraíba que escureceu a cor da santa. Uma negação que traz consequências importantes na psicologia das pessoas. Primeiro, rejeitou-se o sentido espiritual que trouxe a santa à tona dentro de certas condições bastante peculiares. Segundo, banalizou-se o simbolismo do seu aparecimento de dentro do rio.

Uma imagem de santa negra num país onde ainda havia escravidão *autorizada pelo governo está nascendo do próprio inconsciente nacional!* Aparece de dentro de cada um, do mais escuro na alma de todos. Da nossa sombra não admitida, vergonhosa, triste e até, criminosa. E vem como uma figurinha... Sem cabeça. Quantos símbolos que ainda precisam releitura, fora dos padrões em que colocaram o mito. Porque foi tudo datado e o acontecimento estranho recebeu créditos de historicidade.

A religião católica sempre procura aumentar o crédito provando que seus profetas e santos tiveram existência histórica. A atitude abrange mesmo Jesus, o Cristo. Nem todas as religiões têm o mesmo procedimento. O resultado psicológico comum de atitude historicista é a perda de alcance do significado profundo do símbolo. Ele se reduz a "nada mais do que”... um fato localizado em tal espaço e tempo. Cria-se uma abordagem externalizada, desvalorizando-se a impressão subjetiva e o alcance simbólico do mito. Por isso, o devoto perde a experiência numinosa que teria, caso se aproximasse da imagem santa aceitando os elementos inconscientes mobilizados pelo mito.

Ele chega à Basílica de Aparecida com a cabeça cheia de informações externas, pensa de acordo com aquilo que as convenções religiosas lhe dizem. Não pára, não sente por si mesmo. Fica sem vivenciar o que é aquela santinha preta ali, entronizada, adorada como poucos santos no mundo. O que é tudo aquilo? Por que ela é preta e veio das águas? Seu encontro com a santa não tem a alegria da vida. Parece mais melancólico, desanimado porque lhe está interdito o ato de viver o mito da divindade. Tudo já foi prescrito e o devoto fica afastado do encontro sagrado da pele escura na sua vida. (7)

Nossa Senhora apareceu acéfala e só colando a sua cabeça os pescadores tiveram abundância. Ela é a Mãe do rio. Senhora das águas da vida. Senhora dos peixes. Os peixes não somos todos nós, já que Jesus Cristo era o maior pescador de homens? Ela é, pois nossa mãe. E também a Mãe da fartura, como as mães - pretas deste Brasil inteiro sempre simbolizaram. Com os seios fartos que aleitavam o pretinho e o filho da sinhá. A mãe preta de mil estórias na imaginação de todos os brasileiros. Ainda hoje cantada e venerada na morena gostosa, generosa, que sabe dos dengos da cozinha e da cama. A mulher preta sempre invejada pelas donas bem-educadas que não podiam gozar com seus maridos porque, afinal, o que eles iam pensar delas? Eles iam atrás das pretas e das mulatas.

No Egito, onde se aceitava o mito como criação psicológica, com significados vitais, sem procurar a historicidade como justificativa, os deuses evoluíam. Mudavam, segundo também mudasse a mentalidade dos grupos culturais, os séculos, os povos. Isis, por exemplo, a mais duradoura expressão do arquétipo divino feminino, segundo o psiquiatra Erich Neumann, (8) perdeu a cabeça. Foi decepada pelo filho Hórus que, em troca, deu-lhe a cabeça de uma vaca.

Imagine fazer disso um fato histórico. Nem se cogita que Isis possa ter sido humana. Um acontecimento mítico que pertence ao espaço psicológico, não realista. Assim, com o respeito devido aos símbolos emanados de forças além da compreensão dos humanos, os egípcios aceitaram que Isis ficou sem cabeça. Ainda hoje esse detalhe tem interesse para acompanharmos o processo da individuação feminina. (9)

No caso da imagem preta de Nossa Senhora sem cabeça, temos que aceitar o elemento inesperado como sendo a expressão de um fator transcendente. Um belo sinal da necessidade de mudança do modo de raciocinar e de controlar o processo da vida. Perder a cabeça indicaria tanto a confusão, até a loucura, quanto um processo de profunda reestruturação interior. Em se tratando de uma divindade, o símbolo aponta a direção superior onde o sentido seria indicar a necessidade de contato consciente com os dinamismos emocional e instintivo da psique. Sugere que os seus devotos precisariam rever e, quem sabe, renunciar a algumas idéias para aceitação de novos paradigmas.

O mito de Nossa Senhora Aparecida sugere que a força psicológica que ela simboliza estava sob a ação do poder regenerador das águas. Podemos supor que a santa estava sob o trânsito dos elementos regeneradores do princípio feminino. Ela nasceu de novo pela tarrafa do pescador. Veio à luz pela ação dos seus filhos, ela que é a própria Mãe da Luz. Será que nós vamos atualizar esse mito e recriar a verdadeira Senhora da sabedoria, a Sofia dos alquimistas? A Mãe preta indica a possibilidade de união dos elementos mais instintivos e profundos da psique aos elevados e espirituais. Será esse um traço no destino da nação brasileira?

A divindade que foi chamada Aparecida não poderia mais ser vista de maneira tão conservadora como rezavam as tradições cristãs dos antepassados lusos. Foi, e talvez tenhamos perdido algo da força desse acontecimento singular, sincronístico para a hora do país. A deusa que renasceu do escuro fundo do rio Paraíba, trazendo no corpo a cor da matéria-prima (*materia nigris*), não era mais apenas uma santa *católica*. Ela foi e é uma poderosa manifestação da psique coletiva que projetou sobre a imagem de madeira o *tremendum numinoso* da Virgem preta. Como também Cybele, Afrodite e Diana de Éfeso. E a santa da Polônia que o Papa reverencia. E Nossa Senhora de Reims, Nossa Senhora de Guadalupe e tantas outras. Santas ou divindades que incorporam, justamente, o lado mais ctônico da Grande Mãe. Uma presença constante na psique dos povos, a mãe da matéria, a própria Mãe de Todas as Coisas.

**A sincronicidade**

Qual a representação oculta no fato da vinda de Nossa Senhora Aparecida no Brasil da época? Entre muitas interpretações possíveis, escolho uma: a sincronicidade do aparecimento da imagem aponta para uma unção. O Brasil é abençoado pela Mãe Negra. A poderosa Senhora das águas, da abundância. Aquela que tem na pele a cor do útero fecundado, da terra quando fica úmida. A cor da noite de muitos mistérios. Da substância perigosa porque desconhecida. A sombria face do lado oculto que não se explica racionalmente. Esse lado que sempre fica mais próximo da mulher, o Yin dos chineses taoístas. O escuro do fundo das águas primordiais, de onde tudo o que existe nasceu. E continua nascendo, dentro de nós.

O século do aparecimento da Virgem no rio Paraíba foi o mesmo da Revolução Francesa. Como aconteceu com ela, muitas cabeças pensantes literalmente foram decepadas. Rolaram na guilhotina. A cultura ocidental transformava-se aceleradamente e precisou incluir cada vez mais novos elementos, vindos, sobretudo, dos inferiores conhecimentos marginais, da face sombria da sociedade. Forças que estiveram reprimidas e negadas pelos governos e pelas religiões da época.

Que energias estariam sendo estimuladas na psique coletiva brasileira em correspondência ao aparecimento dessa figura divina? Teria relação com a abolição da escravatura que foi assinada por D. Isabel século e meio depois? As mulheres em geral foram mais valorizadas nas ciências e nas artes, ganharam direito a falar e a pleitear cargos públicos.

Mesmo que os símbolos da pele preta e da separação da cabeça não tenham sido devidamente valorizados pela religião, algum contato inconsciente pode ter mobilizado a psique brasileira. Mesmo que não completamente compreendido, o mito de Nossa Senhora Aparecida teve ressonâncias que não podemos acompanhar. O evento sincronístico é evidente por si mesmo. Ainda que o processo de torná-lo consciente leve décadas. No caso, melhor falarmos em séculos. Ouso dizer que a porção desse mito que foi escondida pelos religiosos, tornada marginal e, portanto inconsciente nos devotos e neles mesmo reapareceu sob outras denominações. Yemanjá é uma dessas manifestações. Ela se apresenta à devoção popular no Brasil com muito mais força do que jamais teve na África. Que sede o povo daqui tem de u' a Mãe poderosa!

No contexto amplo, o mito de Nossa Senhora Aparecida mostra como não se tem controle sobre como e quando tais manifestações vão surgir. O imponderável traz o numinoso transcendente. A figura feminina divina de Nossa Senhora Aparecida corresponde a uma especial mobilização do arquétipo da Grande-Mãe na psicologia da nação. O possível encaminhamento para o resgate do lado ctônico, regenerador da vida, emocional e amante da alegria de viver. É também o contato com as bases da abundância e a plenitude. Essa dimensão psicológica estava em desequilíbrio na nossa psique coletiva. E talvez ainda esteja. Mesmo que o culto à Yemanjá tenha abrandado o conflito presente na alma do brasileiro: um conflito entre o lado apolíneo, claro e racional e o lado dionisíaco das expressões místicas, do transe, do êxtase, das orgias sensuais.

Permanece, para todos que se debruçam sobre o modo de viver brasileiro, a sensação de que temos um conflito subterrâneo, onipresente. Tudo parece ser tão grandioso, mas vivemos na pequenez e na miséria. Faltam clareza e alinhamento de propósitos em direção a um objetivo realmente unânime. Conscientemente assumido. A alma brasileira parece estar fragmentada em mil partes que se opõem entre si. *Nossa cabeça ainda não foi colada. Logo, os peixes ainda não abundam nas nossas tarrafas.*

Mas a intensidade das devoções às divindades femininas neste país estaria mostrando que essas deusas têm uma função muito importante para desencadear o processo de regeneração da alma brasileira. De modo mais específico, na relação com as figuras femininas arquetípicas mostra-se bem o conflito íntimo dos brasileiros.

Para exemplificar, as relações entre os homens e as mulheres são frequentemente dominadas por duas tendências contrárias. De um lado estão as atitudes conscientemente assumidas, um lado moralmente aceitável pelas religiões cristãs. O poderoso caráter apolíneo, claro e politicamente correto pelo qual as mulheres - da mãe, à esposa, filha e irmã, são "santas". E o extravasamento dionisíaco com as outras mulheres, geralmente as que estão fora da família. O mesmo lado dionisíaco que se esbalda na orgia do carnaval. A face brasileira presente no caráter trambiqueiro do nosso herói - sem - nenhum - caráter: Macunaíma.

Do ponto de vista feminino, fica difícil integrar o aspecto sedutor e erótico na vida matrimonial e maternal. Porque os modelos apolíneos da nossa cultura não o permitem. Nossa Senhora, sob qualquer nome, é uma mãe santa que não dorme com o seu marido. E agora? A pessoa simples não alcança os altos cumes do dogma mariano. Resta o impasse.

Os aspectos mais sublimes da figura divina de Maria e o que ela representa como integração dos sentimentos elevados de amor humano ficam longe da vida prática da maioria das pessoas, justamente porque nos falta a interiorização do símbolo.

Vou dar um exemplo simples. A procissão de Nossa Senhora de Nazaré leva a Virgem até a sua basílica. Quando ela chega à "sua casa", quem a recebe? Homens. Padres da Igreja. Embora vestidos com longas saias, são homens e todos sabem disso. Nenhuma freira, mulher cristã ou mãe de filhos tem o direito de estar ali, naquela hora sagrada, recepcionando a doce Senhora. Uma família cristã é composta de pai, mãe e filhos. Os motivos pelos quais as mães não podem ascender ao palco sagrado para receber a Mãe de Todos nunca foram devidamente declarados pelas autoridades religiosas. Torna-se difícil esperar que as mulheres se identifiquem completamente com aquela imagem da santa, enquanto o seu poder estiver restrito à banda masculina da humanidade. Sinal da comum inaceitação do princípio feminino que regularia os costumes excessivamente patriarcais da sociedade brasileira. Fato já bastante estudado. Falta é perceber como o processo de transformação dos símbolos das divindades femininas atua na psique coletiva. Motivo pelo qual Yemanjá precisa ser mencionada.

**A Senhora dos Peixes, Yemanjá.**

*Doce, bonita, dona de uma presença divinamente elegante e sensual, Yemanjá vinha com o seu séquito pela estrada. Quando foi vista por Orunmilá, o adivinho, deus poderoso na tradição yorubá, da África.*

*"Mande ver quem é aquela mulher tão sedutora", ordenou ele.*

*Ela se apresentou. Era Yemanjá, rainha e mulher de Oxalá.*

*Ouviu o convite para ir conversar com Orunmilá. Não foi, continuou o seu trajeto. Como as mulheres gostam de fazer, foi quando teve vontade. E tanto conversaram que Yemanjá ficou grávida*.

Temos aqui uma imagem diferente do caráter feminino, que inclui a dimensão amorosa e sexual. Compilada por Câmara Cascudo (10), essa lenda retrata bem a divindade nagô (yorubá) trazida pelos escravos africanos cujo culto e devoção se espalharam pelo Brasil.

O mito original de Yemanjá, deusa da região africana de Ifé e Ibadan, atual Nigéria, se perdeu no tempo. O antropólogo Verger (11) diz que depois de seu casamento com Orunmilá, Yemanjá casou-se com Olofin, rei de Ifé, com quem teve dez filhos que correspondem aos orixás do panteão yorubá.

Sua posição como Mãe dos Santos é confirmada por Iwashita (12), teólogo brasileiro que recuperou numerosas referências aos costumes e tradições ligadas à Yemanjá. Nele, encontro a versão mais correntemente aceita em que a deusa é filha do Céu com a Terra. Sua função cosmogônica e ambiental é bastante significativa porque a tradição a considera a "mãe do peixe" (yeye: mãe e eja: peixe), portanto senhora dos alimentos. Sendo a divindade preservadora dos rios e mares, Yemanjá também defende os seres humanos dos perigos das águas.

Uma das muitas versões do mito de Yemanjá conta que ela se casou com um irmão, Aganju (terra firme, floresta, planície) gerando Orugan (o alto do céu). Quando adulto, Orugan apaixonou-se por sua mãe. Certo dia, aproveitando-se da ausência do pai, perseguiu-a e a forçou aceitá-lo sexualmente. Depois disso, a deusa fugiu desesperada para esconder-se. Orugan, arrependido, quis consolá-la, mas ela reagiu com uma transformação assombrosa: começou a inchar desmesuradamente. Dos seios enormes brotaram torrentes de água que formaram os rios da terra. Seu ventre aberto deu nascimento a todos os orixás. Tornou-se a Mãe dos Deuses.

Levado ao pé da letra, o incesto confunde uma consciência feminina sensível. Sabe-se, entretanto, que algumas deusas da antiguidade foram mães e amantes de seus filhos. O detalhe do incesto é simbólico, não exatamente religioso, trazendo implicações psicológicas que não daria para aprofundar no espaço deste artigo. A fecundação de Yemanjá por seu filho, chamado "o alto do céu”, entretanto, revela um elemento psicológico fundamental para compreender-se a relação com a energia da Grande-Mãe. Embora o detalhe do incesto tenha passado por uma maquiagem cristã depois de chegar ao Brasil, sendo disfarçado e omitido, já é tempo de suspender o véu da falsa interpretação moralista dos mitos. Quando o mito de Yemanjá foi criado, a dicotomia entre o "bem" e o "mal” não existia do mesmo modo como para nós hoje.

O sentido do mito diz que a senhora dos mares uniu-se ao senhor da terra firme, dando nascimento ao senhor do alto do céu. Simples lição para aprender que o amor leva à criação do céu aqui no planeta. Os orixás, que estão presentes dentro de cada ser humano, são intermediários das forças elementais do meio ambiente. Na conceituação nagô, o coito de Yemanjá com Orugan, embora proibido, funciona como propiciador de uma transformação fundamental para a humanidade: fazendo-a senhora das forças da natureza, através dos orixás, ancestrais divinizados dos próprios homens.

Desde os tempos míticos, os orixás garantem aos seres humanos o controle sobre certos elementos naturais, como o vento, o trovão, as águas doces ou salgadas. Foram eles que asseguraram a possibilidade de exercer atividades necessárias à cultura, como a caça, pesca, cerâmica, conhecimento de plantas e de animais, metalurgia, marcenaria e outras. A fecundação pelo "alto do céu" tornou a deusa capaz de por filhos dinâmicos no mundo, os verdadeiros germinadores da civilização humana. Modelos de uma relação dialética com os recursos naturais do planeta, os orixás, filhos de Yemanjá podem inspirar atitudes ecológicas equilibradas nas pessoas orientadas para fazer o bem comum. Por essas condições, a presença de Yemanjá entre as divindades femininas no Brasil contribui com as características primitivas das deusas antigas para complementar os modelos de identificação feminina de origem europeia e indígena.

**Um mito vivo**

O mito de Yemanjá ainda está bem vivo e não foi colocado como fato histórico. Ela jamais foi reduzida a uma personalidade que tenha vivido na África. Os seus devotos reconhecem o seu domínio interiormente e ela reina no nível imaginário que alimenta com sentimentos, experiências, rituais e êxtase. Qualquer um pode tomar-se filho de Yemanjá, passando pelo ritual de iniciação da deusa. Basta ser chamado por ela. E quando ela chama, não o faz apenas com idéias abstratas, mas através da dança.

Os afilhados da deusa dançam balançando como as ondas do mar, porque a sua presença acende as emoções e o erotismo, solta a alegria de viver, afinal quem pode controlar as ondas? Sentindo a maré baixa e a maré alta, assim os filhos dessa deusa aprendem a equilibrar-se com seus estados emocionais. Sob o ritmo do fluxo das águas interiores, aceito e vivenciado, reequilibrando-se quando a maré interior muda. Sem explicações excessivas, interiorizando os símbolos.

No Brasil o culto de Yemanjá sofreu uma verdadeira metamorfose. De protetora dos rios na África, tomou-se conhecida como rainha do mar e de todas as águas. Quando por vício histórico a Igreja obrigou os escravos a uma cristianização, o resultado foi uma associação de muitas santas católicas à divindade africana. Constata-se, entretanto, que a estética do cristianismo "não conseguiu contaminar as virtudes e a dignidade que fizeram do terreiro um polo de resistência e de conhecimento cultural do africano no Brasil", testemunha o etnólogo Raul Lody (13).

A tendência geral da psique dessa terra em venerar uma Grande Mãe ampliou as funções de Yemanjá tomando-a a grandiosa Senhora das Águas. Outro aspecto da metamorfose brasileira é sua apresentação como Iara, ou Mãe-d'água, entidades do panteão indígena anterior à chegada dos africanos. Yemanjá como Iara convida seus apaixonados a mergulharem para fazer amor com ela no fundo das correntes, cachoeiras, rios ou mares profundos. Nem sempre os amantes retornam.

Quem não se lembra da fatalidade com que Jorge Amado fala dos chamados de Dona Janaína aos pescadores da Bahia, em Mar Morto? Janaína ou Dona Janaína, Dona Maria, lnaê, Iemanjá, Princesa de Aiocá são outros nomes para a deusa yorubá. Mas também pode ser chamada como Minha Madrinha, Minha Mãezinha, Princesa do Mar, Rainha do Mar, Rainha das Águas, Sereia do Mar.

Yemanjá é representada por conchas, símbolo da acolhedora concavidade do corpo feminino, assim como as Vênus antigas. Ela é vaidosa, recebe presentes de espelhos e perfumes e não desfaz de sua beleza em nome da maternidade. As suas filhas parecem ganhar um tipo físico arredondado, com seios grandes e um certo olhar calmo.

O arquétipo de Yemanjá leva a mulher a ser ótima mãe, uma fera na defesa dos filhos, grande amiga que pode perdoar as ofensas, mas jamais esquece. Geralmente passa a vida com um mesmo companheiro, desde que tenha conforto. Gosta do luxo, dos prazeres da mesa e da cama. É voluntariosa, sujeita a dores de cabeça e com alguma tendência às fantasias (14).

Yemanjá é uma divindade que permite às suas filhas desenvolverem o amor erótico, como fizeram as deusas Inana da Suméria, a egípcia Hathor, Afrodite da Grécia e Vênus em Roma. Yemanjá da nação dos yorubás, hoje também dos brasileiros, simboliza a inteireza do amor feminino. Um modelo da amante, cheia de alegria de viver, mulher bonita, vigorosa, sedutora. É também mãe venerável e severa, protetora dos perigos das tramas sentimentais. Uma revelação azul e prateada da força da emocionalidade, típica na alma coletiva da maioria das pessoas deste país.

Vamos mais longe e comparemos Yemanjá com Nossa Senhora de Nazaré e Nossa Senhora Aparecida e todas elas com a deusa dos Marajoaras. Em outros termos, pode a Virgem Maria ser a mesma que Afrodite-Vênus, ou Yemanjá ser outra Inana ou Isis?

**As Faces da Deusa**

Campbell criou os termos de comparação entre as divindades femininas e masculinas em sua magnífica série *As Máscaras de Deus*. Aplicando as bases teóricas de Jung aos modernos achados arqueológicos, Campbell evidencia a unidade do arquétipo divino que se manifestou na psique como sendo de natureza ora feminina, ora masculina e também andrógina. No volume *Mitologia Primitiva* (15) encontro as palavras de Isis ao seu iniciado Apuleio, cerca de 150 d.C.

*Sou aquela que é a mãe natural de todas as coisas, senhora e governante de todos os elementos, a primeira progênie dos mundos, o mais importante dos poderes divinos, rainha de todos que estão no inferno, a mais importante dos que vivem no céu, manifesta apenas sob uma única forma em todos os deuses e deusas. ( ... ) Minha divindade é adorada por todo o mundo, de diferentes maneiras, em diferentes costumes e por muitos nomes*.

Que mistério é este que parece durar milênios?

O culto de Yemanjá, por exemplo, está vivíssimo e tende a aumentar, confirma Iwashita (16), seja na América do Norte, em Cuba ou na América do Sul, tendo o Brasil uma importante influência neste crescimento.

O contato dos africanos com o catolicismo favoreceu o sincretismo religioso e aproximou Yemanjá de Nossa Senhora da Conceição, festejada em 8 de dezembro. Ligou-a com Nossa Senhora das Candeias, festejada em 2 de fevereiro. Nessas datas sagradas, uma deusa magnífica é venerada em rituais à beira mar que se estendem da Bahia ao Rio Grande do Sul. Lembremos que Conceição vem de concepção: conceber, que tanto significa pensar como ter uma criança. A Senhora das Águas na imagem de Nossa Senhora da Conceição está associada com a lua em quarto crescente, mais uma analogia com as poderosas deusas neolíticas. A função psicológica do crescente lunar é muito ampla. O mínimo que se pode dizer sobre este símbolo é que está pontuando a correlação com o princípio feminino presente nos ciclos naturais do tempo, das plantas, da colheita e as condições vitais da mulher.

Em Cuba, o 8 de Dezembro é uma festa alegre consagrada à Nossa Senhora, Virgem de Regla, padroeira dos pescadores. Lydia Cabrera (l7) relata que com o passar do tempo a Virgem de Regla e Yemanjá tornaram-se uma única entidade na mentalidade dos cubanos.

Segundo Roger Bastide (18), o culto de Yemanjá se identifica com Nossa Senhora da Conceição da Praia, sobretudo na Bahia. Enquanto, no Rio Grande do Sul, com Nossa Senhora dos Navegantes, levada em procissão por marinheiros e pescadores. De maneira geral, as pesquisas indicam o processo de integração das imagens de Yemanjá em diferentes locais do país com a Virgem Maria, Nossa Senhora da Imaculada Conceição, Nossa Senhora das Candeias, Nossa Senhora de Lurdes. E também, Nossa Senhora da Candelária (Rio); Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora da Boa Viagem (em Recife); Nossa Senhora dos Navegantes (Porto Alegre), Nossa Senhora do Bom Parto (Maranhão).

Em todas essas manifestações, a Senhora das Águas é proteção contra os perigos das águas. É uma divindade que traz a luz (candeia) das águas. Ela é a Stella Maris, a magnífica estrela do mar.

Uma outra face da deusa manifesta-se em Nossa Senhora Aparecida, a mãe dos peixes, tanto quanto em Nossa Senhora de Nazaré, a morena protetora dos navegantes amazônicos. Ambas, modernas transformações da pré-histórica deusa conhecida dos artistas Marajoaras que possivelmente reinava sobre todos os animais aquáticos. Por ter encontrado a face da deusa na pequenina imagem dos Marajoaras, eu compreendi como é antiga sua presença nos povos que habitaram esse território.

O diplomata J.O. de Meira Penna (19) expôs no livro *Em Berço Esplêndido* a tendência nacional para viver eternamente no colo da grande mãe. Esse pensador junguiano brasileiro percebeu, com clareza, os traços filiais no caráter da nossa alma. Porém, a ambígua posição do incesto não foi clarificada pelo autor.

**O colo da Mãe**

Sob a força desse arquétipo, uma pessoa sente-se nutrida, protegida, mas ao mesmo tempo atraída pelos seus impulsos, sem ética nem ponderação. Há o risco de ser devorada pela dinâmica impessoal do inconsciente coletivo, perdendo o senso de identidade. O colo da Grande Mãe atrai para a emocionalidade descontrolada que pode tornar-se fixação no passado, uma prisão no sentimentalismo adocicado e piegas. Um estado psicológico que destrói a autonomia do indivíduo, sugando suas energias.

Essa face da Grande Mãe representa uma morte simbólica na qual os filhos servem à sua vaidade e nunca atingem a verdadeira luz do conhecimento. Continuar em berço esplêndido é ficar infantilizado. Por outro lado, negar o detalhe do incesto, tal como negar a cor preta da Padroeira do Brasil é continuar sem atender aos símbolos do inconsciente. Não ver o que está diante dos olhos. Em atitude reducionista, antropólogos afirmam que a imagem da divindade Marajoara é uma simples bonequinha. Reduzindo o alcance psicológico dos símbolos da alma nacional, permaneceremos pequenos diante da grandeza dos desafios culturais que nos afligem.

É importante ir além das fronteiras desgastadas dos pontos de vista tradicionais quanto aos modelos de identidade femininos. A separação entre maternidade e vida amoroso-erótica não têm mais sustentação e o simbolismo do incesto põe essa questão em relevo.

Paul Diel (20) indica uma nova maneira de perceber o incesto de Édipo, por exemplo. Sua interpretação identifica a extrema vaidade do herói e a arrogância, associada à insegurança postural (Édipo era manco), como a base do seu desequilíbrio. Traz, em consequência, um estado interior agitado e nervoso que banaliza a vida sexual e erótica, vendo-a como mera utilidade para aumentar suas posses. Um casamento por interesse leva-o à desgraça. Visto por este autor, o incesto de Édipo é um símbolo da atitude consumista do ser humano diante dos recursos da grande-mãe. Imagem clara da atitude infantil, misto de vaidade, medo de envelhecer e de morrer que dominam o comportamento de muitas pessoas diante dos ciclos do tempo. Gerando desrespeito para com o bem comum e falta de verdadeira consciência ética na relação com as forças da natureza.

Pois a Grande Mãe representa a matéria e a relação com ela mostra o modo como respeitamos ou abusamos dos recursos do planeta e das energias do nosso corpo. Ir ao encontro da Grande Mãe sem violência significa amar a terra, cuidar dos seus recursos, estudar e respeitar os ciclos naturais. A percepção das divindades femininas predominantes no Brasil pode ajudar a levantar meios de educar e manter uma atitude consciente voltada para uma dinâmica dialética criativa frente aos elementos naturais que estão na psique e no ambiente.

Nós precisamos criar a saga do herói que não age como Édipo, inflado por imaginar-se "filho de deuses". Ao invés, levanta cedo e planeja sua vida. Luta com os aspectos inferiores que o aprisionam, liberta-se da preguiça e da improvisação, tão caras ao temperamento brasileiro.

Não desgraçamos o solo desse país e poluímos as fontes de água por interesses vaidosos e gananciosos durante os últimos séculos? Não intoxicamos o corpo com cigarros, álcool e comidas inadequadas, sem pensar? Uma devoção apenas sentimentalista às divindades maternais não tem força para evitar os males causados pelo descontrolado desejo de possuir e de gozar. A Senhora das Águas não pode ser possuída pelos homens e mulheres, assim como a terra e a água não são propriedade de ninguém. Em sã consciência quem pode afirmar que possui, verdadeiramente, um metro de chão deste planeta? Ele é que nos tem e nosso corpo físico volta a fazer parte dele, na transformação da matéria que chamamos morte. Algumas doses de humildade fariam bem aos governantes que legislam sobre a reforma agrária no país.

**Interesse clínico**

A pesquisa dos mitos tem grande interesse clínico. Mas, o estudo dos deuses só tem significado quando for integrado com a realidade vivenciada e atual. Corremos o risco de alienar ainda mais os nossos pacientes se os alimentarmos com fantasias hindus, gregas, árabes ou egípcias, africanas ou indígenas. Esta é uma advertência particularmente voltada para a fértil imaginação das mulheres brasileiras. Precisamos de experiências vividas para suturar os rasgões na nossa identidade feminina, não de fantasias.

Longe de esgotar um campo tão vasto, os aspectos aqui apontados trazem apenas algumas considerações que julguei úteis para as pessoas que estão dinamicamente em busca dos modelos internos de superação própria. Que não mais abordam a Mãe como refúgio e fuga da vida. Também não se afastam dela com medo e raiva, identificando-se com os excessos do princípio masculino. Talvez vamos conseguir reagir de maneira nova. Vamos trocar o apego e a raiva pela compreensão e acolher a Mãe em nossos braços. Isso, praticamente, significa aceitar a natureza dentro e fora de nós. Entender os ritmos naturais do corpo e do entorno. E conviver harmoniosamente com os recursos naturais do planeta porque senti-lo-emos como o corpo da Grande Mãe. O próprio ventre de onde nascemos, todos nós.

Lua cheia em Leão / Aquário. 1996

**Referencias**

1. **Rosevelt**, Anna - *Moundbuilders ofthe Amazon, Geoplzysical Archaeology* *on the Marajó Island, Brazil,* Academ. Press Inc. San Diego, 1990.

2. **Estés**, Clarissa P.- *Mulheres que Correm com os Lobos,* Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

3. **Gimbutas**, Marisa - *The Language of the Goddess,* San Francisco: Harper, 1989.

4. **Revista do Círio** - publicação da diretoria da festa de N. S. de Nazaré, 1989 p.20 e segts.

5. **Numinoso** - Termo empregado por Jung em suas observações sobre as imagens arquetípicas para descrever uma experiência profunda e espiritual de difícil transcrição em palavras.

6. **Penna,** Lucy C. - *O Mito do Boto*, Boletim de Psicologia voI 38: 88-89, 1988 p. 21-26.

7. Diversos mitos sobre a virgem negra foram analisados por Ean Begg: *The Cult of the Black Virgin,* sem menção a Nossa Senhora Aparecida. London: Arkana Ed., 1985.

8. **Neumann**, Erich - *The Great Mother. An analysis of the archetype* Bollingen Series XLVII, Princeton: Princeton Univ. Press, 1963. {*A grande Mãe,* tradução de Maria Silvia Mourão Neto, São Paulo: Cultrix, 1996}.

9. **Penna**, Lucy C. - *Dance e Recrie o Mundo,* São Paulo: Summus, 1993.

10. Câmara Cascudo, Luis - *Dicionário do Folclore Brasileiro,* 5a. ed., Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1984.

11. **Verger**, Pierre - *Orixás. Deuses Iorubas na África e no Novo Mundo,* São Paulo, 1981.

12. **Iwashita**, Pedro - *Maria e Iemanjá - Análise de um Sincretismo,* São Paulo: Ed. Paulinas, 1991.

13. **Lody**, Raul - *Candomblé Religião e resistência cultural,* São Paulo: Ática, 1987 p. 52.

14. **Aflalo**, Fred - *Candomblé Uma visão do mundo,* São Paulo: Mandarim, 1996.

15. **Campbell**, Joseph - *As Máscaras de Deus*: v. 1 *Mitologia Primitiva,* São Paulo: Ed. Palas Athena, 1992.

16. **Iwashita**, Pedro - op. cit.; p. 31.

17. **Cabrera**, Lidia - *Iemanjá em Cuba,* Rio de Janeiro, 1967, cito por Iwashita.

18. **Bastide**, Roger - *As Religiões Africanas no Brasil*, 2v., São Paulo, 1971, cit. por lwashita.

19. **Meira Penna**, J.O. - *Em Berço Esplêndido,* Rio de Janeiro: José Olympio Ed., 1974.

20. **Diel**, Paul - *Le Symbolisme dans la Mythologie Grecque,* Paris: Payot, 1966.

## O CORPO EM JUNG (1)

## Rosa Maria Farah

Ainda hoje, mesmo entre terapeutas junguianos, podemos por vezes observar algumas reações de surpresa ao mencionarmos a aplicação das técnicas de trabalho corporal associadas à Psicologia Analítica de C.G. Jung. Tal fato deve-se apenas em parte à maior divulgação em nosso meio das abordagens corporais derivadas do trabalho de Reich e seus seguidores (a Bioenergética, por exemplo), ou mesmo das chamadas formas "alternativas" de intervenção terapêutica.

Embora existam razões históricas mais complexas para que os processos corporais permanecessem até então aparentemente à parte das considerações dos psicoterapeutas não é nosso objetivo aqui detalhar tais razões (2). Vamos mencionar apenas como ilustração destes fatores a polêmica estabelecida - dentro do próprio meio psicanalítico - pelas contestações apresentadas por Reich: conforme sabemos, suas críticas foram dirigidas não apenas a alguns dos postulados teóricos e metodológicos da Psicanálise. As próprias estruturas de poder subjacentes às instituições acadêmico-científicas também foram alvo direto de sua análise. A partir daí, o posicionamento científico de Reich passou a ser conhecido de forma inseparavelmente associada à sua atitude contestadora.

A polêmica resultante da repercussão de suas propostas contribuiu em grande parte para Reich passar à História da Psicologia como sendo um contestador pioneiro, especialmente no assunto referente à consideração dos processos corporais na busca de compreensão dos dinamismos psicológicos. Não se pretende aqui entrar em detalhes sobre os aspectos inovadores de sua obra, embora o tema seja de extremo interesse e valia para uma maior compreensão da evolução da Psicologia ocidental. Nossa intenção inicial é chamar a atenção para o fato de a polêmica envolvendo a história do corpo na Psicologia não ter se originado com as proposições de Reich e seus seguidores.

Em "*Tocar, Terapia do Corpo e Psicologia Profunda*", McNeely (3), terapeuta junguiana, apresenta um esclarecedor apanhado histórico sobre aqueles que considera como pioneiros da somatoterapia (4):

"*Considero pioneiros da somatoterapia Freud, Sandor Ferenczi, Alfred Adler, Groddeck, Wilhelm Reich e Jung. Eles foram, naturalmente, influenciados por outros: Nietzsche, Kretschmer, Kraftt-Ebing, Schiller, antropólogos, etc. Começo por estes seis terapeutas porque sua principal preocupação com relação ao corpo foi a distribuição da energia (conforme se vê principalmente na teoria dos impulsos). Descobre-se que nesta matéria eles estiveram juntos, discordaram e, por fim, se separaram. "* (5)

Estamos destacando aqui um elemento fundamental para a compreensão sobre a evolução da atenção dada ao corpo na história da Psicologia ocidental: as dificuldades para o equacionamento da relação corpo-mente não provêm apenas da complexidade inerente aos processos psicofísicos envolvidos. Se mesmo em nossos dias nos defrontamos ainda com muitos obstáculos - fruto de preconceitos determinados ainda pelo espírito de nossa época - para o desenvolvimento de certos níveis do nosso trabalho, o que não estaria então ocorrendo naqueles tempos e lugares, no âmbito acadêmico onde viveram e trabalharam os pioneiros da Psicologia Profunda? Vejamos o pensamento de McNeely a respeito:

"*A resistência da sociedade para com aquilo que se revelava foi impressionante. Freud e seus colegas estavam descobrindo que a moralidade e a neurose relacionavam-se. De algum modo, a energia da unidade mente-corpo era capaz de direcionar-se mal, transformando-se em sintomas físicos, dizendo realmente que um corpo doente ou perturbado indica uma psique perturbada que necessita de cura. Esta não era uma mensagem popular*.” (6)

Não nos parece necessário detalhar neste momento a apresentação de elementos demonstrativos do aspecto polêmico da consideração do corpo na Psicologia. Esses breves comentários têm por finalidade apenas situar e destacar o fato de, em época idêntica à mencionada por McNeely - e, portanto em meio ao mesmo clima descrito - C.G. Jung ter sido um dos pioneiros a abrir caminhos para uma nova forma de abordagem da questão da integração corpo-mente. Cada pesquisador de então, de forma pessoal, desenvolvia não apenas uma teoria, pois, conforme palavras do próprio Jung,

"*Todo psicoterapeuta não só tem o seu método: ele próprio é esse método*”. (7)

A maneira escolhida por Jung para expressar suas considerações sobre a questão do paralelismo psicofísico parece-nos, foi intencionalmente parcimoniosa. Talvez mesmo cautelosa, especialmente quando perguntado diretamente a respeito, tal como consta nos relatos da primeira e segunda conferência por ele proferidos em Londres, 1935, transcritas em *Fundamentos de Psicologia Analítica* (8). Tal atitude, embora possa parecer contraditória com outros momentos ousados de sua obra, devia-se muito mais ao fato de ser ele um homem consciente do risco representado pela atitude de **pôr-se em confronto direto com a forma de pensar da época.** Em suas memórias, a certa altura, diz textualmente:

"*Percebi que é inútil falar aos outros sobre coisas que não sabem. Compreendi que uma idéia nova, isto é, um aspecto inusitado das coisas só se afirma pelos fatos”* (9).

Parece-nos ter Jung escolhido outro caminho, em lugar de participar da polêmica reinante a respeito do tema corpo: **a observação e registro dos fatos tal como se lhes apresentavam.** E então, quando assim lhe foi possível apresentar suas idéias - isto é, corroboradas por demonstrações factuais - não deixou de apresentá-las de modo assertivo.

A obra de Jung poderá surpreender o leitor disposto a localizar suas inúmeras menções a correlações psicofísicas. Porém mais esclarecedor do que qualquer argumento aqui apresentado será a própria constatação desse fato, por meio de uma consulta direta à fonte.

**Sobre o material escolhido para a pesquisa**

Para realizar esta pequena pesquisa, procuramos selecionar, na obra de Jung, algum material adequado ao objetivo expresso no título deste artigo: ilustrar a maneira direta e explícita com que este autor faz referencia a processos corporais, mencionando-os como componentes intrinsecamente interligados aos dinamismos psíquicos.

Localizar e destacar tais referências parece-nos uma maneira bastante clara e objetiva de ilustrar um aspecto de fundamental interesse na Psicologia junguiana: o fato de que a maneira utilizada por Jung para mencionar o dado corporal, já deixava implícita a possibilidade de vir a se desenvolver uma forma "junguiana" de abordagem do corpo em Psicologia. Um texto em especial foi então escolhido: Trata-se da edição das conhecidas "Conferências de Tavistock", uma espécie de introdução, didaticamente organizada, ao pensamento de Jung.

Esta obra, conforme já mencionamos, compõe-se do relato de cinco conferências proferidas por Jung em Londres em 1935. Em sua edição brasileira, aparece sob o título ***Fundamentos de Psicologia Analítica*** (10). Uma das razões motivadoras de nossa escolha por esse texto é o fato de, mesmo sendo dirigida a psicoterapeutas, a apresentação da Psicologia Analítica ser ali realizada em termos introdutórios. Assim, os principais conceitos e idéias de Jung são expressos de forma abrangente e clara, sem perder a autenticidade garantida pelo fato ser o próprio autor quem os expõe.

**Procedimento utilizado**

A prática adotada em nossa pesquisa foi a seguinte: elaboramos um esquema referente a cada conferência, para ser utilizado como uma espécie de roteiro de leitura. Esse esquema colocou em destaque os principais conceitos e idéias apresentados e/ou comentados por Jung ao longo de suas falas. Na sequência, destacamos os trechos correspondentes, em cada parágrafo do texto, aos momentos em que o autor expressou **algum tipo de relação ou paralelo entre os processos psicofísicos**.

Foi possível assim observar diferentes níveis ou tipos de menções ao corpo (e/ou seus processos) sendo expressas nas falas de Jung: em alguns momentos trata-se literalmente de uma relação formulada pelo autor, no real sentido do termo. Em outros, consiste numa hipótese, uma simples menção ao corpo ou ainda, uma exemplificação de algum processo ou fenômeno corporal. Optamos por incluir todos os tópicos voltados à nossa finalidade - destacar menções ao dado corporal- sem nos preocuparmos em discriminar, generalizar ou classificar o tipo de consideração feita em cada momento.

**Citações ilustrativas sobre os dados coletados**

Antes de passarmos às citações desejamos deixar clara a idéia de que estas ilustrações não pretendem tomar prescindível a leitura (ou releitura) do texto integral. Ao contrário, esperamos que esta apresentação sirva de estímulo à sua consulta do original. Porém, existe uma razão para adotarmos esta forma - a citação - e não apenas a menção aos parágrafos e trechos pertinentes: a visão conjunta dos textos selecionados fornecerá ao leitor, em nossa forma de entender, uma percepção diferenciada dos elementos assim destacados no pensamento de Jung. 1. Falando sobre a **relação consciente <-> inconsciente** (11).

"*A consciência é, sobretudo o produto da percepção e orientação no mundo externo, que provavelmente se localiza no cérebro e sua origem seria ectodérmica. No tempo de nossos ancestrais essa mesma consciência derivaria de um relacionamento sensorial da pele com o mundo exterior. É bem possível que a consciência, derivada dessa localização cerebral, retenha tais qualidades de sensação e orientação*.” (12) # 14.

2. Ao falar sobre o **ego** e sua relação com a consciência:

*“E o que seria o ego?*

*É um dado complexo formado primeiramente por uma percepção geral de nosso corpo e existência e, a seguir, pelos registros de nossa memória. (...) Esses dois fatores são os principais componentes do ego, que nos possibilitam considerá-los como um complexo de fatos psíquicos. A força de atração desse complexo é poderosa como a de um imã: é ele que atrai os conteúdos do inconsciente, daquela região obscura sobre a qual nada se conhece. Ele também chama a si impressões do exterior que se tornam conscientes ao seu contato. Caso não haja este contato, tais impressões permanecerão inconscientes”*. # 18

3. Diferenciando **afeto** e **sentimento**:

"*O problema está apenas numa questão de grau. Se houver um valor obsessivamente forte, sua tendência é tornar-se uma emoção num dado momento, ou seja, quando atingir a intensidade suficiente para causar uma inervação fisiológica. Todo processo mental provavelmente causa ligeiras inervações deste tipo, e são realmente tão pequenas que não há meios de demonstrá-las (13). Existe, entretanto, um método bastante sensível de registrar as emoções em suas manifestações fisiológicas; trata-se do efeito psicogalvânico (14). Baseia-se na diminuição da resistência elétrica da pele sob influência emocional, o que não se dá sob influência do sentimento.* "(15) # 48

4. Falando a respeito da **relação corpo-mente**:

"*A relação corpo-mente constitui um problema extremamente difícil. Pela teoria de James-Lange, o afeto é resultado de alteração fisiológica. A pergunta: Corpo ou psique é fator preponderante? sempre será respondida segundo diferenças temperamentais. Aqueles que por temperamento preferem a teoria da supremacia do corpo afirmarão que os processos mentais são epifenômenos da química fisiológica. Os que acreditam mais no espírito adotarão a tese contrária: o corpo é apêndice da mente e a causalidade reside no espírito. A questão tem aspectos filosóficos e por não ser filósofo não posso arrogar a mim a decisão. Tudo o que se pode observar empiricamente é que processos do corpo e processos mentais desenrolam-se simultaneamente e de maneira totalmente misteriosa para nós. É por causa de nossa cabeça lamentável que não podemos conceber corpo e psique como sendo uma única coisa. A Física moderna está sujeita à mesma dificuldade: atentemos para o que acontece com a luz! Comporta-se como se fosse composta de oscilações e ainda formada por corpúsculos. Foi necessário uma fórmula matemática muito complexa, cujo autor é M. de Broglie, para auxiliar a mente humana a conceber a possibilidade de corpúsculos e oscilações serem dois fenômenos que formam uma única e mesma realidade É impossível pensar isso, mas somos obrigados a admiti-lo como postulado” (l6).*

*"Do mesmo modo o chamado paralelismo psicofísico forma outro problema insolúvel. Tome-se, por exemplo, o caso da febre tifoide e suas contaminações psíquicas; se os fatores psíquicos forem confundidos com uma causalidade atingiríamos conclusões absurdas. O máximo que se pode afirmar é a existência de certas condições fisiológicas que são claramente produzidas por doenças mentais, e outras que não são causadas, porém meramente acompanhadas de processos psíquicos. Corpo e psique são os dois aspectos do ser vivo, e isso é tudo o que sabemos. Assim prefiro afirmar que os dois elementos agem simultaneamente, de forma milagrosa, e é melhor deixarmos as coisas assim, pois não podemos imaginá-las juntas. Para meu próprio uso cunhei um termo que ilustra essa existência simultânea; penso que existe um princípio particular de sincronicidade (17) ativa no mundo, fazendo com que fatos de certa maneira aconteçam juntos como se fossem um só, apesar de não captarmos essa integração. Talvez um dia possamos descobrir um novo tipo de método matemático, através do qual fiquem provadas essas identidades. Mas atualmente sinto-me totalmente incapaz de afirmar se é o corpo ou a psique que prevalece.* " # 69/70

5. Ao final da segunda conferência, um dos presentes retoma, na forma de novo questionamento, a discussão do **paralelo psicofísico** (#135). Pode-se perceber na colocação da pergunta a tentativa de cobrar de Jung a retomada da análise de um sonho por ele realizado em outro contexto. A partir da interpretação do mencionado sonho, Jung teria identificado a base orgânica da doença do sonhador, conforme é relatado na nota 33, pág. 60 do texto original. Dr. Bion pergunta, então, se Jung coloca apenas como uma analogia os paralelos entre as formas arcaicas do corpo e da mente ou se ele percebe uma relação mais profunda entre elas. A íntegra das respostas de Jung abrange várias páginas, motivo pelo qual novamente recomendamos uma consulta ao texto original (# 135 a 144). Como ilustração da cautela adotada por Jung frente à questão citaremos aqui alguns trechos dessa sua fala.

“*O senhor voltou novamente ao problema do paralelo psicofísico, ponto extremamente controvertido, sem resposta, pois está fora do conhecimento humano. Como tentei explicar ontem, as duas coisas acontecem juntas, de maneira peculiar, e são, creio, dois aspectos diferentes apenas para a nossa inteligência, e não na realidade. Nós as concebemos como duas formas devido a nossa total incapacidade de concebê-las juntas.”* # 136.

"*O caso mencionado pelo senhor foi o do pequeno mastodonte. Explicar o que o mastodonte significa de orgânico e por que devo tomar tal sonho como sintoma fisiológico desencadearia uma tal polêmica que os senhores acabariam por me acusar de obscurantismo. Tais coisas são realmente obscuras, e eu teria de falar da mente básica, que pensa por meio de padrões arquetípicos. Quando falo de tais padrões, aqueles que têm consciência deles entendem, mas os outros podem acabar pensando assim: 'Esse sujeito é completamente louco, pois se preocupa com diferenças entre mastodontes, cobras e cavalos'. Eu deveria dar lhes um curso de aproximadamente quatro semestres sobre simbologia para que os senhores conseguissem seguir o que eu digo.* " # 138

"*Quando ouvem o que digo, costumam dizer: é passe de mágica. Também se pensava assim na Idade Média e se perguntava: Como se pode afirmar que Júpiter tem satélites? Se a gente responder que é pelo telescópio, o que representará isso para um público medieval?* "# 139

"*Não quero me superestimar por isso fico sempre perplexo quando meus colegas perguntam: Como você estabelece um diagnóstico desses ou chega a tal conclusão? Respondo normalmente: Explico, se você me permitir dizer o que você deve fazer a fim de entendê-lo*. "# 140

6. Ao discorrer sobre os **complexos**:

" ... *provavelmente os senhores já observaram que, ao me fazerem perguntas difíceis, não consigo respondê-las imediatamente porque o assunto é importante, e o meu tempo de reação, muito longo. Começo a gaguejar e a memória não fornece o material desejado. Tais distúrbios são devidos a complexos - mesmo que o assunto tratado não se refira a um complexo meu. Trata-se simplesmente de um assunto importante, tudo o que é acentuadamente sentido toma-se difícil de ser abordado, porque esses conteúdos encontram-se, de uma forma ou de outra, ligados com reações fisiológicas, com processos cardíacos, com o tónus dos vasos sanguíneos, a condição dos intestinos, a inervação da pele, a respiração. Quando houver um tónus alto, será como se esse complexo particular tivesse um corpo próprio e até certo ponto localizado em meu corpo, o que o tomará incontrolável por estar arraigado, acabando por irritar meus nervos. Aquilo que é dotado de pouco tónus e pouco valor emocional pode facilmente ser posto de lado porque não tem raízes. Não é aderente*. " # 148

" *... 0 complexo, por ser dotado de tensão ou energia própria, tem a tendência de formar, também por conta própria, uma pequena personalidade. Apresenta uma espécie de corpo e uma determinada quantidade de fisiologia própria, podendo perturbar o coração, o estômago, a pele.( ... ) Quando se fala em força de vontade, naturalmente se pensa em um ego. Onde, pois, está o ego, ao qual pertence a força dos complexos? O que conhecemos é o nosso próprio complexo do ego, que supomos ter o domínio pleno do nosso corpo. Não é bem isso, mas vamos considerar que ele seja um centro que está de posse do corpo, que exista um foco denominado ego, dotado de vontade e que possa fazer alguma coisa por meio de seus componentes.* " # 149.

7. Comentando um sonho, Jung estabelece **relações entre imagens oníricas e estruturas orgânicas** do sonhador. Novamente reproduziremos aqui apenas as correlações estabelecidas. O contexto global poderá ser localizado nos parágrafos 180 a 201 do texto original.

" ... *Afirmo - e quando digo isso tenho algumas razões para fazê-lo - que representações de fatos psíquicos através de imagens como cobra, lagarto, caranguejo, mastodonte ou animais semelhantes também representam fatos orgânicos. A serpente, via de regra, representa o sistema raquidiano (cérebro espinhal), particularmente o bulbo e a medula. O caranguejo, por outro lado, sendo dotado apenas de um sistema simpático, representa as funções relativas a esse sistema nervoso, mais o parassimpático, ambos localizados no abdômen. O caranguejo é uma coisa abdominal. Então, se traduzirmos o texto do sonho, poderemos ler: se você continuar assim, seu sistema simpático e raquidiano voltar-se-á contra você, e aí não haverá como fugir. E é bem isso o que está acontecendo. Os sintomas de sua neurose expressam a rebelião das funções simpáticas e do sistema raquidiano contra a sua atitude consciente.* " # 194( ... )

" *Eis como se comportam as pessoas que só têm cabeça. Usam o intelecto, a fim de afastarem as coisas por meio de um raciocínio qualquer. Dizem: ‘Isso é insensato, portanto, não pode ser, portanto, não é’. É assim que faz o nosso amigo. Ele simplesmente abole o monstro através do raciocínio*. " # 199

8. Comentando um sonho de criança Jung menciona **outras relações entre símbolos presentes no conteúdo onírico e estruturas orgânicas** da sonhadora. Os conteúdos envolvidos são: a) uma roda de fogo despencando morro abaixo ameaçando queimar a sonhadora; b) uma barata picando a sonhadora.

"*A barata segundo penso, relaciona-se ao sistema simpático. Daí ser possível calcular que haja certos processos psicológicos estranhos desenrolando-se na criança, que afetam esse sistema, o que poderá provocar-lhe alguma desordem abdominal ou intestinal. A afirmação mais cautelosa que nos podemos permitir é a de que pode ter havido certo acúmulo de energia no sistema simpático, causando ligeiros distúrbios. O que também é expresso pela simbologia da roda de fogo, que em seu sonho parece surgir como um símbolo solar, correspondendo o fogo, na filosofia tântrica, ao chamado* ***manipura chacra****, que se localiza no abdômen. Nos sintomas prodrômicos da epilepsia, às vezes encontramos a idéia de uma roda que gira no interior da pessoa. Isto também expressa uma manifestação duma natureza simpática. A imagem da roda que gira lembra a crucifixão de Íxion. O sonho da garotinha é um sonho arquetípico, um desses estranhos sonhos que as crianças costumam ter.* " # 203

9. Ao falar sobre o **caráter emocional da transferência**: (...) “*As emoções não são manejáveis como as idéias ou os pensamentos, pois são idênticas a certas condições físicas, sendo, portanto, profundamente enraizadas na matéria pesada do corpo*. ( ... ) " # 317

10. Ao falar sobre o **caráter contagioso das emoções**: ... “*A projeção de conteúdos emocionais sempre tem uma influência particular. As emoções são contagiosas, estando profundamente enraizadas no sistema simpático, que tem o mesmo sentido que a palavra 'sympathicus'*. ( ... ) " # 318

11. Mais adiante, ainda tratando do tema transferência, Jung comenta as **somatizações possíveis de acometer os terapeutas, causadas pela infecção psíquica decorrente das contínuas projeções a que estão expostos durante seu trabalho: ...** “*São espinhos do ofício do terapeuta tornar-se psiquicamente infectado e envenenado pelas projeções às quais se expõe. Tem de estar continuamente em guarda contra a autoestima excessiva. Mas o veneno não afeta apenas a sua psique. Pode ser que perturbe finalmente o seu sistema simpático. Tenho observado um número extraordinário de doenças físicas entre os psicoterapeutas; doenças que não se ajustam à sintomatologia médica conhecida, e que eu atribuo à contínua onda de projeções da qual o analista não discrimina a sua própria psicologia. A condição emocional particular do paciente exerce um efeito contagioso. Pode-se dizer que ela provoca as mesmas vibrações no sistema nervoso do paciente e, consequentemente, como os analistas, os psicoterapeutas também são passíveis de se tomarem um pouco esquisitos. Não devemos nunca esquecer esse fato, pois se liga profundamente com o problema da transferência*. " # 356

12. Comentando a **eclosão do nazismo na Alemanha - como resultante da ativação de conteúdos arquetípicos** - Jung enfatiza a possibilidade de atuação das forças do inconsciente sobre as estruturas orgânicas. Mais uma vez, devemos ressaltar a recomendação da leitura integral do texto original para a real compreensão das idéias do autor. Vale lembrar a época destas conferências: entre as duas guerras mundiais (1935).

(..) “*Eu já pressentira esse fato em 1918, quando disse que a 'besta loura está se mexendo em seu sono' e alguma coisa vai acontecer na Alemanha (18)" Naquela época, nenhum psicólogo entendeu o que eu queria dizer, pois não entendiam que nossa Psicologia individual não passa de uma pele bem fina, uma pequena onda sobre um oceano de Psicologia coletiva. O fator poderoso, aquele que muda a vida por completo, que muda a superfície do mundo conhecido, que faz a História, é a Psicologia coletiva que se move de acordo com leis totalmente diferentes daquelas que regem nossa consciência”.* # 371( ... )

(...) “*Não se pode resistir a tal poder. Os acontecimentos escapam a todas as medidas e fogem à capacidade de raciocinar. O cérebro acaba não valendo nada e o sistema simpático é tomado. Ê uma força que simplesmente fascina as pessoas de dentro para fora, é o inconsciente coletivo que está sendo ativado, um arquétipo comum a todos os que vêm à vida*. #372( ... )

13. A plateia apreende, a partir de novos comentários acrescidos sobre a questão anterior, a posição de Jung sobre a **neurose enquanto tentativa de auto cura** e solicita sua confirmação de tal entendimento. Em resposta a essa solicitação, Jung apresenta sua percepção dos aspectos positivos das patologias às doenças físicas:

"*Participante: Posso dizer então que a irrupção de uma doença neurótica, do ponto de vista do desenvolvimento humano, é um fator favorável?*

*Jung: É isso mesmo, e fico contente que esse ponto tenha sido levantado. Meu ponto de vista é realmente este. Não sou totalmente pessimista em relação a uma neurose. Em muitos casos deveríamos dizer: 'Graças a Deus ele decidiu ficar neurótico '. Essa é uma tentativa de auto cura, bem como qualquer doença física também o é. Não se pode mais entender a doença como um* ens per se*, como uma coisa desenraizada, como há algum tempo se julgava que fosse. A Medicina moderna, a clínica, por exemplo, concebe a doença como um sistema composto de fatores prejudiciais e de elementos que levam à cura. O mesmo se dá com a neurose, que é uma tentativa do sistema psíquico auto regulador de restaurar o equilíbrio, que em nada difere da função dos sonhos, sendo apenas mais drástica e pressionadora.* " # 388 e 389

**Comentário final**

Apresentamos neste artigo apenas uma pequena seleção ilustrativa dos dados coletados em nossa pesquisa. O levantamento feito ao longo de todo o livro permitiu-nos, inicialmente, a constatação de alguns aspectos quantitativos interessantes, não tanto pelos números em si mesmos, mas pelo que podem nos mostrar a respeito da relação estabelecida entre Jung e sua plateia. Essa mesma releitura implicou ainda numa espécie de imersão nas entrelinhas das cinco conferências. E durante esse mergulho - na atmosfera provavelmente dominante durante a apresentação e discussão das idéias de Jung - nossa atenção se voltou para algumas observações e impressões a serem comentadas a seguir.

Do ponto de vista mais objetivo, temos já um aspecto quantitativo a destacar. Realizando uma rápida contagem, dispomos dos seguintes números: De um total de 415 parágrafos, constituintes das cinco conferências relatadas, nosso levantamento aponta uma soma de 97 parágrafos selecionados por conterem algum tipo de menção ao corpo e/ ou suas estruturas componentes (dos quais apenas 13 foram reproduzidos aqui (l9). Esses números já nos dizem alguma coisa, especialmente se tivermos em conta o fato de essa não ser, a princípio, uma obra sobre a questão do corpo na Psicologia!

Mas, se formos um pouco além e observarmos a distribuição dos parágrafos selecionados ao longo das cinco conferências, um dado a mais chamará nossa atenção. Esses 97 parágrafos estão distribuídos da seguinte maneira:

"Primeira conferência": 13 parágrafos;

"Segunda conferência": 25 parágrafos;

"Terceira conferência": 28 parágrafos;

"Quarta conferência": 11 parágrafos;

"Quinta conferência": 20 parágrafos.

Percebemos, então, o fato de a frequência no uso de algum tipo de menção ao dado corporal ter aumentado, progressivamente, desde a primeira até a terceira noite. Em seguida caiu durante a quarta conferência, para voltar a aumentar numericamente na última apresentação. Esses números não parecem apenas casuais. Acompanhando a apresentação das idéias de Jung, o leitor atento certamente poderá perceber os movimentos - tanto do próprio Jung quanto por parte da plateia - frente às colocações mais diretamente relacionadas ao tema dos **paralelos psicofísicos**, tornando bastante significativa a distribuição dos números acima apontada.

Durante as duas primeiras conferências, Jung introduz de maneira fluente, tranquila, quase casual, sua visão integradora de tais processos. Expressa-se de forma bastante direta e enfática, ao estabelecer as primeiras correlações psicofísicas, sem com isso parecer ter intenção de **explicar** tais paralelismos. Esta "tonalidade" de suas falas podem ser observadas, por exemplo, nos momentos em que aborda: a origem da **consciência** (#14); o **ego** (#18), ou ainda quando diferencia **afeto** e **sentimento** (# 48).

Ao final da primeira conferência, um dos presentes coloca uma pergunta mais direta a respeito - # 68. A questão, no entanto, é formulada em termos do dualismo causa-efeito: os afetos seriam causados por condições fisiológicas ou o processo se daria de modo inverso?

Em resposta, Jung expõe com bastante clareza a posição por ele adotada: ressalta a complexidade do problema, bem como os aspectos filosóficos envolvidos. Mais uma vez ressalta ainda, enfatizando seu procedimento, a importância da observação empírica dos **fatos**. E, nessa medida, apresenta a constatação a respeito da **simultaneidade** dos eventos psicofísicos. Sublinhando não pretender esgotar sua explicação, propõe o princípio da **sincronicidade** como um recurso para ampliar parcial e temporariamente a compreensão a respeito. Percebe-se já nesse momento que, embora Jung coloque sua posição de forma clara e aberta a futuras ampliações, **não** se dispõe a entrar em **discussões** meramente teóricas a respeito da questão, como lhe foi proposto por alguns dos ouvintes. Mas a plateia não parece dar-se por satisfeita com sua resposta (ou seria com sua não adesão à polemização?) ao tema. Vejamos como evolui esse ponto do diálogo entre Jung e os presentes às conferências.

Ao final da terceira exposição e de forma quase provocativa (# 135 a 137), mais uma vez alguém retoma a mesma questão. Jung de início responde atenciosamente ao participante proponente da questão (# 136). Diante, porém, de nova insistência da plateia, Jung inclui, numa consideração amplificadora, uma observação ao estilo dos sábios orientais frente a discípulos mais jovens e imaturos: intercala um sutil, mas certeiro, "puxão de orelhas", ao explicar a condição necessária para o fornecimento da resposta solicitada.

"*Eu deveria dar-lhes um curso de aproximadamente quatro semestres sobre simbologia para que os senhores conseguissem seguir o que eu digo*". #138

Poderíamos presumir essa observação de Jung como encerramento da questão. Essa impressão poderia até ser reforçada pelo fato de, na noite seguinte, Jung reduzir suas menções ao tema causador de tanta inquietação. Porém não foi isso o que ocorreu, visto ao final da quarta exposição, mais uma insistência no mesmo ponto ser apresentada por um dos participantes (# 299 a 302). Dessa vez, porém, a resposta de Jung é menos paciente: mostra-se realmente decidido a considerar definida a questão. Entenda-se bem: encerrada apenas enquanto **discussão**, pois, ao longo da próxima conferência, Jung volta a estabelecer novos paralelos entre os processos psicofísicos, tal como fizera nas apresentações das três primeiras noites.

Outro aspecto a ser destacado é a própria maneira com que tais correlações são expressas pelo autor: fica muito claro o fato de, ao traçar esses paralelos, Jung **não** expressar-se de forma a estabelecer **relações causais** entre os eventos psicofísicos. Em lugar disto, menciona-os como simultâneos, ou, melhor dizendo, **sincrônicos**. Descreve os processos globais tal como os observa, de acordo com sua perspectiva integradora, em lugar de estabelecer dicotomias analíticas. Agindo assim, sua forma de expressão antecipa, em sentido mais prático do que teórico, proposições só agora presentes no âmbito da Psicologia acadêmica. Essas considerações começam a explicitar o emergir coletivo de certo **enfoque da consciência**, tido como novo para nossos padrões ocidentais.

Ainda de acordo com o pensamento junguiano expresso na atualidade, o movimento acima apontado corresponde a um passo importante e previsível do processo de desenvolvimento da consciência em termos coletivos. Embora fundamental para a compreensão de algumas das proposições de Jung, a exploração deste tema, por sua amplitude, escapa ao alcance dos limites desse nosso trabalho.

Remetemos, então, o leitor interessado a autores como Neumann (20) e Whitmont (21) entre outros (22) que se ocupam amplamente dessa questão: o emergir ou, melhor dizendo, o **ressurgir** da consciência matriarcal. A título apenas de ilustração, faremos uma breve citação de Whitmont a respeito:

"*O caráter divisível e, posteriormente analítico da consciência patriarcal é de natureza masculina. Essa maneira particular de experimentar os acontecimentos é, evidentemente, apenas uma entre outras. Não é uma qualidade necessária ou intrínseca à consciência enquanto tal. Acostumados que estamos ao funcionamento patriarcal, ela acabou nos parecendo a única alternativa possível. No entanto, uma consciência de natureza mais Yin, que está começando a se fazer presente na atualidade, não funciona por meio de separações e divisões, mas através da percepção intuitiva de processos inteiros e de padrões inclusivos.* " (23)

Levando em conta os pontos acima levantados, parece-nos, efetivamente, ter Jung razões de sobra para não se mostrar interessado em "discutir" a questão do paralelismo psicofísico, tão insistentemente incitada durante a realização das Conferências de Tavistock. Não, ao menos, nos termos da discussão proposta por aquela plateia. Nem poderia ser de outra forma, visto sua apreensão desses processos estar, já então, alguns passos além de sua época. Nesse aspecto, como, aliás, em muitos outros, Jung, em seu tempo, já estava caminhando em direções somente agora apontadas por investigadores tidos, na atualidade, como portadores de proposições inovadoras.

Por outro lado, registros datados da mesma época das conferências de Tavistock nos apresentam colocações bastante explícitas, feitas por Jung no âmbito de círculos mais restritos, onde podemos encontrar interessantes exemplos do ponto de vista amplificado com que verdadeiramente buscava compreender tais processos. A título de ilustração, apresentaremos a seguir alguns pequenos trechos de comentários feitos por ele durante os "*Seminários sobre Assim falou Zarathustra*" a respeito da alternância do predomínio "carne/espírito" ao longo da evolução ocidental:

"*A Filosofia e a Religião são como a Psicologia quanto ao fato de que não se pode nunca colocar um princípio definitivo: é impossível, pois algo que é verdade para um estágio de desenvolvimento é bastante inadequado para outro. Então é sempre uma questão de desenvolvimento, de tempo; a melhor verdade para certo estágio é talvez veneno para outro". ( ... )*

*"O espírito pode ser qualquer coisa, mas somente a terra pode ser algo definido. Então manter-se fiel à terra significa manter-se em relacionamento consciente com o corpo. Não fujamos e não nos tornemos inconscientes dos fatos corporais, pois eles nos mantém na vida real e ajudam-nos a não perder nosso caminho no mundo das meras possibilidades, onde estamos simplesmente de olhos vendados.* " ( .... )

... “*Mas é perfeitamente lógico que depois de uma época que esgotou a importância do espírito, a carne deva ter sua vingança e conquistar o espírito, talvez mesmo sobrepujá-lo por algum tempo. É claro que expressemos essas coisas usando os termos espírito e matéria, sem saber exatamente o que designamos através dessas palavras. Na filosofia clássica chinesa usar-se-iam os termos Yang e Yin, e dir-se-ia que está de acordo com as regras do céu que eles invertam suas posições. Yang devora o yin, e do Yang o Yin renasce; ele emerge de novo, e então o Yin envolve o Yang, e assim por diante. Este é o curso da natureza. Os chineses não ficam tão aborrecidos, porque eles têm observado este processo natural por muito mais tempo. Mas a nossa história não é velha o suficiente, então ficamos atônitos ao observar que o espírito devora a matéria, e então a matéria devora o espírito. É exatamente o mesmo processo. Nós fomos ensinados que Deus enviou seu filho para sobrepor o espírito à carne como um evento único na história; e agora nós aprendemos a verdade reversa, que a carne devora o espírito. E nós ainda não conseguimos acreditar nisso, embora tenha se tornado ainda mais óbvio do que quando apareceu pela primeira vez, no tempo da Reforma”.* (24)

A pequena pesquisa apresentada neste capítulo nem de longe pretende esgotar o tema levantado, ou seja, o **tratamento dado à questão do corpo em Jung**. Ao contrário, o leitor atento poderá ampliar fartamente essa observação, ao percorrer sua vasta obra.

Nossa intenção aqui foi demonstrar de maneira breve, porém, fundamentada, as formas mais ou menos sutis com que colocava sua posição essencial a respeito dessa questão. Já ao final da vida, Jung podia se permitir ser mais explícito ao colocar suas posições sobre essa questão, como exemplifica esse pequeno trecho de entrevista concedida por ele a G. Duplain, em 1959. A temática geral dessa entrevista era as mudanças e adaptações necessárias para a Humanidade na entrada do terceiro milênio. Em dado momento, Duplain pergunta à Jung:

"Duplain – Mas que recomendações pode fazer para a passagem que está prestes a ocorrer e cujas dificuldades o senhor teme”?

"Jung: Um espírito de maior abertura em relação ao inconsciente, uma atenção maior aos sonhos, **um sentido mais agudo da totalidade** **do físico e do psíquico, de sua indissolubilidade**; um gosto mais ativo pelo autoconhecimento. **Uma higiene mental melhor estabelecida se quisermos ver as coisas por esse prisma**." (25)

O pensamento junguiano plantou sementes férteis, e muitas já começaram a germinar, há algum tempo, na direção apontada acima. Ao longo deste nosso relato foram mencionados vários autores cujo pensamento mostra o florescimento de idéias concordantes com a recomendação presente na última citação de Jung.

Recentemente têm surgido publicações ilustrativas do movimento já muito ativo no sentido da solidificação dessa visão integradora frente à estrutura psicofísica. Um desses trabalhos soaria talvez como uma heresia aos ouvidos acadêmicos, caso tivesse surgido alguns anos antes. Trata-se da recente publicação, em português, do livro de J. P. Conger "*Jung e Reich - O Corpo como Sombra*" (26) Mais do que o próprio conteúdo dessa obra, destacamos aqui o aspecto no mínimo inusitado do paralelo estabelecido pelo autor já em sua apresentação. Soa-nos como se o espírito de nosso tempo já reclamasse com veemência aquela disposição antecipada por Jung: a reabilitação do corpo do exílio a que foi lançado em nossa civilização ao longo dos últimos séculos. Ou ainda, dizendo de outro modo, a necessidade da reconciliação do ser humano com a (sua) própria natureza, como condição essencial para atingir a transcendência.

Porém, mesmo estando ainda o homem tão longe de elucidar os mistérios da união de seu ser terreno com sua alma, alguns pensadores, seguindo a trilha deixada por Jung, nos ajudam a refletir com maior inteireza sobre essa questão. É o caso de Kreinheder, ao dizer, citando Plotino: "*Na doença, o corpo perde contato com a alma, e não se parece com ela*". (27)

**Notas e referências bibliográficas**

1. Este artigo contém a síntese do material apresentado pela autora no capítulo homônimo do livro "*Integração Psicofísica - O Trabalho Corporal e a Psicologia de C.G. Jung*", (São Paulo: Ed. Robe/Companhia Ilimitada, 1995- 2ª edição revista e atualizada, São Paulo: Companhia Ilimitada, 2008). Este capítulo, por sua vez, foi elaborado com base no trabalho apresentado sob o mesmo título no "IV Encontro de Cinesiologia do Sedes Sapientiae" realizado em 1991.

2. Mais elementos sobre estes aspectos históricos são apresentados no capítulo 1 do mesmo livro citado no item anterior.

3. McNeely, D. A., *Tocar, Terapia do Corpo e Psicologia Profunda*, lª edição, São Paulo: Ed. Cultrix, 1987.

4. Definição do termo "somatoterapia” segundo a autora: "*Uso o termo somatoterapia para expressar um processo que ocorre entre o indivíduo e o terapeuta que emprega o movimento e centros físicos para alcançar seu objetivo mútuo: a descoberta dos aspectos da psique antes desconhecidos. O terapeuta usa o centro físico além da atenção tradicional aos processos psíquicos, a fim de incrementar o diálogo entre o consciente e o inconsciente.*" Ib, pág. 17.

5. Ib., pág. 36.

6. Ib., pág. 37.

7. Jung, C. G., *A Prática da Psicoterapia*, 2ª edição, Petrópolis: Ed. Vozes, 1985, pág. 84, parágrafo 198.

8. Jung, C. G., *Fundamentos de Psicologia Analítica*, Ed. Vozes, Petrópolis: 5ª edição, 1989. Perguntas e respostas relatadas ao final da primeira e segunda conferência, conforme será destacado na sequência deste capítulo.

9. Jung, C. G., *Memórias, Sonhos, Reflexões*, compilação e prefácio de Aniela Jaffé, 4ª edição, Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1981, pág. 100.

10. Jung, C. G., op. cito em 8, pág. 84, parágrafo 194.

11. A partir desse ponto, em nome da praticidade, a indicação das localizações referentes ao relato das conferências será inserida no próprio texto. O sinal "#" indicará o número do parágrafo de "*Fundamentos de Psicologia Analítica*" transcrito.

12. A origem embrionária comum (ectodérmica) da pele e do sistema nervoso central é comentada por vários autores, conforme foi relatado no capítulo 9 – “A Calatonia" - do livro citado na referência 1.

13. Recentemente observamos o surgimento de novas áreas de pesquisa científica, peculiarmente constituídas pela integração de disciplinas até então tidas como campos independentes e específicos de investigação. Um exemplo é a Psiconeuroimunologia, um novo campo - os primeiros trabalhos datam do início da década de 80 - em que já se investiga, a nível laboratorial, aspectos bastante acurados das correlações psicofísicas. Nos Estados Unidos, o Institute of Noetic Sciences (2658, Bridgeway, Sausalito, California 94965) publica o boletim *Investigations* com informações a respeito do andamento de tais pesquisas.

14. Ver nota nº 16, no texto original, à pág. 22.

15. Na sequência do texto original Jung relata um exemplo e ilustra o que acaba de citar.

16. Ver nota nº 19, no texto original, pág. 29.

17. Ver nota nº 20, no texto original, pág. 30.

18. Ver nota nº 74, no texto original, pág. 151.

19. No capítulo homônimo deste artigo, componente do livro citado na nota de número 1, é apresentada a reprodução integral dos 97 parágrafos selecionados em nossa pesquisa.

20. Neumann, E., *História da Origem da Consciência*, São Paulo: Ed. Cultrix, 1990.

21. Whitmont, E. C, *Retorno da Deusa*, São Paulo: Summus Editorial, 1991.

22. Essa questão, relativa ao ressurgimento da consciência matriarcal, e suas implicações em diferentes níveis dos processos coletivos, vem recebendo nos últimos tempos a atenção de autores junguianos. Não apenas a importância da consideração do corpo para a mais completa compreensão dos dinamismos psíquicos, mas toda uma nova postura diante de questões básicas humanas decorre desta perspectiva. Uma mostra dessa bibliografia pode ser encontrada, por exemplo, nas matérias publicadas na revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica: *Junguiana*. Ou, ainda, em publicações mais recentes da área, onde toda uma ênfase sobre as questões relativas ao tema pode ser constatada.

23. Ob. cit. no item 21, pág. 78.

24. Jung, C.G., *Seminário sobre*: *Assim falou Zarathustra*, Clube Psicológico de Zurique, 1934/1939, tradução do CID para estudos em grupo, págs. 51 e 52.

25. Em McGuire, W. e Hull, R. F. C., *C.G. Jung: Entrevistas e Encontros*, São Paulo: Ed. Cultrix, 1982, cap.: "*Nas fronteiras do conhecimento* ", pág. 364.

26. Conger, J. P., *Jung e Reich - O Corpo como Sombra*, São Paulo: Ed. Summus, 1993. A edição original inglesa data de 1988.

27. Kreinheder, A., *Conversando com a Doença - Um diálogo de Corpo e Alma*, São Paulo: Summus Editorial, 1993, pág. 32.

## TRABALHO CORPORAL Um breve relato de uma experiência na periferia de São Paulo

## Rita de Cássia Hetem Assaly

Em setembro de 1991, final de meu primeiro ano do curso de Cinesiologia, ingressei na Secretaria Municipal como psicóloga em postos de Saúde. Para mim era uma grande novidade, pois eu só conhecia nosso trabalho protegido (ou escondido) pelas paredes de um consultório.

Como todos aqueles que começam seu trabalho na Prefeitura, meu local de trabalho era na periferia de São Paulo, no meu caso, na zona Sul mais precisamente, num posto localizado entre a represa Billings e a Guarapiranga, num bairro chamado "Jardim Três Corações". O "Guia São Paulo" indicava o lugar mais ou menos três páginas antes de terminar... Não sei se lá era o fim do mundo ou se era onde o mundo começava... Eu sei é que tive o privilégio de passar por lá.

Posto de Saúde? Bem... não parecia. Um sobrado, com lixo espalhado pela frente e no terreno ao lado, paredes caiadas e recaiadas já cobertas de um mofo escuro e úmido, um mundaréu de gente no salão de baixo, chinelos havaiana e crianças de colo, um burburinho alto feito de protestos e agradecimentos, um ambiente confuso, mas ao mesmo tempo estimulante. Subi a escada estreita onde pacientes e atendentes tropeçavam uns nos outros e fui me apresentar. Eu já havia telefonado para marcar o dia de meu início, para aprender como chegar, tudo certinho, e chegara a hora de minha recepção: "-Ah! Você que é a Assistente Social, né? Não tem sala pra você, você não precisa de uma não, né?"

É, muito trabalho pela frente!...

Esclarecimentos feitos apresentaram-me a pequena sala do "Arquivo Morto", com seu cheiro úmido concentrado (pois ficava sempre fechada) e uma quantidade formidável de jornais velhos e pastas antigas de pacientes que há muito não apareciam, tudo pelo chão, amontoado, sem armários ou prateleiras. Uau!

Não sei dizer porque não desisti, na verdade o cenário era de sair correndo.

O "encarregado" que me recebeu, senhor Vicente, parecia temer que eu me assustasse, mas rapidamente se revelou um companheiro muito lúcido: "- Olha, Dra. Rita, se a senhora ficar, é aqui que vai começar a sua Faculdade ... " Acertou em cheio! Afinal, o que sabemos por ter um diploma?

A chefia do Posto foi ótima. A diretora estava de Licença Gestante e em seu lugar ficara o Dr. Gilberto Branco de Souza, dentista com formação em Psicodrama (!), entusiasta, idealista, corajoso. Quando soube do meu "causo", mandou esvaziar a sala do ··Arquivo Morto" (realmente a única disponível), limpá-la, pintá-la, etc., e aceitou que além das duas cadeiras e uma mesa eu tivesse lá dentro uma maca de consulta médica. Não entendeu direito, mas confiou. Durante os quinze dias desta pequena reforma, aproveitei para conhecer a rotina do posto e suas outras atividades, assim como para “passear" pelo bairro e conhecer suas ruas e Igrejas, a creche mais próxima, a escola. Descobri que todo dia aquelas pessoas tiravam leite das pedras.

Não sabia bem o que lhes oferecer. A opressão num bairro de periferia, pobre e violento, parecia sobrepor-se em muito ao que quer que eu pudesse “conversar". A vida ali, às vezes, era caótica demais, concretamente surrealista, de modo que eu mesma não sabia o que valeria a leitura simbólica de qualquer situação. Esclarecendo: toda semana alguém aparecia morto nas ruas do bairro; algumas crianças se prostituíam "à pedido" dos pais, para aumentar a renda familiar; mãe, pai e filhos (três ou quatro) muitas vezes tinham apenas um cômodo para morar, dormindo todos na mesma cama, etc. No bairro, nem sempre a(s) instituição(ões) podia(m) cumprir suas regras, pois, às vezes, acontecia de um paciente comparecer armado para garantir sua consulta ou sua vaga na escola. Não que todas as situações fossem assim, mas estes casos eram rotineiros. Jamais, entretanto, sofri qualquer tipo de ameaça ou opressão nesse sentido, mesmo porque, além de ter procurado tratar com muito respeito aquelas pessoas, eu não estava na situação de um médico que era (e é) obrigado a atender um paciente a cada 5 minutos e ainda ter uma fila de espera aflita por uma consulta naquele dia mesmo. Ou de um funcionário responsável pela distribuição de leite em pó, por exemplo, "programa" contra a desnutrição muito polêmico e pouco eficaz, mas que expõe os funcionários de uma instituição da periferia a situações muito delicadas, pois a quota de leite é obviamente limitada e é preciso "selecionar" quem vai receber. Logo, quem fica sem, culpa imediatamente o funcionário...

Mas, enfim, surgira um espaço de trabalho, e era hora de ocupa-lo. A sala pronta, organizei uma agenda, dias de triagem, de atendimento, de visitas à escola e creche, etc. Tantos detalhes! Todos nós deveríamos estagiar em instituições!

-"Psicólogo? Que que é isso?" "-Vim aqui porque o Dr. mandou”... É mesmo! O que que é um psicólogo? A maior parte dos funcionários não entendia bem o que uma doutora que não veste branco nem usa aparelhos ou dá remédios podia fazer, sem contar o jeito diferente de organizar as consultas. Não havia outro profissional de Saúde Mental no Posto, a não ser a Assistente Social, cuja natureza de atividade é outra. Como explicar o trabalho?

Logo perceberam que eu era uma "doutora" que conversava, minhas consultas eram mais longas, e - surpresa! - na hora marcada. Podiam voltar mais vezes se quisessem, mas não só daqui há dois meses, já na semana que vem mesmo, saindo da sala com o próximo horário já acertado, sem precisar do desgaste dos desencontros do balcão de atendimentos.

Eu falava do trabalho corporal da maneira mais simples possível e lhes perguntava se aceitariam submeter-se a ele a partir de um segundo encontro.

-"A senhora não vai me examinar?

- Não, mas nas próximas consultas, se você aceitar deitar-se aqui, eu gostaria de mexer nos seus pés e depois você me diz como se sentiu. É um tipo de relaxamento...

- Mas na Igreja diz que a gente não pode ser relaxado!

- Não, não é esse "relaxado", é o "relaxado" de ficar calmo sem precisar de remédio”...

E dá-lhe Calatonia!

Gostavam, sabe? Na primeira consulta eu pedia para trazerem um lençol, ou toalha de banho, pois o Posto não tinha material adequado, e traziam. Uma vez aconteceu que enquanto eu explicava para a paciente o que trazer para o relaxamento, ela disse:

-“Já trouxe, está aqui." E mostrou-me um lençol. Era a sua primeira consulta e eu não entendi.

-“ Como assim? Você trouxe um lençol para o Posto de Saúde?

- É.

- Você sabia que eu ia pedir?

- Não.

- Você costuma trazer sempre?

- Não. É que eu tava passando roupa, aí deu a hora de eu vir, aí falei: ‘Ah, vou levar um lençol lá’. E eu trouxe.

- (!? ... ) Bem, então podemos hoje mesmo experimentar esses toques nos pés. O que você acha? - julguei que tamanha "coincidência" não devia ser coincidência coisa nenhuma!

- Tá legal."

Terminada a Calatonia (que eu aplicava em pé devido à altura da maca), para surpresa minha eu tinha dificuldade de andar: a articulação direita entre o fêmur e a bacia não firmava, simplesmente não me obedecia e até doía um pouco, de modo que tive que me apoiar na mesa para não cair. A paciente, que já se sentava, reparou na minha dificuldade e comentou:

-“ Dra.! Eu é que sofro o acidente e a senhora é que manca!

- Acidente? Que acidente?"

Há seis meses ela fôra atropelada com o filho do lado de dentro do portão da creche (o motorista da creche estava bêbado) e ela atirara-se para salvar o filho, que só sofreu escoriações, mas ela fraturara exatamente aquela articulação, tendo que ficar imobilizada por alguns meses. Ela não relatara nada a respeito até então...

Ora, ora! Nem sei por que me surpreendo! A gente sabe que a coisa é assim mesmo...

Devagarinho, caso a caso, fui percebendo que havia possibilidade de formar um grupo de trabalho corporal. As pessoas aceitavam e gostavam. Predominantemente a clientela era de mulheres, donas de casa, um ou outro adolescente (eu não tinha material algum para trabalhar com crianças). Algumas mulheres perguntavam se o marido ou o filho não poderia receber o relaxamento, mas havia a dificuldade com o horário de trabalho de cada um. Talvez elas mesmas pudessem fazer algo para os seus, quem sabe aprendendo outras técnicas num grupo e experimentando aplicá-las. Sim, mas onde?

Em minhas "andanças" antes de ter a sala pronta, eu conhecera uma Igreja próxima, cujo "dono" era o Seu Onofre, uma das lideranças positivas do bairro ("dono" porque ele conseguira através de algum vereador a construção do prédio e era responsável por ele, decidindo que atividades poderiam utilizar o espaço paroquial). Autorizada por minha chefia, perguntei-lhe se eu poderia utilizar semanalmente a sala onde havia aulas noturnas do Mobral e ele concordou, sem reservas. Um pedaço grande de carpete que seria jogado fora pelo escritório de meu marido garantia a primeira proteção contra o frio das lajotas, e lá fomos nós: em março de 1992, o primeiro grupo agendado, cada paciente com sua toalha na mão, seguia-me curioso e animado até a Igreja. Levei o livro de anatomia, é claro. E não foi em vão. Da massagem nos pés (que inclusive foi trocada entre eles), passamos a olhar todos aqueles ossinhos que o livro nos mostra. Com o tempo, outras atrações se revelaram: a coluna, o estômago, o útero, a posição em que fica o bebê. Cada trabalho suscitava suas questões e vice-versa.

Outras pessoas se interessavam, e havia necessidade de adaptar o trabalho a várias circunstâncias. Experimentei grupo aberto, fechado, só de mulheres, de mulheres com crianças, etc. Em média, cada grupo (ou ciclo de um grupo) durava quatro semanas.

Não era fácil administrar pacientes "leves" juntamente com suicidas, mães que perderam seus filhos, pré-adolescentes responsáveis por seus 3 ou 4 irmãos menores, etc., mas como não havia possibilidade de abrir outros horários, fui arriscando. Embora fosse difícil manter "o conjunto", minha sensação era de que a oportunidade poderia ser proveitosa para todos. Houve alguns esbarrões, mas no geral acho que de fato foi muito bom.

Fiquei neste posto por 2 anos e muitas vezes ter o grupo de trabalho corporal como opção foi como um "trunfo" na manga. As lembranças são várias, ricas, surpreendentes.

Lembro-me especialmente de uma mulher, 34 anos, que viera trazida pelo marido. Perdera há um mês dois filhos, de 7 e 2 anos, vítimas de uma catapora que lhes afetara a meninge. Restara o do meio, com 4 anos. Obviamente, depressão e depressão e não "tínhamos papo". Ela não queria e nem saberia conversar. Insisti para que participasse do grupo, apesar das "laqueadas arrependidas" que também estariam lá. Ela acabou aceitando e eu que ficasse atenta com a condução dos temas do grupo!

Não me lembro por quanto tempo ela participou, nem de nenhuma grande intervenção de minha parte. Sei que alguns meses se foram e aos poucos ela foi "arranjando assunto" para nossas consultas individuais. Percebi que ela foi começando a se reajeitar na vida: mudou de casa, passou a fazer bombons para vender, acompanhava o filho na escola, voltou a desejar o marido. Eu não sabia da intensidade que o trabalho estava tendo para ela, até que me relatou um sonho:

"*Eu estava andando de ônibus numa estrada, aí aconteceu um acidente. Quando vi, um caixão tinha caído em cima de mim, a ponta dele bem no meu coração. Eu tava desesperada, não conseguia sair de lá. Aí, você tirou ele de cima de mim.* "

Eu não sabia o que dizer. Imediatamente ela começou a chorar (coisa que jamais acontecera em nossos encontros) e abraçou-me com força: "- Deus lhe pague!"

Sei bem que não tirei nada de cima de ninguém, e que entre despreparos e ingenuidade apenas não deixei escapar a chance de utilizar um recurso cujo alcance temos dificuldade de dizer ou mesmo de avaliar ...

## RUMI

## Arnaldo O. Bassoli Jr.

Jalal ad-Din Muhammad Din ar-Rumi, poeta e místico persa, nasceu em 1207, no Afeganistão, que era na época parte do Império Persa, e veio a falecer em 1273. Sua família emigrou para a Pérsia para escapar à invasão dos Mongóis, e ao final, se estabeleceu no que é hoje a Turquia ocidental.

Seu pai era um teólogo e jurista, místico de linhagem incerta. Com a sua morte, Rumi ocupou seu lugar de *sheikh*, instrutor e orientador, na comunidade religiosa local. Sua vida parece ter sido relativamente normal para um erudito religioso - ensinar, meditar, ajudar os pobres - até que, em 1244, com 37 anos, Rumi encontrou um estranho que lhe propôs uma questão. O estranho era um dervixe errante, Shams ad-Din, de Tabriz, que viajara pelo Oriente próximo procurando e orando por alguém que pudesse "aguentar a sua companhia". Uma voz veio: "O que dará em troca?" "Minha cabeça!". "Aquele que você procura é Jalal ad-Din de Konia".

A questão proposta por Shams fez o professor desmaiar. Ao que parece, era a seguinte: quem era maior, Maomé ou Bestami, sendo que Bestami disse: "Como é grande minha glória", enquanto Maomé reconhecera, em sua oração a Deus, que "Nós não O conhecemos como deveríamos".

Rumi percebeu a profundidade da questão, e finalmente - depois de voltar a si - respondeu que Maomé era maior, pois Bestami tomara um gole do divino e parara por aí, enquanto que para Maomé, o Caminho estava sempre se abrindo e expandindo. Há várias versões do encontro entre Rumi e Shams, mas quaisquer que tenham sido os fatos, os dois se tomaram inseparáveis. Sua Amizade é um dos mistérios; passavam meses sem qualquer necessidade humana, transportadas a uma região de pura conversação. Esta conexão extática causou dificuldades na comunidade religiosa - ciúmes e outras coisas similares. Por isso, Shams desapareceu tão repentinamente quanto surgira, e Rumi começou a tornar-se o grande artista místico que viria a ser no futuro: começou a escrever poemas, ouvir música e cantar, e dançar girando interminavelmente, hora após hora.

Rumi reencontrou Shams depois em Damasco, e o trouxe de volta a Konia. Dizem do reencontro dos dois, que caíram ambos aos pés um do outro, e que era difícil saber quem era o amante e quem era o amado, quem era o professor e quem era o aluno. Shams ficou na casa de Rumi, casou-se com uma jovem que fora criada pela família, até novamente desaparecer, provavelmente assassinado com o conhecimento de um dos filhos de Rumi - cumprindo a promessa de ter que entregar a própria cabeça.

O mistério da ausência do seu Amigo tomou a obra de Rumi. Novamente partiu atrás dele em Damasco, onde por fim escreveu:

Por que deveria eu procurar? Sou o mesmo

que ele. Sua essência fala através de mim.

Tenho procurado por mim mesmo!

A união estava completa; a *fana*, aniquilação no Amigo, era total. Shams ou Rumi escreveram os poemas? Nasceu a obra *Os trabalhos de Shams de Tabriz*.

Depois de Shams, Rumi encontrou outros Companheiros: Saladin Zarkub - a quem Rumi se dirige em muitos de seus poemas - e Husam Chelebi, seu discípulo predileto, a quem ditou os seis volumes da obra *Masnavi.*

A obra poética de Rumi consiste principalmente de quadras curtas ou de fábulas mais longas, chamadas *Masnavi*, nome também de sua obra principal. O *Masnavi* típico é um poema narrativo relativamente longo, feito de versos rimados, veículo para a expressão de histórias épicas ou românticas, com tema filosófico ou místico.

O estilo poético de Rumi caracteriza-se pela profundidade de sentimento e riqueza de imagens obtidas da vida cotidiana. Frequentemente suas idéias eram muito distantes das regras e conceitos ortodoxos da retórica persa e da religião muçulmana; no entanto, foi reconhecido como o grande Mestre e inovador em ambos os campos, e sua poesia trouxe um verdadeiro renascimento filosófico e religioso ao Islã. Seus seguidores fundaram a ordem Mevlevi, dentro do sufismo, que é a dos dervixes dançarinos, existentes até hoje. Essa ordem, sediada em Konia, na Turquia, deu origem, talvez, a mais importante das linhagens sufis.

O tema básico das poesias de Rumi é o amor. Ocupa-se com os problemas e questões relativos à conduta, significado e propósito da vida e com o anseio da alma humana pela união com Deus. Aquele a quem ele se dirige pode ser o mestre espiritual, Deus, ou qualquer um que seja amado; para ele, todas as formas do amor fazem parte do mesmo contínuo.

Os textos aqui apresentados foram rapidamente traduzidos do inglês, e são todos provenientes das quadras curtas, reunidas na edição americana "Open Secret".

**Quadras**

158

Muito além das idéias sobre o certo e o errado,

há um campo. Encontro-me com você lá.

Quando a alma estende-se na grama,

o mundo é grande demais para falar a respeito.

Idéias, linguagem, mesmo as palavras *eu* e *você*

não fazem nenhum sentido.

511

O elo claro, no centro, muda tudo.

Não há fronteiras para o meu amor agora.

Ouvi que há uma janela que se abre

de uma mente para outra,

mas se não há paredes, não há necessidade

de janelas, ou trancas.

568

A forma humana é um fantasma

feito de distração e dor.

Às vezes pura luz, às vezes cruel,

tentando desesperadamente abrir-se,

essa imagem que seguramos, apertada, dentro de nós.

914

Venha ao pomar na primavera.

Há luz e vinho, e seres amados nas flores de romã.

Se você não vier, estas coisas não importam.

Se você vier, estas coisas não importam.

1088

O mistério não se toma mais claro ao repetir-se a questão,

nem pode ser comprado indo-se a lugares maravilhosos.

Até que você tenha mantido seus olhos

e seu desejo imóveis por cinquenta anos,

ainda não começou a atravessar a confusão.

## NORMAS PARA PUBLICAÇÃO DOS ARTIGOS:

1 - Os artigos devem ser enviados em 2 cópias: Uma impressa e outra em disquete, utilizando-se o editor de texto Word6 ou PageMaker, para o Instituto Sedes Sapientiae, R. Ministro Godoi, 1484, Perdizes - S.P. Cep - 05015-900.

2 - Os artigos não devem ultrapassar 15 laudas (cada lauda com 22 linhas de 70 toques ou 1.500 caracteres).

3 - Por motivos técnicos não aceitaremos reprodução de fotos ou gravuras coloridas.

4 - As notas e referências bibliográficas devem ser colocadas no final do texto.

5 - O autor deverá fornecer informações se o artigo já foi publicado anteriormente.

6 - Deverá ser fornecido um resumo de 3 linhas para a PsicNet.

7 - Devem constar no final do artigo, nome, endereço completo e telefone do autor, bem como suas qualificações.

8 - Em anexo ao texto, deverá constar uma cessão de direitos autorais, conforme modelo abaixo:

Eu (nós) -------------------------------------------- envio (enviamos) o artigo \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ para publicação na Revista Hermes, e para tanto cedo (cedemos) os direitos autorais relativos a este artigo à revista em questão.

São Paulo, \_\_\_ de \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ 199 \_\_\_ \_

Assinatura(s)